



Ana Raquel Carvalho Rodrigues

A PERMANÊNCIA DA LÍNGUA ALEMÃ EM APRENDENTES DE PLNM

Volume I

Dissertação de Mestrado em Português Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos e co-orientada pela Doutora Rute Isabel Fernandes Soares, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A permanência da língua alemã em aprendentes de PLNM

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A permanência da língua alemã em aprendentes de PLNM
Autor/a	Ana Raquel Carvalho Rodrigues
Orientador/a	Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos
Coorientador/a	Doutora Rute Isabel Fernandes Soares
Júri	Presidente: Doutora Cristina Santos Pereira Martins Vogais: 1. Doutora Judite Manuela Silva Nogueira Carecho 2. Doutora Rute Isabel Fernandes Soares
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda
Área científica	Linguística Aplicada
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da defesa	11-07-2017
Classificação	17 valores



Índice – Volume I

Resumo.....	9
Abstract	11
Agradecimentos	13
Introdução.....	15
Lista de siglas	17
Capítulo 1 – Enquadramento: conceitos em aprendizagem de língua não materna	19
1.1. Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira	19
1.1.1. Língua Materna.....	19
1.1.2. Língua Não Materna.....	20
1.2. Do erro ao desvio – evolução das perspectivas de análise na aprendizagem de LNM	22
1.3. Interlíngua.....	26
1.3.1. Perspectivas sobre o conceito: Corder versus Selinker	26
1.3.2. Análise Contrastiva e Análise de Desvios	28
1.4. Transferência	30
1.4.1. O início do conceito	30
1.4.2. Os anos 70	31
1.4.3. De 1980 à atualidade	31
1.4.4. A previsibilidade da transferência.....	34
1.5. A transferência de Alemão Língua Materna (ALM) em Português Língua Não Materna (PLNM).....	35
Capítulo 2 – Áreas Críticas de PLNM para aprendentes com ALM	37
2.1. Introdução e justificação.....	37
2.2. Ortografia e influência da fonologia.....	37
2.3. Morfologia e Morfossintaxe	39
2.3.1. Formação de palavras	39
2.3.2. Flexão e concordância	41
2.3.3. Derivação.....	42
2.4. Sintaxe e Semântica	46

2.4.1. Sujeito nulo.....	46
2.4.2. Ordem dos constituintes	48
2.4.3. Determinantes	50
2.4.4. Estrutura de constituintes e estrutura argumental	53
2.4.5. Tempo, Aspeto e Modo	60
2.5. Organização do Léxico.....	66
Capítulo 3 – Opções metodológicas	73
3.1. Metodologia	73
3.2. Constituição do <i>corpus</i>	74
3.3. Tarefas levadas a cabo.....	76
3.4. Tipologia.....	77
Capítulo 4 - Resultados e discussão.....	85
4.1. Explicação prévia	85
4.2. Desvios transversais	85
4.3. Ortografia e influência da fonologia.....	87
4.4. Morfologia e Morfossintaxe	92
4.5. Sintaxe e Semântica	98
4.5.1. Determinantes	98
4.5.2. Sujeito	100
4.5.3. Ordem de palavras.....	101
4.5.4. Estrutura argumental e de constituintes	104
4.5.5. Tempo, Aspeto e Modo	109
4.6. Léxico.....	118
4.6.1. Troca de léxico na LA	119
4.6.2. Transferência a partir de outra LNM.....	122
4.6.3. Transferência a partir do ALM	125
Considerações Finais.....	135
Bibliografia.....	139

Índice – Volume II

Anexo – Agrupamento de desvios por categorias	5
1. Desvios ortográficos	5
2. Desvios na atribuição da marca de GEN	11
3. Desvios na determinação de nomes	13
4. Desvios no uso de preposições	15
5. Desvios na colocação do pronome pessoal átono	17
6. Concordância nominal em número	18
7. Desvios na concordância verbo-nominal.....	19
8. Desvios na seleção de formas verbais (tempo-aspeto-modo)	19
9. Desvios na seleção lexical	21
10.Desvios na estrutura argumental	25
11.Desvios na ordem.....	26
12.Desvios nas estruturas de sujeito	27
13.Conectores	28
14.Outros desvios	28

Resumo

Este trabalho pretende determinar até que ponto os aprendentes com alemão como língua materna (ALM) transferem estruturas da sua LM quando aprendem português como língua não materna (PLNM), que áreas linguísticas mostram sinais de transferência, e quão frequente é esse fenómeno, dos níveis A1 ao C1. De modo a atingir esses objetivos, foi analisado um *corpus* de textos escritos em português por aprendentes com ALM. Foram feitas duas análises. A primeira, de carácter exploratório, permitiu identificar as principais áreas linguísticas afetadas pela transferência. A segunda, mais minuciosa, permitiu separar os desvios influenciados por transferência de LM dos desvios com outras possíveis origens.

Após a recolha e análise de dados, pode concluir-se que a transferência de ALM para PLNM é visível nos seguintes subdomínios linguísticos: ortografia, flexão e concordância, estruturas de sujeito nulo, ordem dos constituintes, determinantes, estrutura argumental, semântica do tempo verbal, do modo e do aspeto, e constituição do léxico. A língua materna tem impactos diferentes, dependendo do nível de aprendizagem, o que se fundamenta numa comparação entre desvios nas estruturas gramaticais e usos de alemão e de português. Também se encontram indícios de transferência de outras LNM, embora outro estudo, mais pormenorizado, deva ser executado para aprofundar este fenómeno.

O trabalho pretende ser um contributo para uma subárea específica da linguística aplicada: o desenvolvimento de materiais instrucionais em Português como Língua Não Materna (PLNM), desenhados especificamente para aprendentes com ALM. Dado que um número cada vez maior de alemães aprende português em contexto formal, uma investigação como esta, focada nas dificuldades destes aprendentes, é necessária para fornecer informação concreta a professores, investigadores e editoras, que permita o aperfeiçoamento de recursos já existentes.

Palavras-chave: *linguística aplicada, português como língua não materna, alemão como língua materna, transferência, desvio.*

Abstract

This work aims to assess how far native German speakers retain their mother tongue when learning Portuguese as a foreign language, which linguistic areas show signs of transfer from the mother tongue, and how frequent is this transfer at different learning levels, from A1 to C1. In order to achieve these goals, a set of texts written in Portuguese by German learners were analysed in two phases. The first, an experimental analysis, showed the main areas affected by language transfer. The second one, a more thorough analysis, allowed us to separate errors influenced by the learners' mother tongue from errors with other origins.

After data collecting and analysis, we were able to determine that transfer from the mother tongue to Portuguese does take place, and that it affects different linguistic areas: orthography, inflection and agreement, null subject structures, word order, determiners, argument structure, time/tense, verbal mood, verbal aspect and organization of the lexicon. This is shown through a comparison of German and Portuguese grammatical structures and general uses. Evidence of transfer from other foreign languages was also found, although a more detailed study must be done in order to prove it.

This work is useful within applied linguistics for the development of instructional materials in Portuguese as a non-mother tongue specially designed for learners with German as a mother tongue. Given that an increasing number of Germans learn Portuguese in formal contexts, an investigation such as this is necessary in order to provide teachers, researchers and publishers with concrete information focused on these learners' difficulties, so that learning materials can be improved.

Keywords: *applied linguistics, Portuguese as a non-mother tongue, German as a mother tongue, transfer, error.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos e à Professora Doutora Rute Isabel Fernandes Soares pela orientação científica, amizade, e ajuda, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

À Professora Claudia Ascher, pelo tempo disponibilizado na verificação dos dados dos aprendentes, e pela amizade desde a licenciatura.

À Doutora Judite Carecho pela disponibilização de materiais científicos.

Ao Tiago, o meu namorado, pela paciência e afeto.

Aos meus pais, irmã, restante família e amigos, pelo vosso apoio.

Introdução

Seja pelo aumento de imigrantes portugueses na Alemanha, seja pelo aumento de popularidade de cidades como Lisboa e Porto, cada vez mais alemães se interessam por Portugal e pela cultura portuguesa. Este incremento da presença alemã resulta numa maior procura de cursos de português, tanto para fins turísticos como para estudo. Contudo, nem sempre os materiais didáticos existentes são pensados para as necessidades deste público, o que pode torná-los menos adequados.

É dessa necessidade que surge o presente trabalho. A produção de livros e dicionários mais adequados aos aprendentes com alemão como língua materna, assim como a reorganização do número de horas dedicadas a cada competência precisa de estudos que identifiquem as dificuldades destes alunos. Dado que a transferência da língua materna é uma das estratégias de aprendizagem mais comuns, os principais objetivos deste estudo são: (i) averiguar até que ponto os aprendentes com alemão como língua materna recorrem à transferência na produção de português como língua não materna, (ii) identificar áreas críticas e padrões de desvio causados por essa transferência e (iii) indicar em que níveis de aprendizagem a transferência ocorre, ou se fossiliza.

Pretendemos, portanto, responder às seguintes questões: (i) qual o papel que o alemão tem na aprendizagem de português como língua não materna, (ii) que efeitos pode essa transferência ter nos vários campos linguísticos, e (iii) que domínios são mais afetados pela transferência. As hipóteses das quais partimos para o trabalho são: (i) existe transferência de uma língua para a outra, (ii) os aprendentes diminuem a transferência com o aumento da proficiência, e (iii) a transferência é mais frequente no léxico.

Para atingir estes objetivos analisámos um conjunto de 42 textos em português, redigidos por aprendentes com alemão como língua materna. Foi necessário fazer uma primeira análise exploratória para testarmos a tipologia escolhida, após a qual fizemos um segundo varrimento completo, com todos os desvios corretamente categorizados.

Organizamos o trabalho em quatro capítulos para além da secção introdutória e final e de um volume anexo, com exemplos. O capítulo 1 contém o enquadramento teórico necessário para sustentar o estudo, pelo que são definidos os conceitos fundamentais. De forma a explicar o contraste entre os desvios causados pela permanência do alemão e os que demonstram progresso na aprendizagem, apresentamos

aqui os conceitos basilares de língua materna (LM) e língua não materna (LNM), para a partir deles falar de *interlíngua* e de *transferência*. Os principais autores referenciados são Selinker (1972), Corder (1967, 1982) e Ellis (1997). É também abordada a distinção entre *erro* e *desvio* e a diferença entre análise de desvios e análise de erros. Dedicamos uma maior atenção ao conceito de transferência, por ser o ponto fulcral do trabalho.

Expomos o funcionamento em português dos aspetos linguísticos cuja aprendizagem parece ser mais difícil no capítulo 2, de forma breve e com incidência apenas no que causou desvios. Apresentamos questões ortográficas, fonéticas, de flexão e concordância nominal e verbal, e ainda questões sobre os argumentos numa frase, o tempo-aspeto-modo e a organização de léxico. Todos estes tópicos são descritos com recurso a Raposo (*et alii*, 2013a e 2013b) e estão organizados por ordem de crescente importância.

Incluimos as escolhas metodológicas no capítulo 3, onde é explicada a dimensão do *corpus* e a sua proveniência, assim como o desenvolvimento das tarefas realizadas. Procedemos também à exposição dos motivos pelos quais foi necessário adaptar a tipologia de desvios, e que categorias integra.

Por fim, no capítulo 4 apresentamos a descrição dos resultados e respetiva discussão. A estrutura deste capítulo assemelha-se à do capítulo 2, estando organizada conforme a crescente relevância de cada tópico na sua secção, e entre secções. Para cada padrão identificado damos uma possível explicação sobre a sua origem. Todos os exemplos analisados resultam de uma seleção efetuada dentro de diferentes padrões. A totalidade dos exemplos foi reunida num Anexo (ver vol. II).

As considerações finais sintetizam a informação obtida e oferecem sugestões de trabalho futuras, com aplicação em materiais destinados a estes aprendentes.

Lista de siglas

- AC – Análise contrastiva
- AD – Análise de desvios
- ALM – Alemão como língua materna
- GEN - género
- IL – Interlíngua
- LA – Língua-alvo
- LM – Língua materna
- LNМ – Língua não materna
- NUM - número
- PLNM – Português como língua não materna
- SN – Sintagma nominal
- SP – Sintagma preposicional
- SV – Sintagma verbal

Capítulo 1 – Enquadramento: conceitos em aprendizagem de língua não materna

1.1. Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira

1.1.1. Língua Materna

De uma forma simplificada, o conceito de *língua materna* (LM) denota a língua que falamos desde a infância. Para portugueses que sempre habitaram no país, a LM é, automaticamente, o português. Para migrantes e descendentes de migrantes, todavia, a LM pode não ser um conceito tão claro, nem ser uma língua única.

No *Dicionário de Ensino de Línguas* (Richards e Schmidt, 1985: 386), a LM é descrita como a língua adquirida na infância, seja aquela que é usada em família seja a falada no país em que se habita. Em situações de multiculturalidade que exigem da criança o uso de mais do que uma língua, LM é aquela que a criança se sente mais à vontade em utilizar. O conceito de Richards e Schmidt assemelha-se ao exposto por Hans Stern (1983: 10-11), na medida em que também ele argumenta ser a LM a primeira língua, adquirida no seio da família, na qual a criança deve ter uma elevada competência.

A LM pode também ser entendida literalmente como a língua falada pela mãe quando comunica com o filho, depreendendo-se que será a mãe a interlocutora mais próxima da criança. Contudo, se quem cuida da criança não for apenas a mãe, mas também o pai, avós, ou uma ama, e se essas pessoas falarem outra língua, o *input* (ou informação que o aprendente recebe sobre a língua) a que a criança é exposta favorece a situação de bilinguismo ou mesmo de multilinguismo (Pokorn, 2005: 2).

Casos complexos como o sugerido levam Pokorn (2005: 2) a propor o uso do termo *Língua Primeira* (L1), por este se referir claramente à primeira língua que a criança adquire. O autor apresenta ainda dois termos que podem substituir LM, nomeadamente *home language* (*língua de casa*, tradução nossa), falada apenas em casa, com a família, e *dominant language* (*língua dominante*, tradução nossa), que denota a língua prevalecente num certo ambiente ou situação, como no trabalho ou na escola. Stern (1983: 10-11) sugere ainda que seja feita uma distinção entre a L1 como a “primeira língua adquirida na infância” e L1 como “língua de uso dominante”. Para isso, propõe que *língua materna* seja sinónimo da língua adquirida na infância, e *língua*

primária signifique a língua de uso dominante, com o termo L1 a exprimir ambos os conceitos.

A problemática da definição de LM relaciona-se ainda com os objetivos de cada autor que a define e qual o critério aplicado: origem, competência, função, e identificação externa e interna (Pokorn 2005: 3-4). No primeiro critério, por exemplo, a primeira língua a adquirir será sempre a LM. Sob esta perspetiva, um filho de imigrantes portugueses na Alemanha tem como LM o português. Por outro lado, se dominar melhor o alemão do que qualquer outra língua, já será o alemão a sua LM, de acordo com o critério da competência. Por fim, se tiver crescido a falar um dialeto alemão no seu quotidiano, pode ainda considerar-se falante nativo desse dialeto.

O conceito de LM é, portanto, pouco consensual, o que vai resultar sempre numa delimitação que deixa de parte as características de um ou de outro grupo de falantes. Qualquer proposta de definição depende dos objetivos. Para os efeitos deste trabalho, considera-se então LM de acordo com dois critérios combinados: é a língua que se fala desde o nascimento e na qual se tem maior competência. Neste sentido, os aprendentes que produziram os textos do *corpus* (ver cap. 3) são todos falantes de alemão como língua materna (ALM).

1.1.2. Língua Não Materna

O termo *língua não materna* (LNM), diretamente oposto a LM, engloba vários conceitos, como *língua segunda* (L2) e *língua estrangeira* (LE)¹, e se, por um lado, podemos considerar as duas noções como sinónimas, por outro, há circunstâncias em que é necessário distingui-las (Stern, 1983: 15-16).

Tal como a LM, também a LE se pode distinguir da L2, recorrendo, por exemplo, ao critério da ordem de aprendizagem e ao critério do contexto espacial em que a língua é aprendida e usada (Leiria, 2004). Sob uma perspetiva cronológica, como a de Ellis (1997: 3), L2 refere-se a qualquer língua aprendida depois da LM. Stern (1983: 11-12) defende algo semelhante, com a diferença de L2 ter o sentido literal de segunda língua aprendida, quer exista um intervalo temporal de meses ou anos entre a aquisição de LM e a aprendizagem de L2.

¹ Flores (2013) inclui em LNM o termo *língua de herança*, definida como a língua usada por filhos de emigrantes que nasceram num país de emigração, e que aprendem a língua dos pais e a falada no país simultaneamente, ainda pequenos. Com o tempo, é expectável que diminua o desenvolvimento e uso dessa língua de herança.

Face à necessidade de distinguir os conceitos, este autor considera que L2 designa uma língua não materna falada e utilizada num determinado país, como o alemão na Suíça, ao passo que LE denota uma língua aprendida e usada por uma comunidade num país em que a língua não tem estatuto oficial: por exemplo, o inglês aprendido nas escolas portuguesas. Uma L2 tem, normalmente, algum estatuto oficial ou é útil no dia-a-dia de um dado país, o que não se aplica a uma LE.

Já Richards e Schmidt (1985: 224-5) consideram LE sinónimo de LNM e definem-na como uma língua ensinada apenas na escola, e que não serve, portanto, como meio de comunicação fundamental no governo ou nos meios de comunicação. Desta forma, a LE não tem nenhum estatuto especial no plano linguístico nem é relevante para uso quotidiano do país ou região.

Por sua vez, o conceito de L2 pode corresponder a uma língua que, em muitas partes do mundo, tem estatuto oficial, ou, mesmo que não o tenha, é usada pelos falantes no dia-a-dia, ou faz parte da sua competência, por exemplo, porque é prioritariamente ensinada na escola, tal como acontece com o inglês nos países nórdicos (Crystal, 2003: 4-5).

Através de Crystal é possível depreender, portanto, que a diferença entre L2 e LE tem por base o estatuto da língua no país. Leiria (2004: 1) defende uma posição semelhante, ao dizer que uma LE “pode ser aprendida em espaços fisicamente muito distantes daqueles em que é falada e, conseqüentemente, com recurso, sobretudo, a ensino formal.” Sobre a L2, a mesma autora diz que

[É] frequentemente a ou uma das línguas oficiais. É indispensável para a participação na vida política e económica do Estado, e é a língua, ou uma das línguas, da escola. Por ser língua do país, disponibiliza geralmente bastante input e, por isso, pode ser aprendida sem recurso à escola.

Após o critério cronológico e espacial, ou sociopolítico, surgem ainda dois critérios essenciais segundo Leiria (2004: 5): o nível de proficiência e os objetivos de aprendizagem. Sobre o nível de aprendizagem, a autora afirma que é possível considerar uma LE como algo estranho ou novo para o indivíduo que a aprende, o que resultaria em todos os principiantes perspetivarem a língua sempre como LE, sem alteração de estatuto possível. Já os objetivos de aprendizagem dizem respeito à forma e à motivação com que um indivíduo aprende uma língua, e Leiria dá o exemplo de jovens viajarem

para os países onde a LA é falada para colmatarem o *input* em falta e acelerarem a aprendizagem.

Tanto Stern (1983) como Leiria (2004) apontam o facto de uma LE ser aprendida com diversos objetivos em mente, desde viajar, ler literatura na sua língua original, comunicar com falantes nativos do país, entre outros. Para além disso, uma LE precisa de mais instrução, com Leiria a acrescentar que deve ser feito um esforço para produzir e utilizar materiais didáticos “autênticos” de forma a compensar a falta de estímulo no dia-a-dia. Já uma segunda língua, por ser usada dentro do país, aprende-se ao mesmo tempo que se ouve e se usa no quotidiano, o que torna a aprendizagem mais informal e rápida.

Resta colocar a questão de ser realmente pertinente distinguir os dois termos. Se o objetivo da investigação estiver relacionado com a forma como o *input* é processado, Isabel Leiria (2004: 8) defende que a diferença é algo irrelevante, embora possa ser pertinente se o foco for o contexto de aprendizagem.

Pode então dizer-se, em suma, que L2 corresponde à língua que tem estatuto oficial num país, usada na escola e na comunicação social. Já LE corresponde a qualquer língua aprendida num país que não a fala de forma oficial, e que não é necessária no quotidiano. Esta distinção, porém, não permite delimitar claramente os dois conceitos um em relação ao outro. Dados os objetivos deste trabalho, que tem como tema principal a permanência de estruturas do alemão como língua materna (ALM) na aprendizagem de português enquanto língua não materna, foi decidido substituir ambos os termos por *língua não materna*, doravante PLNM, porque falamos da língua portuguesa. Trata-se igualmente da língua-alvo (LA), isto é, da língua que os aprendentes cujas produções escritas são analisadas pretendem vir a dominar.

1.2. Do erro ao desvio – evolução das perspetivas de análise na aprendizagem de LNM

No âmbito da aprendizagem de uma LNM, estudar os desvios de aprendentes tem sido uma prática comum na linguística, especialmente desde os anos 60, altura em que se alterou a perspetiva com que eram considerados esses desvios. No início, tais produções eram associadas a um ensino de baixa qualidade, e à pouca motivação do aprendente, além de serem consideradas do ponto de vista do ensino de LNM. A

investigação tomava os desvios como algo a corrigir, não como marcas de progresso em direção à LA.

Esta perspetiva alterou-se primeiramente devido ao trabalho de Corder em 1967, mas foi sobretudo Selinker (1972) que a revolucionou. Ambos contribuíram para que esses desvios deixassem de ser considerados como meras distrações e passassem a ser vistos não só como indícios de interferência da LM mas também enquanto sinal dos progressos na aprendizagem da LNM.

O foco também se transformou, passando a estar centrado no aprendente, em vez de, como antes, estar centrado no ensino. A atenção passou para o modo como se aprende uma LNM, de forma a descobrir, por exemplo, quais as dificuldades do aprendente, que mecanismos cognitivos estão presentes e em que altura da aprendizagem, e que circunstâncias os influenciam. É esta perspetiva que o presente trabalho defende sobre a aprendizagem de PLNM, e para a qual é necessário esclarecer a diferença entre *desvio* e *erro*.

Os aprendentes produzem, tanto na oralidade, como na escrita, formas que não estão de acordo com o que se considera ser a norma-padrão da LA. Algumas surgem por pura distração, outras por falta de conhecimento da LA. Para distinguir mais facilmente entre ambas, Corder (1967: 10) e Ellis (1997: 17) usam os termos *error* e *mistake*, em português *desvio* e *erro*, respetivamente. De acordo com os autores, um *desvio* caracteriza uma situação sistemática, que revela o plano linguístico do aprendente num determinado momento da aprendizagem, e da proximidade em relação à LA. O *erro* reflete uma situação esporádica, aleatória, que resulta de falhas da performance do aprendente. Dada a sua inconsistência, os erros não costumam ser tidos em conta em estudos deste género, pois não oferecem informação relevante sobre a aprendizagem de LNM. A consistência é, aliás, a única forma de distinguir se um enunciado é errado e acidental, ou, pelo contrário, desviante.

Para os efeitos deste trabalho, e como todos os textos foram produzidos por indivíduos diferentes, consideramos desvio as ocorrências que formam um padrão, ao passo que ocorrências singulares e inexplicáveis são tidas como erro.

Os desvios são, portanto, sistemáticos e previsíveis até certo ponto, tanto os desvios realizados pelo mesmo aprendente, como por aprendentes com a mesma LM. Nos anos 60, por exemplo, associava-se facilidade e dificuldade de aprendizagem de LNM à LM do aluno. Ou seja, se a LM e a LA partilhassem um número considerável de traços e características, a aprendizagem seria mais rápida, mas se as diferenças fossem

maiores, o aprendente enfrentaria um desafio mais difícil, o que resultaria em maior complexidade (Hinkel, 2011: 266).

Segundo Ellis (1997: 19), os desvios podem ter várias origens. Desvios de omissão, por exemplo, refletem uma tentativa de simplificar a tarefa de usar e aprender a LNM. Desvios de sobregeneralização (que consistem em aplicar as mesmas regras gramaticais a todas as circunstâncias) mostram que o aprendente prefere usar estruturas fixas, que também são mais fáceis de compreender e de memorizar. Os restantes desvios considerados pelo autor, contudo, indicam uma vontade de o aprendente recorrer aos conhecimentos da sua LM, os chamados *desvios de transferência*, que são os mais relevantes para o presente trabalho e que serão tratados mais à frente.

A importância da análise de desvios prende-se com as relações entre a aquisição da LM – no caso da presente dissertação, a língua alemã – e a aprendizagem da LNM, isto é, o português. Segundo Corder (1982: 6), a mudança de perspectiva para com os desvios criou um maior interesse pelo processo de aprendizagem e também alguma curiosidade por saber se existem paralelos entre a aquisição de LM e a aprendizagem de LNM. Enquanto a aquisição da primeira língua é inevitável, aprender uma outra língua implica motivação, e ocorre após o indivíduo ter criado determinados comportamentos linguísticos.

Todo o ser humano possui mecanismos inatos para a aquisição da LM, mecanismos esses que continuam disponíveis para a LNM, e que, através de exposição ao *input*, isto é, à informação disponível, permitem que o indivíduo crie conhecimento sobre essa mesma língua. Se nos guiarmos por este pressuposto, faz sentido afirmar que alguns dos desvios dos aprendentes contêm traços da estrutura linguística da sua LM, e que todos mostram o conhecimento subjacente que esses aprendentes já têm da LNM. Jack Richards (1974: ix) sustenta esta ideia, dizendo que analisar desvios “deve permitir uma formulação de regras dos sistemas interlinguísticos do aluno, fornecendo ao professor uma confirmação daquilo que resta aprender” (tradução nossa).

A análise de desvios permite também mostrar-nos algo sobre os processos sociolinguísticos de aprendizagem de uma língua (Corder, 1982: 35). Já em 1967 Corder invocava, além desta, outras razões para a análise de desvios dos aprendentes: (i) os resultados são úteis para a criação de materiais didáticos e para os professores compreenderem o processo de aprendizagem; (ii) a análise fornece ao investigador dados sobre como a língua é aprendida e que estratégias estão a ser usadas; e (iii) é indispensável para que o aprendente possa ele próprio aprender com esses mesmos

desvios. Ellis (1997: 15) aponta motivos semelhantes e acrescenta que desta forma é possível saber não só como é que os desvios se alteram ao longo da aprendizagem como também identificar padrões da aquisição de LNM.

Por outras palavras, a análise de desvios permite saber quantos e quais os aspetos do currículo escolar foram realmente aprendidos. Ao mesmo tempo, ajuda a revelar os métodos utilizados pelo aprendente e o sistema linguístico que possui num determinado momento, (mesmo que não seja ainda o sistema mais correto, do ponto de vista da norma-padrão da LA).

Analisar desvios não é, contudo, uma tarefa simples. Corder (1982: 21) ilustra as dificuldades com enunciados que, retirados do seu contexto, são perfeitamente aceitáveis, mas que, analisados no corpo do texto, têm características desviantes, o que permite afirmar que todas as frases devem ser tidas como desviantes até prova em contrário.

No presente trabalho não optámos por uma perspetiva tão radical, mas procurámos seguir os três passos sugeridos por Corder (1982: 24): (i) identificar o desvio e fornecer a frase na LM e na LA; (ii) descrever a situação, numa comparação entre as duas línguas; e (iii) explicar o motivo do desvio.

A chave para uma análise de desvios bem conseguida relaciona-se com a interpretação que o investigador faz dos desvios, no passo (i), mas, por vezes, descobrir qual o significado que o aprendente queria transmitir torna-se mais complicado do que parece, por o contexto nem sempre apresentar fatores que permitam favorecer uma dada interpretação mais do que outra igualmente possível (Corder 1982: 22). Além disso, e segundo Corder, a melhor maneira de identificar um desvio é reconstruir o enunciado do aprendente na LA e compará-lo com o produzido pelo aluno. No caso do presente trabalho, como é impossível entrevistar os alunos sobre o significado pretendido, seguimos a sugestão do próprio autor, fazendo uma interpretação da frase desviante com base na forma e no contexto linguístico e situacional. Apesar de todo o cuidado que possamos ter com a interpretação, a verdade é que “não podemos ter sempre a certeza absoluta de que interpretamos corretamente aquilo que nos é dito na nossa própria língua” (Corder 1982: 38, tradução nossa). Ellis (1997: 15-18) indica o mesmo problema, com uma chamada de atenção para enunciados com a gramática perfeita, mas que não seriam os escolhidos por falantes nativos no mesmo contexto.

1.3. Interlíngua

1.3.1. Perspetivas sobre o conceito: Corder versus Selinker

Seja qual for a interpretação feita, os desvios realizados mostram que “os aprendentes tendem a ir além do *input* disponível, produzindo desvios que exibem uma construção ativa de regras, que, apesar de não seguirem as da LA, guiam a sua performance na LNM” (Ellis, 1997: 30, tradução nossa). Neste processo, os alunos criam um sistema abstrato de regras, uma gramática mental única, com influências da sua própria LM, mas sem se assemelhar a ela, e que evolui à medida que são adquiridos novos conhecimentos na LA².

A aquisição de uma LNM tem como ponto de partida, portanto, este instrumento inato, que “guia os aprendentes no desenvolvimento sistemático do seu sistema linguístico, ou ‘competência transitória’” (Tarone, 2006: 748, tradução nossa). À medida que a competência linguística na LA aumenta, cria-se um dialeto, visível através das idiossincrasias dos aprendentes.

Quanto aos desvios, é geralmente aceite que muitas das idiossincrasias de um aprendente de LNM contenham alguma semelhança com a sua LM. Por este não ser um fenómeno discutível, resta explicar o porquê da sua ocorrência. Uma explicação possível é a de que o aprendente traz práticas da sua LM para a LA, o que origina interferência. A outra possibilidade é a que resulta do facto de a aprendizagem de uma língua ser uma atividade cognitiva de processamento de dados e formação de hipóteses. Se seguirmos esta segunda explicação, as idiossincrasias mostram as hipóteses que o aprendente está a testar sobre a LA para, com o tempo, aproximar as suas hipóteses das da norma dessa mesma LA (Corder, 1982: 24-5).

É a Larry Selinker que se atribui a cunhagem do termo *interlíngua* (IL), em 1972, para descrever um sistema linguístico comum a todos os aprendentes de uma LNM, com uma proficiência inferior à de um falante nativo. Partindo do trabalho de Weinreich e de Lenneberg, Selinker teoriza que o indivíduo possui estruturas psicológicas, ou linguísticas, latentes, que são ativadas somente quando se tenta aprender uma segunda língua.

² A este fenómeno, Corder atribui o nome de “dialeto idiossincrático”. Corder define o dialeto como tendo duas características: segue algumas regras da LA, e os enunciados dos aprendentes têm sentido, ou é essa, pelo menos, a intenção. No entanto, não usaremos esta expressão no presente trabalho, por razões que se tornarão claras mais adiante.

A IL não é, todavia, apenas outro mecanismo de aprendizagem de LNM. É constituída por normas, diferentes tanto da LM como da LA, que compõem um sistema linguístico novo, único, capaz de configurar regras, e que contém os aspetos comuns a qualquer outra língua natural. Ao contrário do *dialeto* de Corder (ver nota 2), a IL tem um padrão universal ou idêntico entre falantes que partilham uma LM.

Para estudar o desenvolvimento de uma IL, os únicos dados possíveis são os que realmente são realizados, ou seja, os enunciados produzidos na LA pelos aprendentes. Se um falante nativo da LA tivesse que produzir o mesmo enunciado, ou se o aprendente o pudesse produzir na sua LM, o resultado seria diferente. São, portanto, essas diferenças entre a LA e o *output* que indicam o caminho da IL ao longo da aprendizagem.

Segundo Selinker (1972: 216), o sucesso na aprendizagem de LNM depende da reorganização do material linguístico da IL à semelhança da LA, algo que envolve cinco processos fundamentais: (i) transferência da LM; (ii) transferência ligada à prática (ex.: se aluno fizer sempre exercícios na segunda pessoa do singular, não vai saber usar as restantes); (iii) estratégias de aprendizagem de LNM; (iv) estratégias de comunicação em LNM; e (v) sobregeneralização ou simplificação dos padrões da LA³. Embora a ocorrência e frequência destes processos sejam diferentes de aprendente para aprendente, Selinker aponta para a possibilidade de encontrar padrões tanto entre indivíduos com a mesma LM, o que justifica desvios de transferência e interferência linguística e explica a recorrência de alguns desvios, como entre indivíduos com LM distintas, o que sugere a existência de desvios transversais a todos os alunos.

Os desvios fazem, então, parte da aprendizagem de LNM e revelam a evolução dos aprendentes. Contudo, o autor defende que apenas 5% dos aprendentes de LNM adultos alcança um nível de proficiência equivalente ao de um falante nativo. A razão para a percentagem ser tão baixa deve-se a outra característica fundamental da IL, a *fossilização*.

Este conceito é determinado por itens linguísticos, regras e subsistemas que os falantes de uma LM tendem a manter na sua IL relativa a uma LA em particular, independentemente da idade, da extensão do ensino ou das explicações sobre a LA (Selinker, 1972: 215). Tais itens costumam reaparecer como desvios ao longo do percurso do indivíduo, mesmo quando se pensava estarem resolvidos, e alguns estudos

³ Conforme o proposto na secção 1, substituímos os termos *native language* por LM e *second language* por LNM.

mostram que é impossível eliminá-los por completo. Por outras palavras, este fenómeno, conhecido como *backsliding*, pode ser explicado como um retorno a um estado anterior de aprendizagem, em que o aprendente comete desvios numa estrutura linguística que já estava aprendida corretamente. Tal pode suceder quando o indivíduo tem de se concentrar num novo aspeto gramatical, mais complexo, ou é influenciado pelo seu estado psicológico.

De forma a podermos ter uma melhor compreensão do funcionamento da fossilização, é necessária a realização de estudos longitudinais que sigam um ou vários aprendentes ao longo da sua aprendizagem. Estudos deste género conseguem indicar se o aprendente esteve exposto a *input* reduzido, e se certas estruturas linguísticas têm tendência a fossilizar dada a restrição de *input*.

A fossilização pode afetar uma dada competência da IL de um aprendente, mas também as de um grupo com uma situação linguística semelhante. Nessa circunstância, os domínios fossilizados são os mesmos para todos os membros do grupo, com diferentes níveis de incidência.

Tanto Selinker como Corder defendem a existência de um sistema linguístico contínuo nos aprendentes de LNM, no qual os desvios demonstram tanto o progresso do aluno como a influência da LM na aprendizagem. Todavia, Selinker trata a IL como algo dinâmico, que se reestrutura constantemente e resulta da combinação da LM do aprendente com a LA, sendo o dinamismo e a evolução características intrínsecas da IL. Para o autor, os desvios têm origem não só na transferência de LM como de outras LNM ou acontecem por outros motivos, algo que Corder não toma em consideração.

A estes aspetos fulcrais da IL é necessário acrescentar ainda o problema de saber quanto da LM é transferida para a LA, e de como essa transferência se processa (ver cap. 4). Os resultados deste estudo podem também ser úteis para compreender o desenvolvimento da IL de um aprendente alemão, partindo da sua LM. Apesar disso, este trabalho terá como foco principal os desvios e a transferência de ALM.

1.3.2. Análise Contrastiva e Análise de Desvios

As décadas de 60 e 70 foram bastante frutíferas na produção de estudos sobre desvios, sob diferentes perspetivas. Nesse período de tempo, dois tipos de análise tornaram-se centrais, a análise contrastiva (AC) e a análise de desvios (AD).

A Análise contrastiva (AC) proposta por Robert Lado em 1975 na sua obra *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers* (University of Michigan Press: Ann Arbor) tem como principal objetivo a comparação e contraste dos sistemas linguísticos de duas línguas, a fim de identificar as suas diferenças e semelhanças estruturais (*apud* Richards, 1974: 138). A hipótese fundamental deste tipo de análise dita que semelhanças entre a LM e a LNM facilitam a aprendizagem, enquanto as diferenças tornam o processo mais lento, e todos os desvios na LNM são decorrentes de transferência. À medida que mais estudos foram produzidos, a AC começou a cair em declínio, não só por nova investigação provar que nem todos os desvios são causados pela LM, mas também porque nem sempre o afastamento ou a proximidade entre línguas são fonte de maior ou menor dificuldade para os aprendentes, respetivamente.

O tipo de análise que vingou após a AC é um instrumento de pesquisa que consiste na identificação, descrição e explicação de desvios. Nos primeiros estudos realizados, a AD provou que nem todos os desvios provêm de influência da LM, e que os aprendentes são criadores ativos de sistemas linguísticos, que vão desenvolvendo à medida que avançam na aprendizagem (VanPatten e Benati, 2010: 82).

Dado que os desvios têm outras origens que não a LM, a AD distingue entre desvios *interlinguísticos* e *intra-linguísticos*. Os primeiros são, de facto, atribuíveis à influência da LM, mas os segundos são independentes desta e estão ligados ao próprio processo de aprendizagem. Por essa razão, é expectável que aprendentes de uma LA com LM distintas cometam os mesmos desvios (Loewen e Reinders, 2011: 59).

A AD tem sido criticada e estará mesmo em desuso, o que, segundo Loewen e Reinders (2011: 60), se deve ao facto de se restringir às produções desviantes dos aprendentes e de ignorar as estratégias de evitamento. Apesar disso, este tipo de análise é útil se partir de um *corpus* cujos aprendentes tenham a mesma LM, por permitir identificar áreas críticas desses aprendentes e, por essa via, ajudar também a produzir materiais instrucionais específicos. Por essa razão, foi utilizada no presente trabalho.

1.4. Transferência

O conceito de *transferência*, em parte oriundo da psicologia, tem-se alterado ao longo do tempo até no âmbito da investigação sobre aprendizagem de LNM. Dado que é um conceito fulcral para a dissertação, iremos traçar a sua evolução desde os anos 50, de forma breve, mas fazendo referência aos principais estudos realizados.

1.4.1. O início do conceito

Nos anos 50 e 60, a transferência estava associada às teorias behavioristas, de acordo com as quais a aprendizagem de uma LNM tem por base a criação de hábitos. A investigação da época procurou salientar a interferência da LM na aprendizagem e como consequência, procurou-se perceber o alcance da transferência na LA a partir da LM (Gass e Selinker, 2008: 126-7). Se, no início, a transferência era o obstáculo principal e uma variante independente dos restantes mecanismos envolvidos na aprendizagem, desde 1960 que a perspetiva passou a considerar outros fatores que também influenciam esse processo, levando a um decréscimo do impacto percebido da transferência (Yu e Odlin, 2016: 17).

Uma das primeiras definições do termo é a de Lado (*apud* Gass e Selinker, 2008: 89), para quem a transferência corresponde a uma tendência de transportar as formas e significados tanto da língua como da cultura materna para a língua e cultura não maternas. Essa transferência ocorre sempre que o falante tenta utilizar a LNM ou integrar-se na cultura dessa LNM, mas também quando procura entender a língua e a cultura dos falantes nativos.

No momento da publicação da obra de Lado era visível a necessidade de material didático com *input* real. De forma a produzir este tipo de materiais, contudo, era preciso fazer contrastar a LM com a LA para descobrir quais as diferenças e semelhanças. O material que surgiu desta necessidade tinha por detrás seis pressupostos: 1) a língua é um hábito, e aprender uma língua requer o desenvolvimento de outros hábitos; 2) a fonte principal de desvios na produção de LNM é a LM; 3) é possível identificar os desvios através da comparação entre LM e a LA; 4) quanto maior for a diferença entre LM e LA, mais desvios ocorrerão; 5) só devem ser aprendidas as diferenças entre as línguas; 6) a dificuldade ou facilidade em aprender a LA está diretamente ligada às semelhanças e diferenças das línguas (Gass e Selinker, 2008: 96-7).

1.4.2. Os anos 70

Graças a ensaios como o de Jaqueline Schachter (1974), que assemelham a transferência a um processo criativo, na década de 70 a investigação do conceito passou a interessar-se não pela extensão, mas pelo tipo de transferência realizado, e em que circunstâncias. À época, o conceito era visto como uma organização mental dos conhecimentos de LNM que resultava em estratégias de processamento de regras para a aprendizagem. Contudo, equiparar transferência a conhecimento gramatical praticamente independente de experiência linguística é, na opinião de Meisel, uma forma redutora de encarar a questão. Com efeito, o fenómeno deve antes ser interpretado como um processo de uso de linguagem que tem por base conhecimento gramatical já adquirido (Meisel, 2011: 110-111).

Jack Richards, em 1974, ofereceu uma visão menos crítica, defendendo que o conhecimento sobre transferência linguística não era o suficiente para avaliar o seu papel na aprendizagem de L2, especialmente por existirem outros fatores que deviam ser tidos em conta: a situação sociolinguística, a idade, a dificuldade da LA, e, especialmente, a testagem de hipóteses da LA pelos aprendentes, com base no conhecimento já adquirido.

1.4.3. De 1980 à atualidade

A noção de transferência implica também ter em consideração os padrões de comportamento aprendidos anteriormente como intensificadores ou retardadores no contexto de novas aprendizagens, como refere Bussmann (1996: 1212). Assim, a autora explicita que a deslocação de características da LM para a LE pode ser classificada como transferência *positiva* ou *negativa*, sendo esta última também designada de *interferência* (Bussmann, 1996: 1212-1213).

De acordo com VanPatten e Benati (2010: 160), a década de 80 trouxe um renovado interesse pela transferência, que foi aumentando com o tempo através do número crescente de estudos, fazendo com que o conceito seja considerado uma das mais importantes componentes da aquisição de LNM. Este pressuposto manteve-se nos anos 90 e até ao presente.

Em 1983, Corder (*apud* Ellis e Barkhuizen, 2005: 65) distinguia ainda *transferência* de *empréstimo*, dado que os termos se referiam a situações com durações distintas. *Transferência* relacionava-se com a introdução de uma forma da LM na IL do

aprendente. *Empréstimo* implicava um uso temporário de uma forma da LM como estratégia comunicativa, sem que ela ficasse incorporada na IL. O termo *cross-linguistic interference* (interferência linguística cruzada), que surgiu pouco depois, abrangia os dois fenômenos (Gass e Selinker, 2008: 137). Atualmente, a distinção entre ambos é, por isso, pouco relevante.

Desde o trabalho de Corder, vários estudos têm sido realizados no sentido de confirmar a transferência de LM para LA, tal como o de Beebe, Takahashi e Uliss-Weitz (1990) com enfoque na transferência de aspectos pragmáticos. Estudos como estes ajudaram a concluir, por exemplo, que é mais provável um aspecto gramatical ser transferido para a LA se tiver um alcance universal.

A literatura atual sobre o tema distancia-se da clássica em vários aspectos. Gass e Selinker (2008: 94, 150, 152) apontam, por exemplo, a existência de dois tipos de transferência, a conceitual e a de IL. Na primeira, o aprendente transfere conceitos semânticos da LM, o que resulta, por exemplo, em tempos verbais desviantes ou corretos no contexto da LA. Na transferência de IL, os aprendentes produzem a LA com recursos não da LM, mas de outra LNM que já conheçam. Os autores indicam outra separação que é feita atualmente, a de dois tipos de transferência negativa. A inibição retroativa significa que o aprendente se esquece de um ou outro aspecto já aprendido. Na inibição proativa, as estruturas já aprendidas tendem a aparecer novamente na produção de LA. Embora estas distinções possam ser relevantes em outros trabalhos, não serão utilizadas nesta dissertação.

Nos anos 90, a transferência ganha uma conotação mais positiva. Considera-se que ocorre durante um processo de testagem de hipóteses por parte do aprendente⁴ e consiste simplesmente num conjunto de restrições que os conhecimentos das línguas previamente aprendidas lhe impõem, no momento em que escolhe os domínios de cada hipótese para confrontar com nova informação (Schachter, 1993: 32). Esta visão de transferência implica que o aprendente tem sempre disponíveis os conhecimentos prévios da LM, de outras LNM e até da própria LA, mesmo que estes últimos sejam escassos.

Estudos de outros autores corroboram esta posição, inclusive com investigação empírica. Por exemplo, Ard e Homburg, após analisarem o léxico de aprendentes

⁴ De forma resumida, a teoria de teste de hipóteses assenta em quatro condições: 1) aprendente tem disponível um leque de hipóteses, que 2) têm de estar agrupada em domínios; 3) o aprendente escolhe um dos domínios e testa hipóteses nele, para, 4) poder confrontar as hipóteses com o *input*.

espanhóis de inglês, concluíram que as competências numa língua resultam de aprendizagens anteriores, mesmo que isso não seja aparente, e que a LM desempenha um papel facilitador na aprendizagem (Ard e Homburg, 1993: 50). O mesmo é defendido atualmente por Loewen e Reinders (2011: 168). Como vimos supra, a definição de transferência de Bussmann pressupõe justamente a deslocação de características da LM para a LE devido a padrões de comportamento pré-estabelecidos (Bussmann, 1996: 1212-1213). A análise do *corpus* da presente investigação (ver cap. 4), mostrará precisamente que alguns desvios refletem as tentativas dos aprendentes de utilizarem ferramentas da LM, que constitui portanto um input “interiorizado”, disponível para o processo cognitivo envolvido na transferência (Ellis, 1997: 16).

A transferência torna-se então num elemento facilitador da aprendizagem de uma LNM. Os aprendentes têm de recorrer a conhecimentos gramaticais, tanto no início, para retirarem informação das propriedades da gramática da LA, como no momento de receberem *input* (Meisel, 2011: 92). Assim, aceder aos princípios da Gramática Universal e transferir a partir da LM são estratégias básicas a que o aluno recorre logo no começo da aprendizagem, além de ser através delas que as produções de LA são formadas. No entanto, saber que o aprendente recorre a essas duas fontes não demonstra se ele precisa realmente de o fazer, até que ponto, ou se há momentos em que os conhecimentos são mais relevantes para a aprendizagem. Eventualmente, os alunos utilizarão a gramática mental da LM no começo, mas é exetável que deixem de o fazer quando a LA atingir um nível de estruturação superior, e que a transferência diminua (Meisel, 2011: 114).

Ver a transferência como um elemento facilitador também é a opinião de Isabel Leiria (2001: 96, *itálicos nossos*)

O papel desempenhado pela L1 é bastante mais penetrante e subtil do que tradicionalmente se tem acreditado. Se há alguma coisa a que se possa, com propriedade, chamar *transfer* é à transferência de conhecimento implícito da estrutura mental da L1 para a interlíngua, a qual constitui um conhecimento separado e com desenvolvimento independente da L1. Ou seja, *transfer* é um mecanismo de facilitação que usa por empréstimo itens e traços da L1 como uma estratégia comunicativa e que, quando é bem sucedido, conduz à sua incorporação na interlíngua.

e a de Wolfgang Butzkamm (2003), que defende que a LM deve ser considerada como o maior aliado na aprendizagem de LNM, e deve ser usada sistematicamente em sala de

aula, pois “abre a porta, não só à sua própria gramática, como também a todas as gramáticas”, sendo uma espécie de chave para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Além disso, Butzkamm afirma que não é possível desativar os conhecimentos do mundo adquiridos através da LM, mas acrescenta um ponto pouco explorado pelos outros autores, nomeadamente o da tradução: “Tradução / transferência é um fenómeno natural e uma parte inevitável da aquisição de LNM..., independentemente de o professor permitir tradução” (Harbord, 1992: 351, *apud* Butzkamm, 2003, tradução nossa).

À semelhança de Leiria, Richards e Schmidt (2010: 322-323, 607) apresentam a transferência como “o efeito de uma língua na aprendizagem de outra”, e acrescentam que, apesar de a transferência de LM para LNM ser a mais investigada, também é possível existir transferência de outra LNM que o aprendente já conheça.

Estes autores fazem ainda distinção entre transferência *positiva*, que facilita a aprendizagem de LNM, e *negativa*, já mencionadas anteriormente. Para tal, dão dois exemplos. O primeiro, de transferência positiva, será o de um aprendente que possui uma determinada palavra na sua LM com uma correspondente direta na LA. O segundo, de transferência negativa ou interferência, será o de esse mesmo aprendente usar a estrutura sintática da sua LM numa frase da LA, numa circunstância em que não é possível. Estes conceitos são os que iremos utilizar no presente trabalho (ver cap. 4).

1.4.4. A previsibilidade da transferência

Depois de estabelecido o conceito de transferência e as suas possibilidades, é necessário também compreender em que circunstâncias ocorre, isto é, quando é previsível. Há vários fatores que a podem suscitar. Um fator que influencia a extensão da transferência é a idade, uma vez que os aprendentes mais novos transferem menos material do que os mais velhos. Contudo, o fator mais relevante é a distância entre a LM e a LA. Um aprendente de PLNM que já saiba espanhol como LNM, por exemplo, irá transferir vocabulário, noções de GEN ou de sintaxe da LM ou do espanhol conforme sentir que uma dessas línguas está mais próxima da LA do que a outra (Loewen e Reiders, 2011: 168).

O papel da distância entre línguas na transferência é reconhecido pelo menos desde os anos 70. De forma a tentar descobrir por que motivo uns itens linguísticos são transferidos em detrimento de outros, Kellerman (1979, *apud* Ellis e Barkhuizen, 2005:

65) identificou dois fatores que estão envolvidos nessa decisão: a percepção de uma língua como mais simples ou natural, e a distância entre essa língua e a LA. As conclusões de Kellerman permitem estabelecer que, quanto mais se percebe uma língua como menos natural e mais distante da LM, menos material será transferido.

Kellerman (1979, conforme citado em Gass e Selinker, 2008: 149) comprovou também a transferência de vocabulário, num estudo com estudantes holandeses de inglês. Com este trabalho, o autor conclui que o sentido nuclear das palavras (*coreness*, tradução nossa) permite identificar o grau de probabilidade de transferência dessas palavras. O conceito de núcleo pressupõe quatro variáveis: a frequência de uma palavra, o seu sentido literal, o seu sentido concreto e o seu número de entradas em dicionário. Estas variáveis são visíveis em palavras com mais do que um significado. Deste modo, os significados mais comuns em palavras como *mesa* ou *computador* são naturalmente os mais suscetíveis de transferência, por parecerem mais neutros, enquanto os menos usuais são vistos como característicos de uma língua e não transferíveis. Portanto, a probabilidade de transferir significados nucleares é maior, mesmo que a distância entre línguas seja considerável.

Como Gass e Selinker (2008: 150) defendem, é possível prever onde vai ocorrer transferência, mas somente no que diz respeito à estatística, sendo impossível apontar exatamente em que situações um aprendente vai recorrer à sua LM.

Em síntese, pode-se concluir que *transferência* significa um processo cognitivo que facilita ou dificulta a aprendizagem de qualquer LNM, através do uso dos conhecimentos linguísticos previamente adquiridos durante a aprendizagem da LA. Dependendo de fatores como a idade, a fluência na LA, ou a distância entre LM e LA, os aprendentes tendem a transferir aspetos linguísticos diferentes e de importância variável. Contudo, apesar de os aspetos que são transferidos serem relativamente previsíveis, o fenómeno está antes de mais sujeito à variação pessoal.

1.5. A transferência de Alemão Língua Materna (ALM) em Português Língua Não Materna (PLNM)

A transferência tem um impacto considerável na IL do aluno, pois, como vimos na secção anterior, é a partir da LM que se parte para a aprendizagem da LA. Como consequência, vários desvios produzidos na LA terão algum grau de influência da LM, o que já foi investigado por vários autores, como Kellerman (1983) ou Kasper (1992).

Embora exista uma vasta investigação sobre a aquisição de inglês como LNM, os estudos realizados sobre os desvios de aprendentes de português só recentemente começaram a proliferar. Alguns exemplos são os estudos de Cláudia Taveira (2014) sobre a aquisição de PLNM por ingleses, o de Jorge Pinto (2012) sobre a transferência de léxico por alunos marroquinos, e a tese de Isabel Leiria sobre o léxico e a aquisição (2001).

A crescente investigação sobre o tema ainda não abrange todos os aprendentes de PLNM. Para os alunos alemães, o material disponível ainda é pouco, o que contrasta com o número relevante de aprendentes interessados em conhecer português. Uma curta pesquisa em linha deixa claro o intervalo que ainda é preciso preencher para alcançar o nível da investigação feita no Brasil, que resultou em obras como *Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português* (Battaglia, Nomura; 2008). Apesar de várias editoras alemãs⁵ oferecerem um leque variado de manuais, acreditamos que tanto os aprendentes como investigadores e professores beneficiariam de mais investigação.

Dentro do panorama apresentado, o presente trabalho procura descrever as áreas mais problemáticas na aprendizagem de PLNM em aprendentes com ALM, que sofram o efeito da transferência negativa, e nas quais se note ainda a permanência da língua materna. Deste modo, os resultados expostos no capítulo 4 constituirão, para autores, professores e investigadores, um conjunto de dados concretos acerca do desenvolvimento da aprendizagem, por níveis, dados esses que podem ser usados para produzir manuais e outros materiais pedagógicos focados nestes problemas e neste público.

⁵ Ver, por exemplo as editoras Schmetterling, Klett e Hueber e os respetivos websites, consultados a 29 de janeiro de 2017: <http://www.schmetterling-verlag.de/kat-33.htm>, <http://www.klett-sprachen.de/weitere-sprachen/portugiesisch/c-111>, <https://shop.hueber.de/de/sprache-unterrichten/portugiesisch.html>.

Capítulo 2 – Áreas Críticas de PLNМ para aprendentes com ALM

2.1. Introdução e justificação

As secções que se encontram neste capítulo correspondem às áreas críticas da aprendizagem de PLNМ identificadas num primeiro varrimento experimental do *corpus* escrito, que ficará mais claro no capítulo 3. Assim, para além da presente secção, este capítulo expõe os aspetos gramaticais e lexicais que causam mais dificuldades a aprendentes com ALM. Tanto o capítulo como os conteúdos das secções seguintes estão organizados numa ordem de importância crescente, conforme os desvios realizados indicarem menor ou maior transferência da LM dos aprendentes.

As secções 2.2. a 2.5., dedicadas a áreas específicas, caracterizam as propriedades do tópico em causa. A secção 2.2., da ortografia, centra-se nas regras do uso de maiúsculas e na acentuação. Na secção seguinte, 2.3. encontram-se a morfologia e a morfossintaxe, com foco na marcação de género, de número, na concordância e na formação de palavras complexas. A sintaxe e semântica são o foco do ponto 2.4., no qual abordamos a expressão do sujeito, a ordem dos constituintes na frase, incluindo a colocação dos clíticos, o uso de determinantes e o funcionamento da estrutura argumental, especialmente no que toca ao uso das preposições. Por fim, na secção 2.5. expomos os problemas relacionados com léxico.

Como a *Gramática do Português* de Eduardo Raposo (*et alii*, 2013) constitui a mais recente e completa antologia sobre a língua portuguesa, é a principal obra consultada para a descrição destas estruturas. As obras de Maria Helena Mira Mateus (*et alii*, 2003) e de Graça Rio-Torto (*et alii*, 2016) foram também utilizadas para colmatar as matérias em falta na *Gramática do Português*, nomeadamente no que respeita à morfologia.

2.2. Ortografia e influência da fonologia

Esta primeira secção explora de forma breve as regras ortográficas para as maiúsculas e o funcionamento da acentuação em português.

O Acordo Ortográfico de 1990 alterou algumas regras da utilização de maiúsculas. A partir da sua implementação, passaram a realizar-se com maiúscula apenas os nomes próprios e de topónimos, reais ou fictícios (*Susana*, *Pocahontas*, *Londres*); nomes que designam instituições ou festividades (*Instituto Camões*, *Páscoa*);

e as siglas e abreviaturas internacionais (*NATO*). Atualmente, dias, meses e estações do ano escrevem-se com minúsculas (*sexta-feira, abril, verão*), assim como os cursos e campos científicos (*química, literatura*). Utilizam-se ainda maiúsculas no início de frase, citação ou verso.

A acentuação em português, campo que se revelou difícil para aprendentes com ALM, é bastante regular em nomes e adjetivos. Os três tipos de acentuação possível originam, como é sabido, palavras agudas ou oxítonas, com acento na última sílaba (*puré*), graves ou paroxítonas, com acento na penúltima sílaba (*papagaio*), e esdrúxulas ou proparoxítonas, com acento na antepenúltima sílaba (*paralelepípedo*). O acento ocorre, na maioria dos casos, na última vogal do radical, ou seja, ou na penúltima ou na última sílaba de uma palavra.

Nas palavras com sufixo, como em (1), o radical da palavra original forma, com o sufixo, um novo radical (2), o que implica uma mudança de acentuação (Mateus *et alii*, 2003: 1051):

- (1) garrafa, trabalho, papel.
- (2) garrafinha, trabalheira, papelada.

Nas palavras com acentuação irregular, a sílaba tónica é a penúltima do radical, e, por se tratar de casos menos comuns, é normal que o acento seja marcado graficamente (3).

- (3) árvore, açúcar, frágil, (mas) viagem.

Se as palavras em (3) forem a base de um derivado, o radical que surge da união pode estar sujeito à acentuação regular, como em (4). Existem ainda exceções, em que o sufixo não recebe acento ou este vai para a primeira vogal do sufixo, como em (5) (Mateus *et alii*, 2003: 1052):

- (4) arvoredo, açucareiro, fragilidade, viajante.
- (5) róseo, satisfeissimo, secretária.

Tais regras resultam em apenas dois acentos possíveis em nomes e adjetivos, de um ponto de vista morfológico: ou na última ou na penúltima vogal do radical. Quando a palavra em questão foge à regra, aplica-se um acento gráfico.

Em relação à fonologia, embora a língua portuguesa tenha um panorama fonético rico, é semelhante ao panorama alemão no que diz respeito à maioria das consoantes. Há, no entanto, alguns sons novos para os aprendentes de PLNM com ALM, entre os quais um dos que corresponde ao grafema <r> em português. O alemão inclui as vibrantes múltiplas alveolar ou uvular [r, R] e a fricativa glotal [ʀ] para este grafema,

mas a língua portuguesa, que inclui as vibrantes [r, R], tem ainda a vibrante simples [r]. Se por um lado, os três sons são possíveis em alemão dependendo do dialeto que o indivíduo fale, por outro, não acarretam a diferença de significado que ocorre em português (cf. *carro* e *caro*; *morro* e *moro*).

Há ainda uma outra dificuldade, a distinção das oclusivas vozeadas [b, d, g] das não vozeadas [p, t, k]. Em português, a tríade [b, d, g] é sempre vozeada, e nenhum destes 6 sons ocorre em posição final de palavra. Por contraste, na língua alemã, é comum encontrá-los no final de uma palavra, sendo que, nesta circunstância, as oclusivas vozeadas alteram a sua pronúncia para não vozeadas, ou seja: *Baum* [baʊm] (*árvore*), mas *taub* [taʊp] (*surdo*); *dort* [dɔʁt] (*lá*), mas *Mond* [mo:nt] (*lua*); e *geben* [ge:b(ə)n] (*dar*), mas *Tag* [ta:k] (*dia*). As vogais, essas, apresentam um obstáculo maior para os aprendentes alemães. Os exemplos mais comuns são a distinção entre [ɛ] e [i] (cf. *comércio*, *telefone*), entre [ɔ] e [o] (cf. *o corte*, *a corte*), mas sobretudo entre [a] e [ɐ] visível nos desvios com as preposições *à* e *ao* (ver 2.4.4.).

Como veremos no cap. 4, as regras de acentuação apresentam algumas dificuldades para aprendentes com ALM, uma vez que não coincidem com as da sua LM. Será demonstrado também que os alunos confundem vogais acentuadas graficamente com as não acentuadas e, por fim, que as correspondências entre fonemas e grafemas são dificultadas pelas diferenças apontadas acima.

2.3. Morfologia e Morfossintaxe

2.3.1. Formação de palavras

Como é sabido, a unidade mínima com função gramatical e portadora de significado de uma língua é o *morfema*. Há, no entanto, que ter em mente a diversidade de manifestações desta unidade mínima significativa; existem “situações em que um morfema apresenta variações ao nível do significante, ou seja, nos segmentos fonológicos que o compõem” (Rio-Torto *et alii*, 2016: 43) como acontece com o sufixo *-vel*, mas, em certos casos como a circunfixação, é necessário considerar os dois segmentos do morfema que se apresentam de forma descontínua. Assim acontece, por exemplo, para aceder ao significado ‘tornar-se noite’ em *anoitecer* (Rio-Torto *et alii*, 2016: 43). Existe ainda outro tipo de morfemas, que transportam significado pela sua ausência: estando ausente, o morfema de plural mostra um nome singular, e o oposto ocorre quando se realiza o morfema (Rio-Torto *et alii*, 2016: 44).

Dependendo do seu estatuto, alguns morfemas são autônomos e funcionam como uma palavra independente, por exemplo: as preposições *a* e *de* ou palavras como *lápis* e *mar*. Os morfemas presos – *afixos* e *radicais* – nunca surgem isoladamente no discurso; os *radicais* estão dependentes de outros morfemas para serem considerados palavras completas, apesar de poderem conter um núcleo de significado. Estes morfemas têm uma forma inalterada, mesmo quando lhes são associados morfemas diferentes (cf. *ator*, *atriz*), (Rio-Torto *et alii*, 2016: 55).

Existem dois tipos de afixos, os flexionais e os derivacionais. Os primeiros “surgem anexados à direita do tema, quando este existe ou está presente, ou à direita do radical” (Rio-Torto *et alii*, 2016: 62) (cf. *eu moro*, *tu moras*, *ele mora*). O segundo tipo de afixo, o derivacional, forma uma palavra diferente quando adicionado a uma base, sendo que o morfema adicionado pode alterar a classe lexical da base (cf. *duro* → *dureza*) ou mantê-la na mesma classe (cf. *cão* → *cãozinho*).

A estrutura principal de uma palavra é constituída por diversos morfemas. Do ponto de vista da morfologia derivacional, uma palavra complexa pode conter uma *base* (*tema* ou *radical* ou *palavra*, segundo Rio-Torto *et alii*, 2016: 61) e um afixo derivacional ou combinar pelo menos duas bases; já no domínio flexional, a estrutura compõe-se de *radical* ou *tema* e eventuais afixos flexionais. Os radicais “são unidades lexicais portadoras de informação idiossincrática de natureza morfológica, sintática e semântica” (Mateus *et alii*, 2003: 920) e especificam a categoria sintática, a classe temática e o GEN. Existem dois tipos de radicais: os simples, compostos por um morfema (por exemplo, *cas-*, radical de *casa*), e os complexos, com mais do que um morfema (por exemplo, *privatiz-*, de *privatizar*).

Tanto o radical como o tema podem ser nominais, verbais, adjetivais ou adverbiais. O tema resulta da junção de uma raiz ou radical e de um *constituente temático*. Este constituinte não transporta significado, mas determina a que classe temática pertencem as palavras: se adicionado a um verbo, tem o nome de *vogal temática*; se for adicionado a outras categorias é o *índice temático*. Por exemplo, [[*conduz*] radical verbal + [*i*] vogal temática] = tema verbal. Contudo, existem palavras que não incluem um constituinte temático, e que têm na sua constituição somente o radical, ou seja, são morfemas autônomos. Os morfemas desta natureza são chamados de *atemáticos* e realizam-se tanto em nomes (*mar*, *lã* ou *chapéu*), como em adjetivos (*azul*, *mau*) (Rio-Torto *et alii*, 2016: 58-59).

Em português há três índices temáticos, *-a*, *-e*, *-o*, e três vogais temáticas, *-a*, *-e*, *-i* (Rio-Torto *et alii*, 2016: 58). O número de índices temáticos disponíveis deve-se em parte à variabilidade dos nomes, o que pode originar alguns problemas de formação de palavras para aprendentes de PLN com ALM.

2.3.2. Flexão e concordância

Dentro de uma frase, palavras de categorias específicas sofrem alterações obrigatórias e sistemáticas, no processo da *flexão*. A flexão em número (NUM) abrange principalmente nomes e adjetivos. Em português, apresenta dois valores: singular e plural (Mateus *et alii*, 2003: 927). A distinção entre as duas formas faz-se, na maioria dos casos, através da ausência ou presença do sufixo *-s*, respetivamente. Há, naturalmente, casos irregulares, tais como *calças* e *óculos* (diferente de *óculo*), além da restrição do plural aos nomes comuns, uma vez que os próprios não flexionam (exceto em contextos como *Nasceram muitas Leonores*).

Além da flexão em NUM, os nomes comuns têm um valor de género (GEN) associado, de entre os dois valores existentes (masculino e feminino). Em português, o GEN pode ser lexical, isto é, relacionado com a diferenciação sexual, ou gramatical, sendo então a sua marca desprovida de significado.

Os nomes relacionados com entidades animadas têm uma atribuição de GEN bastante direta, com os nomes masculinos associados a entidades masculinas e os femininos a entidades femininas (*o homem, a senhora*). Todavia, há outros nomes que têm características diferentes, como os epicenos e os sobrecomuns. Nos primeiros, há uma marca de GEN que não é associável ao sexo (*a testemunha*), ao passo que, nos segundos, a palavra tem uma única forma, sendo o sexo da entidade diferenciado por indicação lexical (*corvo macho / corvo fêmea*). Existem ainda os nomes comuns de dois, em que a marca final é ambígua quanto ao GEN, sendo o masculino e o feminino indicados pelo determinante (*o/a jornalista*), (Mateus *et alii*, 2003: 929).

Há um outro problema, que é o da arbitrariedade do GEN gramatical em português. Se a regra de as palavras terminadas em *-o* serem masculinas e as terminadas em *-a* serem femininas se aplica à maioria dos itens lexicais com GEN gramatical (*o carro, a mesa*), regra essa que é formalmente coerente com a do GEN lexical, já outros não apresentam a mesma coerência, o que resulta em algumas palavras em *-o* femininas (*a solução*), e outras terminadas em *-a* masculinas (*o telefonema*). Além disso, não é

possível aplicar a regra às palavras terminadas em *-e*, que tanto podem ser masculinas como femininas (*a ponte, o pente*)⁶. Assim, embora os aprendentes de PLNM com ALM tenham também a flexão de GEN, além da de NUM, o GEN, especialmente o gramatical, poderá constituir para eles uma área crítica.

Pela relação morfossintática de concordância, tanto a flexão em GEN como em NUM afetam palavras de outras classes (Mateus *et alii*, 2003: 330). A *concordância* é uma relação entre constituintes, isto é, uma relação gramatical, que se manifesta através de morfemas flexionais e abrange a concordância verbal e a nominal. A primeira aplica-se, como o nome indica, a verbos, e marca o contraste de pessoa e número para que o verbo esteja em conformidade com o sujeito, como em (6) e (7):

(6) Ele está na praia. (3ª pessoa, singular.)

(7) O João e eu estamos na praia. (1ª pessoa, plural)

A concordância nominal surge em nomes, determinantes, quantificadores, adjetivos e pronomes, e devido à necessidade de marcação de GEN, é uma relação mais complexa que a anterior (ver também secção 2.4.3.). Um sintagma nominal (SN) contém sempre a informação de GEN e de NUM no seu núcleo, e, quando se trata de um pronome, também contém o caso. Para um SN ser bem formado e se poder integrar na frase, todos os elementos precisam de concordar com o nome, como nos exemplos:

(8) Tenho um computador rápido. (masculino, singular)

(9) A: Quantas prendas queres? B: Quero todas! (feminino, plural)

A concordância acontece, em suma, para que haja harmonia entre os constituintes da frase e na frase como um todo. Em verbos, ajusta-se a marca de pessoa para concordar com o sujeito. Em nomes, os modificadores, adjetivos, determinantes, quantificadores ou pronomes têm de repetir a informação gramatical do nome para estabelecerem concordância. Assim, problemas na marcação do NUM, ou, mais frequentemente, na marcação de GEN, podem ter efeitos associados nas estruturas da frase, especialmente no SN, quando a concordância não for respeitada, ou se for feita a partir de uma marcação desviante, como veremos no cap. 4.

2.3.3. Derivação

Além da flexão, existem outros processos com impacto na forma das palavras, nomeadamente aqueles que estão englobados no termo genérico *derivação*, entendida

⁶ Ver uma versão mais aprofundada deste tópico em Ferreira (2011).

em sentido lato⁷ como o processo que ocorre quando se forma um novo lexema a partir de outro (Rio-Torto *et alii*, 2016: 49). Note-se, porém, que a morfologia flexional “trata da constituição interna da mesma palavra, estudando as suas variações formais”, enquanto a morfologia derivacional “trata da constituição interna de palavras diferentes”, construídas umas a partir das outras (Rio-Torto *et alii*, 2016: 37-38), como acontece com *calçar* – *o calçado*. Os processos de formação de palavras abrangem a afixação, a conversão, a composição, a amálgama ou cruzamento e a truncção (Rio-Torto *et alii*, 2016: 36)

A afixação é o processo de formação de palavras mais produtivo em português, e pode tomar forma através de prefixos, sufixos, circunfixos e infixos – ou afixos derivacionais - (Rio-Torto *et alii*, 2016: 69), dos quais os prefixos e sufixos são os mais comuns. Um prefixo encontra-se sempre à esquerda da base (*des+ligar*), e o sufixo sempre à direita (*constru+ção*). Já os circunfixos, morfemas derivacionais descontínuos, surgem simultaneamente à esquerda e direita da base (*en+trist+ec(er)*).

Os afixos derivacionais atribuem uma categoria lexical à base, tal como acontece com o sufixo *-ção*, que implica que a palavra seja um nome. Através de afixos, é possível mostrar também o GEN gramatical e informação sobre a categoria semântica (Rio-Torto *et alii*, 2016: 71). Na criação efetiva de uma palavra, a junção de afixos a uma base requer o uso de constituintes temáticos, de que é exemplo *agudiz+q+r* ou *destinatári+o*.

Rio-Torto (*et alii*, 2016: 82-83), partindo do facto de *-ção* formar nomes deverbais, dá o exemplo de qualquer verbo poder tornar-se um nome com esse sufixo, porque segue a regra linguística. Ou seja, se é aceitável *redigir* passar a *redação*, então seria plausível o nome de *andar* ser *andação*. Tal significa que o léxico mental tem capacidade de admitir *andação* porque, mesmo que não seja uma estrutura atestada na norma, consiste num processo empregue pela língua (Rio-Torto *et alii*, 2016: 83). É este o tipo de testes de formação de palavras que tanto crianças como aprendentes de PLN usam: reconhecem um padrão e aplicam-no a várias palavras, para só depois determinarem que combinações são aceites. Além deste tipo de criação de léxico, designada como criação *produtiva*, há também a que se faz conscientemente, de forma a designar uma nova entidade ou estado, chamada *criativa* (Rio-Torto *et alii*, 2016: 86-

⁷ Seguimos a proposta de Rio-Torto (*et alii*, 2016: 36) no que toca ao uso de *derivação* como termo geral para designar todos os processos de formação lexical; este termo não será, pois, usado como hiperónimo para referir os produtos de prefixação, sufixação e circunfixação.

87). Por exemplo, na altura em que os *scanners* se tornaram comuns, e à falta de um verbo exato, alguns falantes adotaram *scannar* para designarem o processo de utilizar o scanner. Atualmente, é mais comum o verbo (*e*)*scanerizar*. Portanto, como a formação de palavras admite alguma liberdade, é expectável que falantes de PLNM tentem perceber os limites existentes nos processos testando várias possibilidades. Um dos desvios que melhor exemplifica a testagem de hipóteses característica dos processos de IL é *os dias **ficantes!*** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B), que junta o verbo *ficar* à terminação *-nte*, à semelhança do processo de adjetivação *falar – falante*. Outro exemplo é o caso de *começam as **disconcordâncias*** (de036CVSTF proficiente) em que o aprendente usa o prefixo *dis-* para criar o antónimo de *concordância*, à semelhança do que é feito com o *concordar – discordar*.

A língua portuguesa prevê a formação de nomes a partir de verbos ou de adjetivos e vice-versa, mas não permite nomes formados a partir de advérbios, ou o inverso. De acordo com Rio-Torto (*et alii*, 2016: 89-91), algumas restrições da afixação são: (i) fonológicas, em que certas combinações não são possíveis para evitar confusões interpretativas; (ii) semânticas, que impedem a ligação de um determinado sufixo a outro já existente na palavra; (iii) pragmáticas, relacionadas com os afixos mais usados no momento; e (iv) morfológicas, em que as restrições entre morfemas barram certas combinações. A quantidade de restrições, bem como os aspetos que as influenciam, torna a formação de palavras difícil para aprendentes de PLNM com ALM, pois não têm um conhecimento profundo o suficiente da língua que lhes permita combinar morfemas intuitivamente e de forma correta.

A *composição* é um processo de criação de palavras que junta duas ou mais bases para criar uma palavra composta, morfológicamente sólida e estável. As palavras compostas têm três características essenciais: (i) são dominadas por um acento primário comum, normalmente o da sílaba acentuada mais à direita (*autoestrada*); (ii) as duas formas não podem ser separadas por outro constituinte; (iii) o significado da palavra composta não é uma simples adição dos significados das bases (Rio-Torto *et alii*, 2016: 110).

A impossibilidade de inserir ou alterar a ordem dos elementos no composto é especialmente importante nos compostos sintagmáticos, como *sala de estudo*, pela impossibilidade de **sala de bom estudo*. A mesma impossibilidade também é visível quando se utilizam determinantes, por o composto deixar de o ser ou se tornar agramatical. *Cartão de cidadão* deixaria de ser composto se fosse *cartão dos cidadãos*,

e *sala de estar* tornar-se-ia agramatical se fosse **sala do estar*. No seguimento da regra, os adjetivos devem igualmente ser aplicados ao todo (10) e não a um dos elementos (11).

(10) Foi uma bela cerimónia de chá.

(11) *Foi uma cerimónia de chá belo.

As unidades lexicais que podem fazer parte das palavras compostas em português são de três tipos (Rio-Torto *et alii*, 2016: 472): palavras autónomas, flexionadas ou não (*condutor(es) de autocarro*); radicais simples e derivados (*anglo-saxónico*); e temas simples e derivados (*autorrádio*). Além disso, é possível combinar essas três unidades com nomes, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes, preposições e numerais, sendo que as combinações mais produtivas são nome + preposição + nome (*carrinho de bebé*), nome + adjetivo (*sangue-azul*), verbo + nome (*tira-teimas*) e nome + nome (*camião-cisterna*).

O principal problema desta área para aprendentes de PLNМ com ALM parece ser a ordem dos compostos sintagmáticos, especialmente se não se aperceberem de que são compostos, ou se trocarem preposições. Além disso, as palavras compostas põem também problemas de flexão (ver 2.3.2.), pois esta pode ocorrer em ambos os elementos constituintes, apenas no núcleo, no elemento da direita, influenciando então a restante palavra, e, por fim, no determinante que precede o composto.

A transparência semântica de um composto não só é variável, como é subjetiva. Certos termos técnicos, por exemplo, serão bastante claros para um falante conhecedor desse campo e opacos para outros falantes. Outros compostos são conhecidos pela vasta maioria dos falantes nativos de uma língua, e indecifráveis para estrangeiros, como, por exemplo, *via verde*, ou o termo pejorativo *trinca-espinhas* (Rio-Torto *et alii*, 2016: 517).

Concluindo, a formação de palavras faz-se com o radical, o tema e os afixos, tal como se faz em todas as línguas. Porém, os processos por detrás do fenómeno – conversão, composição e, sobretudo, afixação (além de outros processos não tratados em detalhe, como a amálgama ou cruzamento e a truncação) não existem sem as suas limitações, limitações essas que os aprendentes com ALM só conhecerão caso tenham uma competência semelhante à de um falante nativo de português. Como tal não sucede, os aprendentes fazem testes de aceitabilidade das novas palavras formadas, partindo de padrões que vão adquirindo tanto em aula como em contexto de imersão.

2.4. Sintaxe e Semântica

É na área da sintaxe e da semântica que o varrimento inicial do *corpus* encontrou um conjunto mais diversificado de áreas críticas para aprendentes com ALM: expressões de realização de sujeito, uso de determinantes, ordem de constituintes (com relevo para a colocação dos clíticos), estrutura argumental, e de constituintes, e, sobretudo, expressão de valores semânticos de tempo, modo e aspeto. As dificuldades visíveis nestes tópicos têm a sua origem no facto de estes aspetos gramaticais terem um comportamento diferente na língua portuguesa e na alemã, como será brevemente explicado em cada secção e aprofundado no cap. 4.

2.4.1. Sujeito nulo

O sujeito de uma frase, de um ponto de vista semântico, é o ser, animado ou inanimado, ou a situação, sobre a qual incide a predicação. No âmbito da análise sintática, o sujeito é constituído na organização da frase, pelo que se identifica a partir de critérios sintáticos, entre os quais se conta a concordância verbal estabelecida entre o núcleo do SN e a marca de pessoa do verbo. Por exemplo, na frase (12), “tu” é o sujeito por ser a entidade que gosta de livros. Partindo da mesma frase, é compreensível ser “tu” o sujeito, por o verbo estar conjugado na segunda pessoa do singular, mesmo se a ordem da frase estiver invertida, como em (13):

(12) Tu gostas de livros.

(13) De livros gostas tu.

A língua portuguesa é uma língua de sujeito nulo, ou seja, em que o sujeito de uma frase não se realiza foneticamente por defeito, sendo perceptível apenas na marca de pessoa da desinência verbal. Consequentemente, por serem características das línguas de sujeito nulo, há duas circunstâncias desafiantes para aprendentes de PLNM e não só os de ALM, designadamente: o efeito visível da falta do sujeito (*[-] Sabes a resposta?*), e a possibilidade de inversão da estrutura SVO para VSO, como em “*Estou bem*” disse *ele*, ou em *Foste tu que cozinhaste? Não, cozinhou a Maria* (ver 2.4.2).

Existem três tipos de sujeito, em português, que podem ou não ser realizados, sendo eles: o sujeito argumental, o mais comum dos três, e que tem valor semântico (cf. *Nós fomos ao museu / [-] Fomos ao museu*); o não-argumental, sem valor semântico e usado com os verbos *parecer* e *haver* (*[-] Há neve na Serra*); e o quase argumental, usado com verbos meteorológicos (*[-] Chove muito*) (Raposo, 2013b: 2212-2213).

As circunstâncias que determinam a realização do sujeito são especialmente relevantes nos sujeitos argumentais, dado que a concretização do sujeito determina a forma como a frase é interpretada e pode apontar para uma entidade completamente diferente. Cf.:

(14a) [-] Roubaram o computador.

(14b) Eles roubaram o computador.

Se a primeira frase faz referência a uma entidade indeterminada, a segunda aponta diretamente para um grupo de pessoas que o locutor tem em mente, por exemplo *os amigos* ou *os rapazes*. O mesmo acontece em frases coordenadas com estrutura paralela e em frases subordinadas com o mesmo referente. Aprendentes de PLNM, tenham ou não ALM, poderão sentir mais dificuldades em casos como os seguintes:

(15) Concluído o trabalho, a Verónica veio-se embora.

(16a) [-] Vai casar a Verónica, que eu apresentei ao Pedro.

(16b) [-] Vai casar a Verónica, que me apresentou ao Pedro.

(17) A Verónica deixou de falar com a Inês, porque está totalmente transtornada.

O exemplo (15) contém uma oração subordinada reduzida que aponta para uma condição de que o sujeito, *a Verónica*, está dependente. As frases em (16) têm uma diferença subtil de significado na oração relativa: em (16a) será *eu apresentei a Verónica ao Pedro*, mas em (16b) é *a Verónica quem me apresenta o Pedro*. Por o sujeito não ser realizado em (16b), identificá-lo é algo desafiante para os aprendentes. O exemplo (17) tem dificuldade acrescida por ser necessário identificar quem está *transtornado*, sendo que a resposta seria diferente mesmo entre falantes nativos.

A realização lexical do sujeito pode ser necessária para dar ênfase à frase (18) ou dissipar ambiguidades, como a que é suscitada pela coincidência de marcas de primeira e terceira pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo ou no presente do conjuntivo, como em (19a), (19b) e (19c):

(18) Eu é que te atendi o telefone.

(19a) Ele queria ver o concerto.

(19b) Eu queria ver o concerto.

(19c) [-] Fui ver o recital da Rita e ela disse que eu estava mais nervosa do que ela.

O sujeito também não pode ser nulo quando o objetivo da oração é distingui-lo de outras entidades (20) ou fornecer informação nova (21):

(20) Eu já fiz a minha parte.

(21) [A: Quem é que comeu o bolo?] B: Foi ela que o comeu.

De forma resumida, o facto de o português ser uma língua de sujeito nulo resulta em frases em que, por defeito, o sujeito não aparece no início, sendo identificado apenas pela marca de pessoa do verbo. A realização do sujeito é um processo dependente do contexto, e, portanto, com pouco espaço para arbitrariedade. Esta propriedade pode causar dificuldades a aprendentes de PLNM, especialmente os que têm ALM, porque o alemão é uma língua de sujeito não nulo, ou seja, em que o sujeito é sempre foneticamente realizado (ver cap. 4).

2.4.2. Ordem dos constituintes

De entre os aspetos relativos à ordem dos constituintes, a colocação dos clíticos revelou-se ser o mais complexo para aprendentes de PLNM. Por essa razão será apresentada em primeiro lugar a estrutura dos constituintes, brevemente, e depois a colocação dos clíticos, com maior pormenor.

Para abordar a ordem dos constituintes, é conveniente recordar a diferença entre *oração* e *frase* (que será igualmente útil para o ponto 2.4.4.). Segundo Raposo (*et alii*, 2013a: 317), uma oração é uma sequência gramatical de palavras que tem um conteúdo proposicional (ou seja, tem em si um valor de verdade), e um verbo como elemento nuclear. A frase, por outro lado, é uma oração máxima que pode ser usada como enunciado autónomo e cujo núcleo verbal está no modo indicativo ou imperativo.

A maioria das frases em português segue o esquema SVO, ou Sujeito, Verbo, Objeto. Numa frase como *A Leonor lavou a roupa*, *A Leonor* é o sujeito, *lavou* o verbo e *a roupa* o objeto. Contudo, o português é uma língua de ordem SVO flexível, ou seja, dependendo da estrutura de frase, a ordem pode ser alterada, por exemplo, com recurso a uma topicalização, resultando em ordens de constituintes diferentes, como OSV (22B) ou VSO (23) (Mateus *et alii*, 2003: 319-320).

(22) A: Conheces o Nelson Évora? B: O Nelson Évora, eu conheço.

(23) Qual é o seu nome?

Os clíticos são itens lexicais monossilábicos sem acentuação própria, motivo pelo qual dependem de uma palavra adjacente acentuada que é normalmente um verbo. À palavra adjacente atribui-se o nome de *hospedeiro* do clítico e ao processo de ligação do clítico ao seu hóspede dá-se o nome de *cliticização*. Apesar de serem os mais comuns, os pronomes pessoais complemento – ou átonos – são apenas alguns dos clíticos existentes, aos quais se juntam os artigos definidos, os pronomes interrogativos *que* e

porque, o pronome relativo *que*, algumas conjunções e preposições, e o quantificador *cada* (Raposo *et alii*, 2013b: 2231).

Todos os clíticos têm uma certa liberdade posicional, com três posições possíveis numa frase: à direita da palavra adjacente, depois desta, ou numa posição interna. A vasta maioria dos clíticos ocorre imediatamente antes da palavra à sua direita, num fenómeno chamado próclise (*o carro*). Os pronomes átonos, porém, podem ocorrer em qualquer uma das três posições, o que lhes vale o título de “clíticos especiais” (Raposo *et alii*, 2013b: 2232). Dependendo de regras frásicas, estes clíticos podem ser enclíticos (*diz que me ouves*) ou proclíticos (*ouve-me*). A terceira posição, a mesóclise, decorre do uso das formas verbais do futuro ou do condicional, que obrigam a uma posição interna do clítico no verbo (*ouvir-me-ás*).

As regras que determinam a próclise ou a ênclise relacionam-se, por exemplo, com a presença de *não*, o tipo de frase utilizada, e o tempo verbal escolhido (Raposo *et alii*, 2013b: 2233-2237). No caso de frases finitas como (24) e (25), ou complexas, como (26), os clíticos são atraídos pelo verbo de que são complemento.

(24) Eu ligo-te.

(25) Eu não te liguei.

(26) Quero que me ligués.

Certas estruturas infinitivas permitem que o clítico tenha como hospedeiro o verbo que complementa (27) ou o verbo finito do qual depende a oração subordinada (28), um fenómeno apelidado de *subida do clítico* (Raposo *et alii*, 2013b: 2234).

(27) Quero ligar-te.

(28) Quero-te ligar.

Embora nos exemplos (27) e (28) a subida do clítico seja opcional, esta passa a ser obrigatória em perífrases verbais com gerúndio (29) e particípio passado (30).

(29) Ia-te ligando ontem, por engano.

(30) Se eu soubesse, tinha-te ligado ontem.

Se numa frase ocorrer mais do que um pronome pessoal complemento (*Vou trazer o portátil ao João*), é possível que os clíticos se juntem num grupo (*Vou trazer-lho*) (Raposo *et alii*, 2013: 2235). Nas circunstâncias em que se quer dar destaque a um constituinte frásico em detrimento de outro (31), é necessário usar um clítico e “um pronome forte, com os mesmos traços de pessoa e número que o clítico, precedido da preposição *a*” (Raposo *et alii*, 2013b: 2237), numa construção chamada *redobro do clítico* (32).

(31) Liguei ao Bruno, não à Luísa.

(32) Liguei-lhe a ele, não à Luísa.

A colocação dos pronomes clíticos é a mesma em orações que correspondem a frases simples (33), orações principais de frases complexas (34), e orações coordenadas aditivas e adversativas (35). Quer uma frase seja declarativa, interrogativa, imperativa ou exclamativa, a posição selecionada pelo pronome será, igualmente, a pós-verbal (Raposo *et alii*, 2013b: 2238-2240).

(33) O telemóvel estragou-se.

(34) Contaram-me que o teu telemóvel não funciona.

(35) O telemóvel estragou-se, mas o problema do computador resolveu-se.

Em orações principais negativas e de negação expletiva os pronomes clíticos são sempre proclíticos. O mesmo sucede em frases com as palavras negativas *ninguém, nunca, nada, nenhum, jamais* (36), e com advérbios focalizadores (37), todos eles com próclise obrigatória (Raposo *et alii*, 2013b: 2241 e 2254).

(36) Nunca mais me fales disso!

(37) Também me apetece.

As orações infinitivas simples introduzidas por uma preposição admitem tanto ênclise (38) como próclise (39) dos pronomes átonos (Raposo *et alii*, 2013b: 2280).

(38) Tenho de pagar-te a conta.

(39) Tenho de te pagar a conta.

Portanto, embora a estrutura SVO seja a mais comum, a língua portuguesa admite também OSV ou VSO, uma flexibilidade igualmente visível nos clíticos, especialmente se a frase contiver um verbo modal. Dado que em ALM a ordem dos constituintes obedece a regras sintáticas e não admite escolha pessoal, o *input* português poderá apresentar alguma complexidade para os aprendentes de PLNM (ver cap. 4).

2.4.3. Determinantes

O uso dos determinantes em português é relativamente simples quando comparado ao sistema de determinantes do ALM, pois, em português, cada determinante tem a sua função e contextos específicos, ao passo que, em alemão, o seu uso obriga adicionalmente à declinação em caso, o que resulta num número maior de variações flexionais. Compõem a classe dos determinantes portugueses os artigos definidos *a, o, as, os*, os indefinidos *um, uma, uns, umas*, o determinante indefinido *algum*, e os determinantes demonstrativos (Raposo *et alii*, 2013a: 819). Dado que a

maioria dos desvios dos aprendentes de PLNM com ALM ocorre com artigos definidos e indefinidos, iremos descrever somente esses.

Os artigos definidos e indefinidos têm duas características centrais: elucidarem (40), e serem específicos (41), ou não (42), sobre a entidade a que estão ligados.

(40) Traz-me a carteira.

(41) Os cães são adoráveis.

(42) Um aluno meu gosta de caçar.

Estes traços caracterizadores têm implicações ao nível da interpretação. Em (40) e (41) são usados artigos definidos, um no singular, outro no plural, com os valores [+definido] e [+específico], e referindo-se a entidades exatas. Já em (42), os valores são [-definido] e [-específico] por não ser claro ou não ser importante identificar de forma precisa o aluno que gosta de caçar (Raposo *et alii*, 2013a: 819-820).

Embora nenhum artigo tenha por si só uma interpretação ou carga semântica, ao utilizar artigos definidos, o falante parte do pressuposto que o ouvinte identifica a entidade que está a ser mencionada. Por outras palavras, os artigos, sejam definidos ou indefinidos, levam apenas a um tipo de leitura no SN que integram, porque só esse sintagma tem leitura definida ou indefinida (Raposo *et alii*, 2013a: 820).

Os determinantes artigos e demonstrativos definidos podem também conter sentidos espaciais e dêicticos, especialmente se forem utilizados para referir entidades presentes no contexto do discurso, e a proximidade ou distância em relação aos interlocutores. Pode ser o caso de (40), se imaginarmos que o falante está a apontar para uma carteira na mesma sala em que a conversa decorre.

Uma vez que se relacionam sintaticamente com o nome, os artigos têm de concordar com ele em GEN e NUM (ver *supra*, 2.3.), não só quando usados na função habitual, mas também quando se juntam a uma preposição. Se o SN for o complemento das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, contrai-se a preposição com o artigo definido. Os artigos indefinidos também podem ser contraídos com as preposições *em* e *de*. A contração de preposições pode ser considerada árdua para os aprendentes com ALM, por exemplo, quando o nome refere uma cidade ou país, por nem todos os locais terem artigo (cf. *Trabalho em Coimbra, mas tenho casa no Porto*). Outro motivo possível relaciona-se com a contração de *em* e *por*, que alteram a sua forma para *no(s)/na(s)* e *pelo(s)/pela(s)*, enquanto que em alemão, a contração existente não conduz a mudanças morfológicas tão notórias.

Existem três condições necessárias para incluir artigos definidos no SN: a entidade referenciada pelo nome tem de existir no universo do discurso, tem de ser a única do seu tipo no contexto, e o ouvinte tem de poder identificá-la. Apesar desta última condição de unicidade, certos SN têm em si informação suficiente para designar uma entidade inequívoca, e quase não necessitam de um artigo definido, sendo, todavia, proibido um indefinido: cf. *baixa de Coimbra*, *a baixa de Coimbra*, **uma baixa de Coimbra* (Raposo *et alii*, 2013a: 826).

O uso dos artigos é dependente do sintagma e da frase. Portanto, é obrigatório que os artigos definidos, por exemplo, sejam usados com superlativos (*a melhor chapéu*), para falar de entidades gerais (*o ensino português*), e para mencionar referentes introduzidos anteriormente (43a). Os indefinidos, por outro lado, introduzem entidades novas no discurso (43b).

(43a) Tenho uma casa pequena. A casa é fácil de limpar.

(43b) Tenho uma casa pequena. A casa é fácil de limpar.

Ou seja, os artigos indefinidos introduzem entidades no discurso e não as podem retomar, ao passo que os definidos apenas retomam entidades já introduzidas.

Embora os traços dos artigos definam a interpretação que deve ser feita, Raposo (*et alii*, 2013a: 841) adverte para o facto de o valor referencial ou não referencial depender das intenções do falante, e ser uma questão subjetiva, ou seja, não necessariamente codificada de acordo com regras rígidas na estrutura da língua. Na frase *Ele foi almoçar com um amigo* o falante pode assumir não ser relevante que o ouvinte não reúna as condições para identificar a entidade. Se o falante tiver alguém em mente, o artigo indefinido será [+específico]; se, no entanto, se tratar de uma menção geral, é [-específico]. Partindo deste exemplo, é possível afirmar que, das três condições aplicáveis ao artigo definido, só se aplica uma ao indefinido: a de que a entidade mencionada exista no universo discursivo.

Os sintagmas com artigos indefinidos podem também ter um valor predicativo em três tipos de construções sintáticas: como predicativo do sujeito (44), predicativo do complemento direto (45), e aposto (46).

(44) A música deles foi uma surpresa!

(45) Após algum tempo, a minhoca torna-se uma borboleta.

(46) O meu patrão, um homem respeitável, ficou ofendido com a cliente.

Para aprendentes de PLNM, pode causar alguma dificuldade o facto de haver uma diferença entre o artigo *um* e o numeral *1*. Ambos partilham certos traços, como o facto

de terem leitura referencial indefinida, introduzirem entidades e terem valor predicativo, mas a predominância de uma ou de outra interpretação deve-se mais à sua plausibilidade semântica e a fatores de natureza pragmática (Raposo *et alii*, 2013a: 854). Existem, porém, algumas diferenças: *um* varia em GEN e NUM (47), ao passo que os numerais cardinais podem estar num sintagma com valor definido (48) e serem precedidos por um artigo indefinido (49).

(47) Ontem vimos uns filmes.

(48) As quatro conferências do festival foram muito interessantes.

(49) Neste ano, ela deve ter lido uns dez livros.

A gramática portuguesa admite também contextos em que nenhum artigo é usado, em que os sintagmas têm uma interpretação indefinida e que se referem a quantidades indeterminadas, tal como acontece em *Entraram homens, mulheres, crianças, animais... entrou tudo naquela sala!*

Resumidamente, os sintagmas definidos e indefinidos são acompanhados por um artigo desse tipo, que pode ser específico ou geral, e concorda sempre em NUM e GEN com o nome. Os casos complexos de uso de determinantes para aprendentes de PLN são precisamente aqueles em que intervêm fatores pragmáticos ou de plausibilidade semântica.

2.4.4. Estrutura de constituintes e estrutura argumental

A estrutura de constituintes refere-se à organização estrutural dos elementos de uma frase e das relações estabelecidas entre eles, de que resultam, como é sabido, as funções gramaticais de sujeito, complemento, etc. Nesta linha de análise, os constituintes de uma frase são igualmente classificados de acordo com o seu respetivo núcleo (Raposo *et alii*, 2013a: 351). Como tal, a frase *O aluno tirou os livros da mochila* comporta:

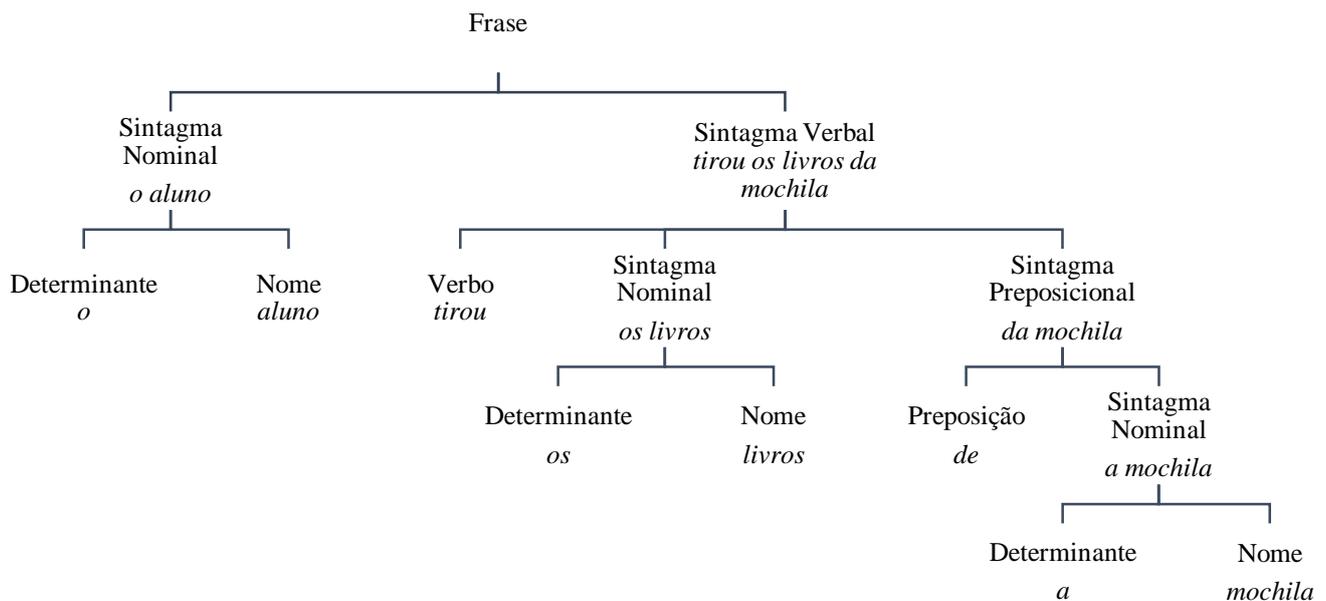


Figura 1 - Relação em árvore

Neste caso, além do verbo *tirar*, existe um SN [*os livros*] composto pelo núcleo nominal *livros*, determinado à esquerda de forma definida (*os*). Existe também o Sintagma Preposicional ou SP [*da mochila*], por sua vez analisável em preposição (P – *de*) e SN [*a mochila*].

A estruturação de palavras em sintagmas, ou estrutura de constituintes, reflete a organização interna da frase enquanto expressão de um estado de coisas. Quando é representada em esquema, seja em árvore, como na figura 1, seja parentético, além de permitir identificar facilmente quais os sintagmas presentes numa frase, permite também visualizar os efeitos da sua deslocação (50), inserção (51) ou substituição (52):

- (50) O aluno tirou da mochila [os livros].
- (51) O aluno tirou [os livros [de português]] da mochila.
- (52) O aluno tirou [-os] da mochila.

Os constituintes organizam-se ainda segundo a função que desempenham na frase. Nesta perspetiva, consideramos o *sujeito*, *complemento* (*direto*, *indireto* e *oblíquo*, no caso do verbo) e *modificador*, entre outros. A representação desta organização pode ser feita da seguinte forma:

[sujeito O aluno] [predicado tirou [complemento direto OS livros] [complemento oblíquo da mochila]]

Relembrando o que foi explicado sobre o sujeito na secção 2.4.1., o sujeito é a expressão que introduz a entidade sobre a qual o falante diz qualquer coisa, ao passo

que o predicado representa o comentário ou juízo que o falante exprime sobre essa entidade (Raposo *et alii*, 2013a: 352). No exemplo supra, o predicado tem como núcleo sintático o verbo, que é também o *predicador*, isto é, o elemento encarregue de transmitir a situação ou estado do sujeito.

O predicador, além de constituir o núcleo semântico da frase, tem como característica principal combinar-se com argumentos, que são exigidos pelo verbo. São os predicadores verbais que selecionam os seus argumentos, sejam eles o argumento externo, como o sujeito, ou argumentos internos, como os complementos. Por exemplo, o verbo *escrever* obriga a pelo menos um argumento (53), o verbo *adorar* precisa de dois (54). Também os nomes podem selecionar argumentos – em (55), *professora* seleciona o sintagma preposicional [*da Paula*]:

(53) O João **escreve** muito bem.

(54) A Isabel **adora** o seu cão.

(55) A Catarina é **professora** da Paula.

Normalmente, são selecionados entre um a três argumentos, embora haja predicadores que não precisam de argumentos, havendo outros que necessitam de quatro (Raposo *et alii*, 2013a: 361-363). Verbos meteorológicos, por exemplo, não selecionam nenhum argumento, como acontece com *chover*. Há predicadores verbais com um argumento (*dormir*), dois (*comer, morar, ler, pensar*) e três argumentos (*dar, entregar*). A maioria dos predicadores de dois lugares são não reflexos (*A Sofia cortou a cenoura*), embora o possam ser (*Sem querer, a Sofia cortou-se*). Certos verbos obrigam ao uso de um pronome reflexo (*Ele suicidou-se*). Selecionar quatro argumentos é possível com verbos que denotem movimento (*A Sofia transferiu o dinheiro da conta dela para o irmão*). Os nomes ou adjetivos são geralmente predicadores de um lugar (*condutor, sedento*). Por fim, algumas preposições, por exemplo *sobre*, podem ter dois argumentos.

Nos exemplos (53) a (55) sublinhámos o complemento da frase assim como o sujeito, por ambos serem argumentos, apenas de tipos diferentes. O sujeito tem essa função por ser um argumento externo, isto é, projetado no exterior do sintagma verbal, por ocorrer em posição pré-verbal, e por concordar com o verbo em pessoa e número. Os complementos, todavia, projetam-se internamente ao sintagma verbal, não concordando com o verbo, e são chamados de argumentos internos (Raposo *et alii*, 2013a: 366).

Os predicadores verbais da língua portuguesa selecionam três complementos diferentes: diretos, indiretos e oblíquos. Os complementos diretos são escolhidos por

verbos transitivos e realizam-se como sintagma nominal (56). Os indiretos usam-se em frases transitivas com verbos que impliquem transferência (*oferecer, dar*) e são concretizados num sintagma preposicional com a preposição *a* (57) ou um pronome dativo (58). Os complementos oblíquos podem ser sintagmas preposicionais (59) ou nominais (60), e representam, por exemplo, localizações espaciais, quantidades, e ainda informações que sejam exigidas pelo predicador verbal, mas não correspondam às funções de complemento direto ou indireto (Raposo *et alii*, 2013a: 367-368).

(56) A Rosa visitou a igreja.

(57) O Rodrigo ofereceu uma viagem aos pais.

(58) O Rodrigo ofereceu-lhes uma viagem.

(59) Nós vivemos em Braga.

(60) A festa durou algumas horas.

Embora os estados de coisas sejam universais, a estrutura argumental para expressar esses estados difere consoante a língua. Em português, por exemplo, o verbo *perguntar* seleciona um complemento indireto (61a) e um complemento direto (62a). Em alemão, o verbo *fragen*, na aceção equivalente, seleciona dois complementos, semelhantes aos escolhidos pelo verbo em português (63a), mas ambos realizados no caso Acusativo (cf. (61b), (62b) e (63b)).

(61a) Eu pergunto à minha mãe.

(61b) Ich frage meine Mutter.

(62a) Eu pergunto isso.

(62b) Ich frage das.

(63a) Eu pergunto-lhe isso.

(63b) Ich frage sie das.

Por as línguas conterem estruturas de constituintes e argumentais diferentes, esta área revelou-se difícil para os aprendentes com ALM.

Os predicadores são responsáveis pelos papéis temáticos que os argumentos desempenham. Na seleção dos papéis temáticos, os argumentos estão sujeitos a restrições semânticas. Um verbo que seja característico de seres animados, como *comunicar*, não pode selecionar o sujeito *a pedra*, da mesma forma que o verbo *cozinhar* não pode ter *o telemóvel* como complemento direto. Já *comprar* obriga a um argumento interno de natureza não humana (cf. *comprar um livro* / **comprar uma empregada doméstica*), *ver* precisa de um complemento concreto (cf. *ver o nascer do sol* / **ver o amor*), e *escrever* seleciona um argumento interno não animado (cf.

escrever uma carta / * *escrever um amigo*). É, pois, o sentido do verbo que condiciona as escolhas possíveis para os vários papéis temáticos.

De forma a preparar a comparação que será feita no capítulo 4, convém fazer um paralelismo entre as funções dos constituintes mais comuns em português e as suas correspondências em alemão, embora esta correspondência não seja sempre exata. O sujeito, ou argumento externo, ocorre sempre no caso *Nominativ* (nominativo). Ao complemento direto é associado o *Akkusativ* (acusativo) e ao indireto o *Dativ* (dativo). A designação alemã para os complementos oblíquos é mais problemática, sendo apenas ocasionalmente atribuída ao caso *Genitiv* (genitivo) por existirem outras classes de complementos, introduzidos por preposição regida pelo verbo e adverbiais, que constituem equivalentes dos complementos oblíquos em português. Este paralelismo, porém, não é perfeito, pelas razões que apontámos já. Por maioria de razões, a associação aos respetivos papéis temáticos (Agente, Objeto, Alvo, Tema) pode constituir um problema.

Dentro da estrutura argumental, a área mais crítica dos aprendentes de PLNLM com ALM parece ser, de acordo com o varrimento preliminar do *corpus*, a que envolve o uso das preposições. Estas palavras, invariáveis e geralmente monossilábicas, estabelecem uma relação sintática e semântica entre duas expressões: o termo subordinante, e o complemento da preposição. Assim, na frase *Amanhã vou a Lisboa*, *vou* é o termo subordinante e *Lisboa* o complemento da preposição. Enquanto o primeiro termo pode pertencer a várias classes lexicais (nome, verbo, adjetivo), o segundo é normalmente um SN ou, até, uma oração (Raposo *et alii*, 2013: 1497).

O conjunto da preposição e seu complemento forma o sintagma preposicional (SP), uma estrutura uniforme e coesa que impede a existência de qualquer elemento entre os dois componentes. Por outro lado, é possível separar o SP do termo subordinante com recurso, por exemplo, a uma topicalização: *A Lisboa vou eu amanhã*.

“A relação de dependência que existe entre o núcleo de um sintagma e os seus complementos é captada na gramática tradicional pela noção de regência” (Raposo *et alii*, 2013b: 1511), ou seja, o termo subordinante define tanto as preposições que podem ser usadas num determinado contexto como a função sintática do SP. No caso de preposições regidas por verbos, o SP pode ser um complemento oblíquo (64) ou um complemento indireto (65); ou o SP coocorre com SN não preposicionado, caso o verbo selecione dois objetos (66).

(64) O José foi a Lisboa.

(65) A Maria agradeceu ao José.

(66) Depositei dinheiro no banco.

As preposições regidas por nomes deverbais numa nominalização (Raposo *et alii*, 2013b: 1512) têm um funcionamento semelhante às regidas por verbos, pois as propriedades de regência do verbo são as mesmas que estão presentes no nome. Compare-se, por exemplo, *Pintar com spray* e *Pintura com spray*.

O último caso de regência envolve adjetivos, advérbios ou mesmo preposições, como nos exemplos (67), (68) e (69), respetivamente.

(67) Ela está frustrada com o emprego.

(68) Independentemente do mau tempo, vamos acampar.

(69) Todos os dias ele passeia por entre as casas.

Da mesma forma que o complemento de uma preposição pode ser uma oração (70), o termo subordinante também pode tomar essa forma (71). Por vezes a preposição liga não uma oração, mas um verbo pleno no Infinitivo a um verbo auxiliar ou semiauxiliar (72).

(70) Ela desistiu de procurar casa.

(71) Para mim, o filme é pobre.

(72) Os alunos estavam a escrever, pararam de escrever quando tocou o relógio.

A posição não marcada das preposições é à direita do verbo, nome ou adjetivo, como nos exemplos (64) - (70), sendo, contudo, possível colocá-las no início da frase se estiverem demarcadas por uma vírgula, à semelhança da frase (71). Outra propriedade das preposições é a transformação dos pronomes pessoais em oblíquos, quando estes são complementos da preposição, como se vê no confronto entre *comprei isto para ti* / **comprei isto para tu*. A característica mais importante das preposições, todavia, é a sua plasticidade semântica.

Uma mesma preposição pode ocorrer em mais do que um domínio – espacial e temporal, por exemplo – e em múltiplos contextos. Dado que as preposições em si não têm um significado particular, cabe aos elementos que as rodeiam conferir-lhes significado. Vejamos quatro exemplos (Raposo *et alii*, 2013b: 1517):

(73) O Pedro abriu a porta com a chave.

(74) O polícia agrediu o preso com uma violência inusitada.

(75) Com o calor intenso, derreteu o gelo.

(76) O Pedro foi ao cinema com a namorada.

Fora de contexto, a preposição *com* não apresenta uma denotação clara. O seu valor só é aferível a partir da frase, pelo que cada oração confere um valor diferente à preposição: instrumental, de modo, causal, e de companhia, respetivamente.

Algo de semelhante ocorre no uso das preposições *a* e *para*. Compare-se:

(77) Vamos ao Algarve.

(78) Vamos para o Algarve.

Ambas as frases têm o mesmo verbo e um complemento preposicional, mas as preposições alteram a forma como é apresentada a deslocação, especialmente na descrição de viagens. Em (77) o leitor entende tratar-se de uma viagem, com uma data de regresso já prevista, enquanto (78) transmite o sentido de uma viagem da qual se conhece apenas o destino; não é conhecida a sua duração nem está implícita a ideia de um regresso, ao contrário do que sucede com *ir a* + destino. Podemos, pois, continuar a frase (78) de três formas distintas e obter frases igualmente aceitáveis: *Vamos para o Algarve e não sei se/quando voltamos; Vamos para o Algarve no fim-de-semana, mas regressamos na segunda de manhã. Se para* estiver na dependência do verbo *partir* ou do N *partida*, não há sequer possibilidade de escolher a preposição *a* em alternativa a *para*: *partir/partida* + *para* + destino não permitem qualquer inferência sobre a duração da deslocação nem sobre um possível regresso (Raposo *et alii*, 2013b: 1543). Por outro lado, na expressão *ir viver* + *para* + destino está presente a noção de estado que se prolonga no tempo, em virtude da semântica de *viver*.

Os exemplos (73) a (78) ilustram, portanto, as três características semânticas das preposições: a generalidade do seu significado básico, a plasticidade de adaptação de sentido e a dependência do contexto em que ocorrem (Raposo *et alii*, 2013b: 1519). Assim, as preposições não são propriamente ambíguas, antes fazem parte de um campo semântico vasto e abstrato que se concretiza de forma diferente conforme o contexto.

Vários são os casos em que se podem utilizar preposições diferentes com um termo subordinante igual, de que resultam interpretações distintas. O verbo *andar*, por exemplo, seleciona *por* ou *em* (79), e o verbo *pôr* admite as preposições *em*, *em cima*, *sobre*, *debaixo*, *ao lado de* e *entre* (80). Em contraste, existem termos subordinantes que podem selecionar múltiplas preposições e manter o mesmo significado (Raposo *et alii*, 2013b: 1520-1521). São exemplos disso (81) e (82):

(79) A Miriam andou em/por Coimbra.

(80) Pus o livro na/em cima da/sobre a/debaixo da/ao lado da mesa.

(81) A Rita falou de/sobre o livro.

(82) A Rita falou com/para/a o João.

A gramática portuguesa contempla ainda casos de regência única, nos quais apenas uma preposição pode ser utilizada num determinado contexto. A título de exemplo, a estrutura argumental do verbo *gostar* é a seguinte: sujeito + verbo + complemento oblíquo. Neste, o SP só pode ter a preposição *de* (*gostar de*).

A apresentação destas organizações é necessária por os aprendentes se guiarem pelo sentido que querem transmitir e não pela forma. Os aprendentes de PLNM com ALM têm aqui uma forte influência do ALM, de forma mais perceptível do que em outros domínios. Utilizam, portanto, estruturas de frase que seguem muitas vezes os modelos alemães e não os portugueses. A prova disso são os vários exemplos de troca de preposições que encontramos, além dos de interferência lexical, que serão expostos no capítulo 4.

2.4.5. Tempo, Aspeto e Modo

A escolha das formas adequadas para exprimir valores modais e aspetuais, e, sobretudo, temporais revelou-se difícil para os aprendentes com ALM, razão pela qual iremos explicar os três conceitos nesta secção.

A categoria *Tempo* permite situar uma ação num eixo balizado pelo momento da enunciação, isto é, pelo momento em que um falante produz o enunciado de uma frase. Essa marcação temporal faz-se normalmente através dos sufixos flexionais dos verbos. No que toca às formas, apesar de as marcas flexionais marcarem o tempo, é necessário distinguir a que momento temporal se referem. Por exemplo, o verbo da frase *Portugal conquista Ceuta em 1415* tem marcas do presente (tempo *morfológico*), mas refere-se a uma situação passada (tempo *semântico*) (Raposo *et alii*, 2013a: 514).

Deste modo, a análise do tempo linguístico obriga a ter em conta três outras noções: *o tempo da situação*, em que associamos a situação expressa numa oração a um momento ou sequência numa ordem linear; *o tempo de referência*, que deixa claro se a situação ocorreu antes (Passado), depois (Futuro), ou no momento atual (Presente); e *o tempo de enunciação*, que corresponde a esse mesmo momento (Raposo *et alii*, 2013a: 504). Assim, os tempos de situação e de referência da frase (83) estabelecem-se no futuro, mesmo com uma forma verbal de presente, e o tempo de enunciação precede estes dois. Por outro lado, (84) situa os três tempos num só ponto. Já na frase (85), os tempos de situação e de referência são ambos anteriores ao momento de enunciação.

(83) Amanhã não vou ao Porto.

(84) A criança está bem.

(85) Portugal conquista Ceuta em 1415.

Há diferentes tempos morfológicos ou formas verbais, tanto no modo indicativo como no modo conjuntivo. O modo indicativo divide-se em tempos simples e compostos, num total de seis e quatro formas, respetivamente.

A *Gramática do Português* de Raposo (*et alii*, 2013a) considera ainda como essenciais para a compreensão do tempo as formas verbais não finitas, que podem ou não ter concordância de GEN, pessoa e NUM. Das três formas não finitas, participio passado, infinitivo e gerúndio, apenas o gerúndio não aceita marcas de GEN e NUM, sendo que o participio as pode selecionar, e o infinitivo pode flexionar em pessoa e NUM. Embora, numa perspetiva morfológica, as três formas não finitas não veiculem informação temporal, é possível que em orações autónomas tal aconteça.

A marcação da informação temporal em português pode realizar-se com predicados temporais, adjuntos temporais, e ainda através da sucessão frásica do próprio discurso. Dada a frequência dos adjuntos temporais, serão sucintamente explicados.

Os adjuntos temporais têm como base sempre um de dois valores, seja intervalos (breves instantes, como, por exemplo, *o dia de Natal*) e/ou quantidades de tempo (uma propriedade do intervalo, como, por exemplo, *o ano de 2017*). Ou seja, os intervalos refletem um ponto do eixo temporal, enquanto quantidades de tempo representam duração. Partindo destes valores, os adjuntos conseguem indicar a duração, a localização temporal, a frequência ou a delimitação temporal de uma situação. É importante referir, no entanto, que nem todos os intervalos de tempo estão associados à localização de uma ação (compare-se *Ela nasceu em 1967* com *1967 foi um ano de chuva*). No que toca à localização temporal de uma situação, esta pode ser inclusiva (localização dentro de um intervalo de tempo), durativa (localização cobre todo o intervalo) ou de sobreposição (a situação e o intervalo sobrepõem-se) (Raposo *et alii*, 2013a: 573).

Também as expressões temporais adjuntas são variadas. Em português temos expressões autónomas com interpretação independente (86), dêiticas, em que a interpretação depende da enunciação (87), e anafóricas, nas quais a interpretação depende de um determinado elemento anterior (88):

(86) O atentado às Torres Gémeas foi no dia 11 de setembro de 2001.

(87) A Luísa vai dar aula agora.

(88) O atentado às Torres Gémeas foi no dia 11 de setembro. No mesmo dia o Pentágono também foi atacado.

Os adjuntos temporais interagem ainda com as relações discursivas. Nelas, a forma como o discurso se organiza aponta para uma determinada interpretação dentro de cinco possíveis (Raposo *et alii*, 2013a: 578): as situações ocorreram na mesma ordem da(s) frase(s) que as exprime(m) (89); a segunda situação explica o porquê da primeira (90); a primeira situação é a causa da segunda (91); a primeira situação estabelece o contexto desenvolvido na segunda (92); a segunda situação enquadra a primeira (93).

(89) Fui trabalhar. Voltei para casa. Senti frio.

(90) Amanhã não vou trabalhar. Fiquei doente.

(91) Fiquei doente. Amanhã não vou trabalhar.

(92) Tomei um comprimido. O comprimido fez efeito.

(93) Na semana passada foi igual. Trabalho num sítio frio.

Para além da informação temporal marcada pelo tempo verbal e pelos adjuntos temporais, há um outro tipo de informação temporal interna à situação, que recebe a designação de aspeto. Como exemplo, na frase acima utilizada *Portugal conquista Ceuta em 1415* o tempo, como dissemos, expressa algo que aconteceu em 1415. Já o aspeto reflete uma ação pontual e concluída. A frase *Ele vai trabalhar para a semana* tem uma situação futura, ao passo que a categoria aspetual corresponde a um processo contínuo, sem uma meta assinalada. Este aspeto lexical, ou *Aktionsart*, é uma característica inerente de uma situação.

Cada perfil aspetual tem pelo menos um traço intrínseco, sendo que os mais importantes são a dinamicidade, a duratividade, a telicidade e a homogeneidade. Os dois primeiros mostram situações que evoluem no tempo e alteram o estado das coisas (*lavar, aquecer*), e que se prolongam num período de tempo (*correr durante 15 minutos*), respetivamente. A telicidade diz respeito ao facto de a ação ter ou não um término implícito no verbo ou frase (*caminhar pela quinta*). Uma situação pode ser homogénea se for divisível sem que as propriedades sejam alteradas.

Estes quatro traços mais relevantes combinam-se para criarem duas classes aspetuais subdivisíveis, os *estados* e os *eventos*. Embora a maioria dos estados tenha o traço [- dinâmico], a distinção entre o verbo *ser* e *estar* parte exatamente deste ponto, dado que *ser* se refere a um estado estável, que segue o indivíduo possivelmente toda a

sua vida, e *estar* é um estado episódico, dependente de uma porção de tempo, um período determinado (Raposo *et alii*, 2013a: 598).

Os eventos, mesmo sendo todos [+ dinâmicos], são um caso mais complexo do que os estados, por enquadrarem tanto eventos pontuais como durativos. Dentro dos eventos pontuais encontram-se ações [- durativas]: as culminações, que implicam um final (*avistar, ganhar, reconhecer*), e os pontos, sem uma terminação implícita (*espirrar, tossir*). No lado oposto estão os durativos, com processos culminados, portanto [+ télicos] (*comer, construir, escrever*), e processos sem uma meta concreta (*fumar, passear, correr*). Conforme o verbo e/ou o complemento, certo traço aspetual pode ser selecionado (Raposo *et alii*, 2013a: 606).

A combinação e a interação de dois ou mais elementos linguísticos (verbo, argumentos, adjuntos adverbiais de localização e duração temporal, de frequência ou tempos gramaticais) fixa o aspeto de uma frase. Este, por sua vez, é influenciado por tudo isto, mas é ainda condicionado por perífrases verbais.

Existem cinco tipos de aspeto expresso por perífrases aspetuais (Raposo *et alii*, 2013a: 586): *ingressivo*, quando é mostrado o início de uma situação; *continuativo*, se o foco for na fase medial; *cessativo*, se o valor principal for a interrupção da situação; *terminativo*, quando se dá ênfase ao final da situação; e *resultativo*, com destaque das consequências ou resultados. Os cinco casos ilustram-se, respetivamente em:

- (94) O Tiago começou a desenvolver o projeto.
- (95) O Tiago continuou a desenvolver o projeto.
- (96) O Tiago deixou de desenvolver o projeto.
- (97) O Tiago acabou de desenvolver o projeto.
- (98) O projeto está desenvolvido.

Por fim, o domínio sintático e semântico ligado ao verbo que constitui área crítica para aprendentes de PLNM com ALM é o que trata de atitudes, crenças ou opiniões de entidades sobre o conteúdo proposicional dos enunciados: a modalidade (Raposo, *et alii* 2013a: 623).

Os conceitos de modalidade e modo encontram-se relacionados, não sendo, todavia, equivalentes. A modalidade é um termo geral, que designa a expressão linguística de opiniões e atitudes, enquanto o modo é uma forma de veicular a modalidade, através de flexão verbal. Os valores modais existentes são categorizáveis da seguinte forma (Raposo *et alii*, 2013a: 623-624): modalidade epistémica, relacionada com graus de certeza ou probabilidade sobre o enunciado ((99a) e (99b)); modalidade de

capacidade ou necessidade interna, na qual uma entidade expressa uma carência ou competência emocional ou física (100); modalidade deôntica, que se prende com as ideias de permissão, obrigatoriedade e imposição ((101a) e (101b)); modalidade externa aos participantes, que denota circunstâncias fora do controlo das entidades (102); e modalidade desiderativa, a qual expressa vontade (103).

(99a) É provável que o teste seja difícil.

(99b) Duvido que a aluna tenha positiva.

(100) Um bebé precisa de contacto humano.

(101a) Tens de voltar para casa a horas.

(101b) Por mim podes abrir a janela.

(102) Se não encontrar trânsito, consigo estar aí às 14h.

(103) Eles queriam sair do emprego mais cedo.

Todos estes valores modais são expressos de diversas formas, seja através de verbos semiauxiliares ou modais, seja com sufixos derivacionais, seja como resultado das características da frase ou dos predicadores. No entanto, a área crítica dos aprendentes de PLNM com ALM, pelo varrimento preliminar do *corpus*, parece ser a expressão da modalidade através do modo verbal, em especial na distinção dos usos do indicativo e do conjuntivo.

O modo é um dos sistemas em função dos quais varia a flexão dos verbos em português (Raposo *et alii*, 2013a: 673), sendo que coincide com o meio de expressão de tempo. Assim, a forma verbal exprime simultaneamente o tempo da frase e a opinião do interlocutor sobre a situação, sem esquecer os casos em que também exprime o aspeto (ver *supra*).

A língua portuguesa admite três modos, o indicativo, o imperativo e o conjuntivo. Além destes, também o condicional, o futuro do indicativo e o infinitivo, mesmo não sendo modos, conseguem exprimir valores modais (Raposo *et alii*, 2013a: 674).

O modo indicativo pode ocorrer em vários tipos de frase, quer simples, quer complexas coordenadas ou subordinadas. A escolha deste modo implica uma aceitação do conteúdo da frase como verdadeiro ou factual (104a) quando utilizado em frases declarativas, e se não houver outros elementos que indiquem o contrário (104b).

(104a) O corpo humano necessita de exercício físico.

(104b) Provavelmente ele gosta de ler.

Se, por um lado, o modo indicativo revela um alto grau de crença na proposição da frase (modalidade epistémica da certeza) em determinadas orações (Raposo *et alii*,

2013a: 675), o modo conjuntivo, por outro, sugere que essa crença é fraca, ou que o conteúdo tem pouco de verdadeiro (modalidade epistémica da dúvida). Dependendo da oração em uso, o modo conjuntivo pode adotar diferentes valores (ver (105), (106) e (107)).

(105) Suponho que ela não acabe a tempo.

(106) Ajudo-te quando quiseres.

(107) Se tivesse muito dinheiro, faria uma viagem.

Numa mesma frase, a escolha entre o modo indicativo e o conjuntivo acarreta diferentes significados, como acontece, por exemplo, em frases relativas:

(108) Ele vai mudar para um emprego que oferece melhor salário.

(109) Ele vai mudar para um emprego que ofereça melhor salário.

Em (108), a mudança de emprego pode não ter ocorrido, mas interpretamos a existência do salário como real, tangível. A frase (109), porém, não implica que tal emprego exista, remetendo para valores de incerteza e possibilidade (Raposo *et alii*, 2013a: 627). Uma associação de valores diferentes acontece também em orações subordinadas adverbiais, nas quais o indicativo pressupõe uma proposição verdadeira (110) e o conjuntivo uma proposição falsa (111) (apesar de tal não se aplicar a todas as orações deste tipo).

(110) Durante o tempo em que foi ministro, foi bastante aclamado.

(111) Se ele fosse um aluno esforçado, tinha boas notas.

O valor deôntico encontra-se realizado no modo imperativo (que ocorre com uma forma própria). O imperativo exprime, por isso, obrigação (112), permissão (113), e também desejo (114) ou sugestões.

(112) Vai estudar.

(113) Se terminar a tarefa hoje fora do horário de expediente, tire o dia de amanhã.

(114) Volta para casa.

Se em português a escolha do modo é um tanto flexível, com regras sintáticas e semânticas variáveis, a língua alemã é mais rígida nesse aspeto, não permitindo uma alteração tão plástica entre modos. Tal circunstância pode explicar a dificuldade desta área para os aprendentes de PLNM com ALM.

Sintetizando algumas ideias básicas, o tempo trata da estrutura externa temporal de uma frase, e localiza uma situação num determinado ponto ou intervalo de tempo, através de, principalmente, adjuntos temporais e tempos verbais. O aspeto lida com as propriedades internas da situação, esclarecendo a duração da ação, ou se esta tem um

fim próprio. O modo indica qual a posição do falante sobre a proposição da frase, por exemplo, se crê nela, se exprime permissão, ou a probabilidade de a ação ter lugar. Estes três fatores têm impactos diferentes para aprendentes com ALM (ver cap. 4). Em português há ações inacabadas ou contínuas, sem equivalente em alemão. Já o aspeto verbal português pode causar problemas por ter uma construção sintática com uma preposição diferente do equivalente alemão. Os modos, por fim, como mencionado, são mais plásticos nos valores que abrangem e atribuem do que os modos verbais alemães.

2.5. Organização do Léxico

O léxico, tal como afirmado por Isabel Leiria (2001), embora seja uma das mais importantes áreas na aprendizagem de PLNM, ou mesmo a mais importante, só há poucos anos recebe a atenção académica que merece. De facto, sem léxico não há comunicação, mas aprender o léxico de uma língua requer um conhecimento mínimo de cada vocábulo, desde as suas possíveis flexões, posições e combinatórias na frase à sua pronúncia, significado e uso. Contudo, o léxico que o aprendente traz na sua bagagem, seja o da sua LM, seja o de outras línguas conhecidas, influencia o léxico novo que vai aprender, pois os

factores interlexicais, tais como distância entre a [LM] e a [LNM], e intralexicais, tais como a dimensão e o grau de organização do léxico da [LNM], e a frequência com que uma determinada palavra ocorre no input, determinam certamente a aprendizagem de novas palavras (Leiria, 2001: 131).

É compreensível que uma das áreas de produção escrita de PLNM que se mostrou das mais problemáticas para os aprendentes com ALM, de novo a partir do varrimento preliminar do *corpus*, seja a da seleção lexical. A maioria dos itens lexicais de uma língua tem mais do que uma interpretação possível, com uma precisão de significado diminuída. Outros itens têm um significado mínimo ou nulo. Certos itens lexicais podem não fazer referência a nenhuma entidade em específico ou terem propriedades demasiado gerais, que resultam em vagueza.

Tomando estes aspetos em conta, apurar o sentido exato de uma palavra é difícil quando esta se analisa fora de contexto. Uma palavra sozinha não é interpretável, mas, através da combinação das palavras dentro de uma frase, já é possível determinar tanto o significado da palavra como o da frase, devido às relações entre palavras.

Cada palavra tem a sua denotação, construída pela junção de duas dimensões: o conjunto de propriedades que definem o conceito expresso pela palavra, ou *intensão*; e o conjunto de entidades que satisfazem a intensão da palavra e para qual o conceito remete, ou *extensão* (Raposo *et alii*, 2013a: 187). Assim, a *intensão* de “garfo” é a de um objeto com três ou quatro espetos, com um punho, e usado para levar comida à boca; a *extensão*, por outro lado, remete para todos os garfos existentes. Apesar de a denotação ser, portanto, definida pela *intensão* e *extensão*, existe ainda a problemática de cada falante ter uma definição ligeiramente diferente para cada palavra, além da amplitude de usos que a palavra pode ter. Um exemplo, entre outros, é *amigo*, que tanto pode ser alguém que não se conhece muito bem, como alguém com quem se partilha grande intimidade.

São várias as relações que as palavras podem estabelecer entre si no campo da ambiguidade lexical, especialmente porque as palavras ditas *monossémicas* – com um único significado associado à forma gráfica – não são muito frequentes, seja qual for a língua.

Duas das relações semânticas mais comuns entre palavras são a *polissemia* e a *homonímia*, em que uma mesma forma fonética e gráfica corresponde a sentidos diferentes, o que origina ambiguidade. Embora sejam semelhantes, podem distinguir-se através da história da palavra. Se adotarmos uma perspectiva diacrónica e a ambiguidade de uma palavra tiver origens etimológicas, trata-se de homonímia (palavras diferentes evoluíram para uma forma igual), mas, se os étimos forem idênticos, trata-se de polissemia (uma palavra com mais do que um sentido) (Raposo *et alii*, 2013a: 191). No entanto, nem sempre a informação de carácter etimológico está disponível para a generalidade dos falantes ou permite ter certezas absolutas sobre a origem das palavras; por essa razão, opta-se por um critério semântico para definir polissemia e homonímia, de um ponto de vista sincrónico. Assim, as palavras cujos sentidos se apresentam interrelacionados semanticamente são consideradas polissémicas ao passo que a ausência de relação semântica entre sentidos alojados sob uma mesma forma fónica é o critério para se poder falar de homonímia (Raposo *et alii*, 2013a: 192). A polissemia existe sobretudo em nomes, mas também se encontra em adjetivos, e em preposições. Alguns exemplos de polissemia são *pé* (parte do corpo, base de objeto, unidade de medida) e *bom* (*bom médico*, *bom café*, *bom professor*, *bom livro*, etc. *Canto* (esquina de uma sala ou mobília, canto d’ *Os Lusíadas*, cantiga) ilustra a homonímia. Ambos os fenómenos constituem obstáculos para aprendentes de PLNLM por obrigarem a associar

significados diferentes a uma mesma palavra, sem que haja uma forma óbvia de distinção entre eles.

A sinonímia refere-se a palavras distintas, da mesma classe lexical, com sentidos aproximados, tais como *fantástico* e *maravilhoso*, ou *carro* e *automóvel*. Por a sinonímia absoluta ser bastante rara, um aprendente de PLNM está sujeito a escolher de um dicionário palavras que não correspondem exatamente ao contexto necessário, o que resulta por vezes em desvio de seleção lexical (ver cap. 4). Existem ainda outros tipos de sinónimos, nomeadamente os parciais, os quase sinónimos e os parassinónimos. Também entram nesta relação de palavras as variantes dialetais (compare-se *bico* com *papo seco*, *carcaça*), as palavras provenientes de outras variantes do português (*matraquilhos* em português europeu, *pebolim* em português do Brasil), e os sinónimos com origem em arcaísmos, neologismos e nos diversos registos de uma língua (*pai* e *papá*).

No outro extremo de relações entre palavras encontramos a antonímia, em que palavras da mesma classe lexical têm sentidos contrários. Existem quatro categorias de antonímia: complementar, de grau, reversível e relacional (Raposo *et alii*, 2013a: 198-199). A primeira corresponde a um tipo de oposição absoluta, sem estados intermédios, como o par *morto/vivo*, *fértil/infértil*. Antónimos de grau posicionam-se entre os dois extremos, sendo adjetivos sobretudo intermédios, por exemplo, *morno/fresco*, *simples/complicado*. O terceiro caso de antónimos, os reversíveis, lida com extremos da escala espacial, movimentos, orientação ou localização. Alguns exemplos são os pares *em cima/debaixo*, *subir/descer*, *fechar/abrir*. A antonímia relacional aponta para uma mesma situação observada de um ponto de vista diferente, como é sugerido nos pares *dar/receber*, *vender/comprar* ou o verbo *alugar*, que ilustra as duas perspetivas.

Entre palavras pertencentes a uma área semântica há uma relação em termos de maior ou menor especificidade de sentidos, as chamadas relações de *hiperonímia* e *hiponímia*. A palavra *gatos*, por exemplo, é mais específica do que *felinos*, a qual, por sua vez, é mais específica do que *animais*. Desta forma, pode-se dizer que *gatos* é hipónimo de *felinos*, e *felinos* é hipónimo de *animais*. Dado que estas relações são simétricas, *animais* é hiperónimo de *felinos*, a qual é hiperónimo de *gatos*.

Existem ainda as relações de palavras que refletem relações entre o todo e uma parte. À designação do todo é dado o nome de holónimo, e as designações das partes são chamadas de merónimos. Assim, *ecrã*, *teclado*, *carregador* são todos merónimos do holónimo *computador*.

Todas estas relações de palavras servem para mostrar a complexidade da tarefa com que é confrontado qualquer aprendente de PLNM na aquisição de vocabulário. Entender uma palavra e saber usá-la é só o primeiro aspeto de aprendizagem. Há que saber enquadrá-la com outras palavras, em relações de meronímia ou hiponímia, distinguir as palavras polissémicas e identificar sinónimos ou antónimos.

Na análise de *corpus* no cap. 4 demonstramos como a organização do léxico é um problema considerável para aprendentes com ALM, e que em certos casos se nota uma influência alemã do vocábulo escolhido

Para além das palavras que, dependendo da frase em que estão inseridas, têm um sentido distinto e de todas as relações que se podem estabelecer entre palavras, o léxico apresenta também dificuldades para os aprendentes de PLNM com ALM devido às unidades multilexicais.

Estas unidades, ou sequências lexicalizadas, são conjuntos de palavras que funcionam como um todo, isto é, como uma só palavra, formada através de um processo gradual chamado lexicalização (Raposo *et alii*, 2013a: 216). Tanto a formação como o significado da unidade se vão alterando ao longo da sua evolução. Peguemos na sequência *caçar gambozinos*. Ambos os termos eram usados, antes da lexicalização, de forma autónoma (*caçar* = procurar um animal; *gambozinos* = tipo de animal). Porém, a frequência do uso criou uma nova designação, ao mesmo tempo que os elementos individuais perderam o seu significado para passarem a ter um global (Raposo *et alii*, 2013a: 219): *caçar gambozinos* está no último estado de lexicalização, com um significado não composicional. Por outras palavras, com esta expressão, o falante não pede para o ouvinte ir caçar um animal em específico, mas sim para se ir embora. A expressão *dar banho ao cão*, por outro lado, apresenta os dois estados de desenvolvimento da lexicalização: uma unidade com alto grau de lexicalização (115), ou uma expressão em que se deduz o sentido através do significado dos elementos, como (116):

(115) Vai mas é dar banho ao cão!

(116) A Mafalda esteve a dar banho ao cão.

São oito as áreas semânticas com unidades multilexicais enumeradas por Raposo: realidades extralinguísticas do quotidiano (*ferro de engomar, água ardente*); expressões para nomes técnicos (*recursos humanos, órgão administrativo*); variantes expressivas de palavras (*piar fininho por mandar calar alguém*); expressões de natureza geral ou específica (*cultura geral, fora do comum*); expressões apenas com funções pragmáticas

(como as formas de cortesia); provérbios; siglas; e acrónimos (Raposo *et alii*, 2013a: 221-222).

Tal como acontece com as palavras, de um ponto de vista sintático, as unidades podem cumprir várias funções numa frase, tais como servir de argumento, ter funções nominais ou adjetivais, verbais e preposicionais, entre outras. À medida que a estrutura morfossintática de uma unidade se fixa, dá-se uma *des-sintatização* da unidade, até os falantes não estarem conscientes dos componentes, como é o caso de *fim-de-semana* ou *bom dia* (Raposo *et alii*, 2013a: 218).

Uma unidade multilexical tem também um certo grau de consolidação formal implícito, o que significa que a escolha das palavras que a constituem é limitada. Isto acontece porque o significado da própria unidade está associado a uma combinatória em específico. As palavras tendem a escolher-se umas às outras, obedecendo a certas restrições, num processo com o nome de *cosseleção* (Raposo *et alii*, 2013a: 221). Contudo, os casos que admitem substituições existem, e quantas mais substituições uma unidade aceitar, menor é o seu grau de lexicalização. Pelo contrário, um número baixo ou inexistente de substituições está associado a uma lexicalização mais conseguida.

O plano paradigmático define não só o critério da substituição, como o a possibilidade de variação morfológica. As unidades consideradas livres admitem flexão em NUM e GEN, no caso de nomes e adjetivos, e pessoa/número e tempo/modo/aspecto nas unidades verbais. Por outro lado, as unidades multilexicais fixas não podem sofrer alterações semelhantes.

Ao contrário do que acontece com qualquer aprendente de PLNM, os falantes de PLM têm presente no seu léxico mental que combinações, variações e substituições são possíveis e com que unidades. Um falante nativo saberá também que combinações lexicais são adequadas aos contextos, e que elementos devem sofrer flexão. No entanto, estas combinações e restrições são específicas para cada língua. De modo oposto ao que aconteceu na língua portuguesa, as palavras compostas alemãs unem-se, na maioria dos casos, numa só forma, quer inclua duas (*Fußballspiel* = *jogo de futebol*), quer cinco palavras (*Donaudampfschiffahrtsgesellschaft* = *companhia de navegação a vapor do Danúbio*). Desta forma, os aprendentes de PLNM com ALM precisam de compreender os processos de formação de palavras já descritos e, por exemplo, que preposições ligam que elementos, ou que grafemas são eliminados.

Sintetizando o cap. 2, as áreas de aprendizagem que apresentam desafios para aprendentes de PLNM com ALM são várias, desde a colocação de acentos à atribuição de GEN e concordância. No entanto, é na área da sintaxe e semântica que se deteta um maior número de desvios, que afetam estruturas como as seguintes: sujeito nulo, ordem dos constituintes, realização dos determinantes, estrutura dos constituintes, e valores de tempo aspeto e modo. As categorias listadas na secção 2.4. são estruturas com funcionamentos distintos em alemão e em português, sendo que a tríade do tempo, modo e aspeto é a mais distante da língua materna dos aprendentes. Em alemão, os valores disponíveis para os três termos são relativamente claros, com usos específicos, mas, em português, embora parte das regras e esquemas sintáticos sejam parecidos, a atribuição desses valores requer um conhecimento aprofundado da língua, por ser um fenómeno com regras mais complexas. Algo semelhante acontece com a estrutura de constituintes, que não fixa definitivamente um componente da frase a uma posição. A organização de léxico também agrupa um grande número de desvios, parcialmente causados por transferência, sendo que nesta área os desvios recaem nas estruturas fixas e semifixas da língua. Tal acontece por qualquer falante de PLNM precisar de uma destreza linguística próxima de competência nativa para entender os cambiantes semânticos do léxico, que combinações são possíveis e em que contextos.

Capítulo 3 – Opções metodológicas

3.1. Metodologia

Recordamos que este trabalho pretende mostrar a permanência de algumas estruturas da língua materna em aprendentes de PLNM que são também falantes nativos de alemão, através da análise de desvios que possam estar ligados à transferência. Uma análise desta natureza poderá fornecer a vários profissionais da área de ensino um conjunto de dados reais, focados nas áreas críticas destes aprendentes.

De forma a atingir esse fim, optámos por utilizar um *corpus* escrito, não só devido ao acesso a um maior número de dados, como também, e sobretudo, por permitir observar áreas críticas fundamentais: ortografia, formação de palavras, transferência de estruturas sintáticas e semânticas (relacionadas, por exemplo, com a ordem de palavras ou a estrutura argumental), relações semânticas de tempo, modo e aspeto e relações lexicais entre palavras. Um *corpus* escrito também permite deixar mais clara a influência de outras LNM que o aprendente conheça, dado que tais conhecimentos prévios podem moldar ou interferir na forma como se aprende PLNM.

A escolha de um *corpus* produzido por aprendentes com ALM é ainda justificável por outras razões, sendo uma delas a uniformização da LM. O alemão pertence a uma família linguística diferente do português, a germânica, sendo por isso relevante analisar como é que estes aprendentes iniciam a sua aprendizagem numa língua românica. É igualmente interessante descobrir, no caso de terem aprendido latim e/ou espanhol antes de estudarem português, se as influências de LNM do mesmo ramo marcam presença no desenvolvimento da aprendizagem de PLNM. Os aprendentes alemães oferecem ainda um caso interessante de estudo por aprenderem línguas de forma sistemática e eficaz, e, por o fazerem desde tenra idade⁸, desenvolvem mecanismos de aquisição linguística mais rigorosos, quando comparados com outros alunos. Um exemplo disso é a utilização regular de glossários próprios e de dicionários, o que, como veremos no cap. 4, pode ter influência em algumas escolhas na LA.

⁸ Os alunos alemães começam a estudar uma LNM a partir dos 7 ou 8 anos, em média. A idade depende do estado em que se encontram. (<http://www.goethe.de/lhr/prj/d30/dos/wis/de6400582.htm> Consultado a 17/04/2017)

3.2. Constituição do *corpus*

O *corpus* deste trabalho é composto por 42 produções escritas, realizadas por 40 aprendentes, dos níveis A1 a C1. A escolha de textos que abrangessem os cinco níveis do QECRL (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas⁹) deve-se ao facto de serem os níveis presentes no *corpus* e de servirem como linha orientadora da investigação em LNM, mas sobretudo por espelharem o progresso habitual numa língua, de acordo com parâmetros previamente definidos. Ao enquadrar um texto num determinado nível, associamos a competência escrita de um aluno a esse mesmo nível. Todavia, devemos ter presente que a competência real de um aprendente em qualquer LNM tanto pode superar como ficar aquém das exigências do nível atribuído. Adicionalmente, o mesmo aluno pode revelar níveis diferentes nas quatro competências, especialmente se o curso ou escola frequentada se focar mais em determinadas competências e não garantir a prática das restantes. Ou seja, a categorização de alunos por nível está definida por critérios exteriores a este trabalho e pode resultar em níveis erradamente atribuídos, o que, por sua vez, influencia a investigação feita. Apesar disto, e por ser o QECRL o sistema mais comum, optámos por esta categorização uniforme.

Foram escolhidos oito textos por nível, à exceção do nível A1, que tem dois textos adicionais para manter algum equilíbrio no número de palavras. Os textos provêm de dois *corpora* de instituições diferentes, como passamos a explicar.

A maioria dos textos (28) foram recolhidos do *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2, do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Universidade de Coimbra, coordenado pela Doutora Cristina Martins. Este projeto de recolha de *corpus* do CELGA, desenvolvido entre 2009 e 2011, tem como objetivo dar acesso a alunos e investigadores a “um acervo estruturado de dados empíricos fiáveis, capazes de sustentar o desenvolvimento de dissertações na área da aquisição/aprendizagem de PL2”¹⁰, no qual se inscreve este trabalho. A cada texto corresponde um enunciado entre nove à escolha: três sobre o indivíduo (*apresentação, carta a amigo, atividades nos tempos livres*), três sobre a sociedade (*descrever o país, contacto com culturas novas, coisas de que gosta e que detesta*), e três sobre o meio ambiente (*viver no campo ou na cidade, meios de transporte, bairro onde mora*).

⁹ http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf (Consultado a 17/04/2017)

¹⁰ <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2> (Consultado a 06/04/2017)

Os 28 textos selecionados foram escritos por 28 aprendentes, que responderam a um questionário na altura da recolha dos textos, razão pela qual temos acesso ao seu perfil. Deste modo, quanto à nacionalidade, apenas 4 aprendentes se identificam com outras nacionalidades que não a alemã, nomeadamente a austríaca (2 aprendentes), a italiana, e a checa, embora os 28 indiquem alemão como a sua LM. No ano da recolha, a idade média dos autores dos textos era de 26 anos, tendo o aprendente mais velho 57 e o mais novo 22 anos. Em relação a outras LNM, todos afirmaram terem conhecimento de inglês. 12 aprendentes indicaram competências em francês, 8 sabiam falar espanhol, 8 sabiam latim, e 4 conseguiam falar italiano. Sobre o estudo de PLNM, até 2011, os aprendentes tinham estudado PLNM entre 3 meses e 7 anos, numa média de 3 anos. Finalmente, apenas 10 dos 28 aprendentes tinham vivido num país lusófono ou com uma língua românica como língua oficial, durante um período médio de 13,6 meses. Um total de 10 aprendentes tinha também estado em Portugal, quer em viagens prévias, quer durante o período de estadia em Portugal no ano em que foi escrito o texto, numa média de 8 meses.

O *corpus* do CELGA não continha textos suficientes para o nível A1 e nenhum para o C1, pelo que foi necessário recorrer a outra base de dados. Do *Corpus* de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, um projeto do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) coordenado pela Doutora Anabela Gonçalves, foram retirados 14 textos. Este projeto, concluído em 2015, disponibiliza um vasto número de textos, mas não inclui informação sobre os estímulos usados ou sobre os autores das produções escritas. Não tendo conhecimento do perfil dos aprendentes, a análise destes 14 textos foi feita sobretudo com base em induções, que necessitam de serem confirmadas ou refutadas no que aos indícios de transferência de ALM e de outras LNM diz respeito (ver cap. 4).

O *corpus* do CLUL divide os textos não pelos níveis A1 - C1 mas pela nomenclatura adotada por manuais ingleses. Assim, ao *beginner* (princípio) corresponde o A1, ao *elementary* o A2, e o *intermediate* designa o nível B1. Conforme os manuais ingleses, o nível B2 tanto é chamado de *advanced* como *upper-intermediate*, e ao C1 correspondem os nomes *advanced* ou *proficient*. Para os efeitos deste trabalho, consideramos o nível *advanced* (avançado) como o B2, e o *proficient* (proficiente) como C1.

3.3. Tarefas levadas a cabo

No início do trabalho foi realizada uma análise experimental de um *corpus* reduzido, composto por 40 frases dos cinco níveis, de forma a atestar se os aprendentes efetivamente transferiam estruturas a partir do ALM. Este varrimento inicial serviu também para pôr à prova a tipologia escolhida, como será explicado na secção seguinte. Dado que a primeira análise revelou indícios de transferência, decidimos aumentar o *corpus* para obter mais informação sobre as áreas afetadas pelo fenómeno. No varrimento seguinte, o objeto de análise incluiu os textos completos, de forma a abarcar o contexto dos desvios e observar melhor que desvios são cometidos e por que aprendentes (ver Anexo). Ainda no princípio da investigação, e para distinguirmos que situações eram elegíveis, foi necessário diferenciar o *erro* enquanto ocorrência casual do *desvio*, que é um caso persistente (ver cap. 1, ponto 1.2.).

Globalmente, os 42 textos investigados forneceram dados suficientes para podermos dizer que existe transferência a partir do ALM em todos os níveis de aprendizagem, do A1 ao C1. Esses dados permitiram-nos identificar que tópicos gramaticais ou lexicais são de mais difícil aprendizagem dentro das áreas da linguística. Também apontam para uma possível influência de outras LNM, mas, como esse tema não é o foco do trabalho, não iremos considerar estas ocorrências, a não ser de forma pontual (ver cap. 4).

Como foi previamente mencionado (ver cap. 1, ponto 1.2.), a interpretação que qualquer investigador faz dos desvios condiciona os resultados, porque apenas os aprendentes sabem exatamente o significado pretendido em determinadas frases, e, conseqüentemente, se se trata de interferência da LM ou não. Devido a alguns desvios não mostrarem claros sinais de transferência, foram excluídos da análise (ver, de novo, cap. 4).

Os dados obtidos na primeira pesquisa mostraram a necessidade de adaptar a tipologia selecionada, para que conseguisse contabilizar os desvios nos seus vários cenários. O conjunto de desvios obtidos da análise dos 42 textos, por outro lado, comprovou a nova tipologia e revelou a importância de separar os desvios causados por transferência de LM dos restantes, como é explicado na secção seguinte.

3.4. Tipologia

Para a primeira análise escolhemos a seguinte tipologia¹¹:

Categoria	Manifestações dos desvios
Ortográficos	Na representação ortográfica desviante (inclui acentuação)
Flexão verbal	Na representação formal dos constituintes morfológicos do verbo (radical, vogal temática, morfema de tempo-modo ou morfema de pessoa-número).
Flexão nominal e adjetival	Na representação formal dos constituintes morfológicos do nome e do adjetivo, nomeadamente da marca de plural.
Determinação dos nomes	Na ausência de determinante (normalmente artigo) antes do nome, na sua presença desnecessária ou na escolha inadequada de determinante (por exemplo, artigo definido por indefinido e vice-versa).
Uso de preposições	Na omissão, adição ou substituição indevidas de preposições.
Colocação do pronome pessoal átono (clítico)	Na posição enclítica (pós-verbal) em contextos obrigatórios de próclise (posição pré-verbal) e vice-versa.
Atribuição de valores de género nominal e concordância	Na atribuição de um valor de género indevido a um nome, manifestado, quer por via de marcadores morfológicos do próprio nome, quer através de fenómenos de concordância sintática (determinante/quantificador/adjetivo + nome).
Concordância nominal de número	No desrespeito da concordância sintática com o nome em número, revelada pela forma morfológica de determinantes, quantificadores ou adjetivos que com o nome devam concordar.
Concordância sujeito-verbo	Na ausência de concordância em pessoa-número entre o sujeito e o verbo.
Seleção de tempo e/ou modo verbal	No recurso a uma forma verbal que não é adequada ao contexto pela má seleção do tempo, do modo, do aspeto, ou de qualquer combinação destas três categorias semânticas.
Seleção lexical	No uso de um vocábulo que não seria usado por um falante nativo no mesmo contexto.

Tabela 1 – Tipologia de desvios para PLNM

Contudo, esta tipologia, mesmo com adaptação, não permitia uma categorização coerente dos desvios específicos de aprendentes com ALM, especialmente os relacionados com a transferência. Por exemplo, a realização de sujeito em contextos não apropriados, ou os desvios na ordem de constituintes não estão previstos na tipologia, pelo que tiveram de ser criadas categorias para tal. Já outras secções, como a flexão verbal, foram eliminadas, por o número de desvios ser mínimo. Em outras secções, foi

¹¹ Agradece-se à Doutora Cristina Martins a indicação desta sua tabela, fornecida aos alunos do mestrado em Português Língua Estrangeira e Língua Segunda, em outubro de 2015. Para este trabalho, foram feitas algumas adaptações formais.

necessário definirmos mais claramente que ocorrências seriam aceites, como acontece, por exemplo, na categoria dos desvios ortográficos, que passou a incluir desvios de pontuação.

À semelhança da tipologia na página anterior, a selecionada também está organizada por subdomínios linguísticos, dado que é um dos tipos de categorização mais comuns. Relacionado com esta escolha encontra-se também o facto de não existir qualquer outro estudo global com enfoque nas influências do ALM em aprendentes de PLNM que pudéssemos usar como base, pelo que seria impossível estabelecer uma tipologia perfeita à primeira tentativa.

Neste sentido, a tipologia usada na segunda análise foi a seguinte:

Categorias linguísticas	Manifestações dos desvios
1. Ortográficos	a. Omissão de acentuação b. Troca de acentuação c. Acentuação indevida d. Omissão de pontuação e. Troca de pontuação f. Troca de grafema g. Omissão de grafema
2. Atribuição da marca de GEN	a. Alteração da marca em determinante b. Alteração da marca em adjetivo c. Alteração da marca em nome
3. Determinação dos nomes	a. Omissão de artigo antes de nome b. Adição indevida de artigo
4. Uso de preposições	a. Omissão desviante de preposição b. Adição desviante de preposição c. Troca de preposição argumental e não argumental
5. Colocação do pronome pessoal átono	a. Omissão de clítico b. Adição indevida de clítico c. Posição desviante do pronome clítico
6. Concordância nominal em número	a. Omissão de marca de número b. Troca de marca de número
7. Concordância sujeito-verbo	a. Omissão da marca de pessoa no verbo b. Troca da marca de pessoa no verbo
8. Seleção de tempo e/ou modo verbal	a. Troca de forma verbal (tempo-aspecto) b. Troca de modo verbal
9. Seleção lexical	a. Escolha de registo b. Troca de vocábulo
10. Estrutura argumental	a. Troca de complemento verbal
11. Ordem	a. Troca da ordem de constituintes na frase b. Troca da ordem de palavras no constituinte
12. Sujeito	a. Adição de sujeito explícito
13. Conectores	a. Troca de conector
14. Outros	a. Desvios não classificáveis b. Desvios residuais provenientes de outras categorias

Tabela 2 - Tipologia usada

Para efeitos de identificação, sempre que uma frase, um sintagma nominal, verbal ou preposicional, ou um constituinte da frase fosse divergente em relação à norma do português padrão, era considerado desvio. Contabilizámos como *erros* ou residuais as ocorrências que se manifestaram em baixo número ou que surgiram apenas em um aprendente, já que não espelham a aprendizagem geral.

Para melhor compreensão, apresentamos alguns exemplos dos casos admitidos na tipologia. Os desvios ortográficos refletem um uso desviante de acentuação e pontuação, assim como o uso de maiúsculas nos nomes e depois de dois pontos, entre outros (grafemas que foram trocados ou omitidos, porque o aprendente não os consegue

identificar). A atribuição da marca de género é também subdividida em desvios por alteração no determinante (1) ou adjetivo (2), e desvios por alteração no nome como nos casos em que o índice temático é alterado (3).

(1) [...] bebo **uma** leite [...]. (de012CVITF principiante)¹²

(2) [...] temas **profundas** [...]. (de007CVATD avançado)

(3) [...] os novos **colegos** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

A categoria 3 diz respeito a desvios em determinantes, a maioria deles em artigos definidos e indefinidos, quer através de omissão (4) quer de adição indevida (5).

(4) [...] minha tia [...]. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(5) [...] desde **o** Fevereiro [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

À semelhança desta categoria, também as categorias das preposições e dos pronomes átonos foram subdivididas para ser possível distinguir além da troca, casos de omissão, como (6) e (7), e de presença indevida, como (8) e (9):

(6) [...] estou triste voltar [...]. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)

(7) [...] eu encontro com meus amigos [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(8) É preciso recordar-se **de** que o homem contemporaneo já não vive nas selvagens [...]. (de037CVSTF proficiente)

(9) [...] socializando-**me** muito [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

A concordância nominal de NUM inclui a omissão da respetiva marca (10) e a sua troca, como acontece nos exemplos (11) e (12):

(10) [...] sejam sãos e **feliz** por muitos anos. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)

(11) [...] olhos **azules** [...]. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

(12) **Na** aulas vão são á noite [...]. (de027CVITF_2 principiante)

Já a concordância sujeito-verbo contempla casos de omissão (13) e troca de marca de pessoa e/ou número (14) e (15).

(13) [...] 16 regiões, que também **tem** suas próprias culturas [...].
(ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(14) [...] juntos nos **creiam** um centro [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

(15) Quanto tempo **passam** desde [...]. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

¹² A anotação usada para identificar os desvios é a mesma do *corpus* do CELGA ou do CLUL. Às ocorrências com origem nos textos do CLUL foi acrescentado o nível do aprendente. Das ocorrências originais retirámos as palavras eliminadas pelos aprendentes, e as barras que marcam o acrescento de palavra, de forma a facilitar a leitura, mas todas essas marcas estão conforme o original na listagem em anexo (ver volume II). Sempre que uma frase não é citada de forma completa, os cortes surgem assinalados por [...]. A numeração no texto principal é corrida.

Nestas duas categorias considerámos desviante qualquer falta de concordância entre nome e determinante ou adjetivo, e entre sujeito e verbo.

Na categoria 8, admitimos como desvio os casos em que o verbo está numa forma verbal cujos valores de tempo, aspeto ou modo são divergentes em relação à norma-padrão, tendo em conta o contexto:

(16) Quando era jovem **gostei** muito de jogos [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(17) [...] talvez quando **tenha** 26 anos [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

Dedicada ao léxico, a categoria 9 teve de acomodar desvios de tipos diferentes. Para além das trocas de vocábulos devidas a transferência de LM (18) ou de outra LNM (19) e do caso específico de *ser* e *estar* (20), detetámos ainda desvios de registo (21):

(18) **Sou** mais ou menos 1.90 [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(19) [...] fazer desporto tanta **as me** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(20) Às 3h à tarde **sou** a casa [...]. (de012CVITI principiante)

(21) [...] capital enorme **tipo** Paris [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

Algumas das últimas categorias acolhem apenas um cenário de desvio. A categoria 10 trata apenas das ocorrências em que a estrutura argumental tem os mesmos elementos que teria em alemão:

(22) Às vezes **perguntamos os** nossos queridos **por** aconselhamentos
(de035CVSTF proficiente)

(23) quando há pessoas que **as abusam** (de035CVSTF proficiente)

Esta categoria não inclui as trocas simples de preposições argumentais e não argumentais (cf. categoria 4.c.), isto é, só inclui trocas que envolvem também, além da preposição, o tipo de complemento.

À semelhança da categoria anterior, a 11 contempla a transferência da LM, mas na ordem de palavras (24). Já a 12 toma apenas os desvios de presença indevida do pronome sujeito (25) (por apenas esse fenómeno se ter realizado). A categoria dos conectores tem alguns desvios de troca de conector (26).

(24) [...] espero que podemos falar em português **também!**
(ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(25) [...] porque quando **eu** estudo muito, **eu** tenho também [...].
(ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(26) Aqui todo é menos buracrático **assim que** encontrei um quarto [...].
(ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

Estas 13 primeiras categorias podem ter, portanto, subcategorias próprias para classificar os casos seguintes: adição desviante, em que o elemento em causa se dispensa da frase na norma-padrão da língua-alvo (ex. *Durante o Julho* – adição desviante de artigo); troca, ou seleção desviante de um elemento ao invés de outro pedido pelo texto (ex. *Bebo leite com chocolate a casa* – troca de preposição); omissão, que trata de casos em que o texto não tem o elemento pedido (ex. *Hagen uma cidade pequena* – omissão de pontuação).

A última categoria, 14, contém os casos desviantes que não se encaixam nas outras e também aqueles que representam fenómenos isolados, não justificando, por isso, a criação de uma subcategoria.

Em conclusão, foram admitidas para análise as ocorrências que mostram sinais de transferência do alemão e desvios em relação à norma do português padrão. No capítulo seguinte será demonstrada, através de uma comparação entre as duas línguas, a presença da transferência de ALM em aprendentes de PLNM, com um olhar mais específico sobre as dificuldades dos alunos.

Esta metodologia tem, naturalmente, as suas limitações. Seria preferível ter um perfil sociolinguístico de todos os aprendentes envolvidos, para melhor perceber as influências de outras LNM e se existe algum padrão de aprendizagem relacionado com a idade. Uma pesquisa mais aprofundada beneficiaria também de uma entrevista com os aprendentes, em que explicassem os desvios que fizeram. Essa entrevista seria particularmente útil para colocar cada desvio na sua categoria, sem que houvesse dúvidas. Assim, sem informação do autor do texto, certos desvios são não categorizáveis ou enquadram-se em várias categorias, tal como acontece neste trabalho. Analisar o *corpus* oral dos aprendentes seria igualmente produtivo, pois forneceria uma justificação para determinados desvios que ocorrem na escrita.

Em síntese do presente capítulo, para esta análise realizámos um primeiro varrimento experimental do *corpus*, que indicou transferência de aprendentes de PLNM com ALM, confirmada num segundo varrimento. Contudo, nem todos os desvios se devem a transferência da LM, pelo que foi necessário fazer uma tradução aproximada do desvio e seu contexto para alemão, e averiguar se a estrutura do desvio tem um funcionamento correto em alemão. Se assim for, podemos estar perante transferência; se não, o desvio deve ser evidência de como estes alunos aprendem PLNM. Em certos desvios será impossível discernir com certeza absoluta se se devem a transferência ou

não, o que limita os resultados. Porém, o número de casos transversais não é muito relevante.

O presente trabalho segue, no capítulo 4, a estrutura comum de uma análise de desvios (ver cap. 1, secção 1.2.), com a identificação dos desvios, a descrição da situação acompanhada de uma análise contrastiva das estruturas das duas línguas, com exemplos seleccionados, e uma tentativa de explicar os motivos de cada desvio.

Capítulo 4 - Resultados e discussão

4.1. Explicação prévia

Os 42 textos do *corpus* forneceram dados suficientes para a identificação de padrões de aprendizagem, assim como de casos isolados, quer por influência da LM, quer por transferência de outras LNM conhecidas. Neste capítulo, apresentamos os resultados de dois tipos de análise: a de desvios, que diz respeito a todos os passos mencionados no capítulo 1 (ver ponto 1.2.), e a contrastiva, que confronta as estruturas linguísticas do alemão e do português. O trabalho não tem, todavia, análise estatística, pelo simples motivo de não ser possível fazer uma contagem exata dos desvios. Como referimos anteriormente, certos desvios encaixam-se em mais do que uma categoria da tipologia ao mesmo tempo, enquanto outros podem ser tidos como pertencentes a categorias distintas, dependendo da forma como são interpretados. Em consequência disto, não será realizada qualquer contagem percentual para não exibir dados enganadores.

Os resultados são apresentados por ordem de relevância crescente, numa estrutura que espelha a do cap. 2. Assim, primeiro encontram-se exemplos analisados dos desvios transversais (ponto 4.2.), seguidos dos ortográficos e dos motivados pela fonética e fonologia alemãs (ponto 4.3.). O ponto 4.4. trata da morfologia e da morfossintaxe, incluindo questões de flexão em número e género, bem como de concordância. Desvios relacionados com a estrutura de sujeito, tempo, aspeto e modo verbal, e relacionados com constituintes e argumentos encontram-se em 4.5. A última secção, sobre o léxico (ponto 4.6.), contempla as ocorrências mais complexas, pelo que será uma secção mais extensa. Ao longo do capítulo apresentamos exemplos retirados do *corpus* com as ocorrências desviantes marcadas a negrito e numerados de forma corrida. A totalidade dos exemplos encontra-se listada no Anexo (vol. II), que oferece todas as ocorrências desviantes de cada categoria.

4.2. Desvios transversais

Este ponto inclui os desvios que tanto podem ter origem na influência do ALM, como serem transversais a qualquer língua, sendo que, independentemente do motivo, este tipo de desvio é mais comum nos níveis de iniciação.

Os desvios transversais afetam vários domínios linguísticos e são produzidos por todos os aprendentes, quer com LM de famílias distantes, quer com LM que pertençam à mesma família do PLNM. Algumas das áreas afetadas são o uso de determinantes, de preposições, a concordância sujeito-verbo e a formação de palavras.

Nos determinantes, encontramos exemplos de omissão de artigo definido antes de topónimos, como em (1) e (2), e de contrações de preposição com artigo não concretizadas (3):

(1) [...] pouco diferente **de** Áustria [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)¹³

(2) Já fui **a** Porto [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(3) [...] muito de jogos **em o** PC [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

Quanto às preposições, notámos também a presença de desvios em constituintes não argumentais, isto é, em modificadores, como em (4) e (5):

(4) Bebo leite com chocolate **a** casa [...]. (de012CVITI principiante)

(5) [...] relações **sobre** facebook [...]. (de007CVATD avançado)

Outro exemplo de desvio transversal é o da concordância sujeito-verbo, em que o verbo não recebe a terminação da primeira pessoa do plural:

(6) [...] juntos nos **creiam** um centro [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

Alguns dos desvios encontrados na área do léxico demonstram a aplicação de regras do PLNM para a formação de palavras.

(7) [...] começam as **disconcordâncias** [...]. (de036CVSTF (proficiente))

Embora existam mais desvios transversais, optámos por dar apenas alguns exemplos que ilustrassem a natureza desses desvios, dado que não são a parte central deste trabalho. Trata-se de produções que não são exclusivas de aprendentes de uma única LM e são tidos como universais. Ao invés, um desvio causado por transferência de ALM exhibe padrões característicos dessa língua. O desvio de concordância em *a cidade é muito montanhoso* (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B), por exemplo, pode considerar-se como tipicamente alemão, dado que nessa língua não se flexionam os adjetivos em género ou número em posição pós-copulativa.

¹³ Para uma explicação destes códigos, ver cap. 3, secção 3.4., nota 12.

4.3. Ortografia e influência da fonologia

Os problemas de aprendentes com ALM no campo da ortografia são numerosos, sendo que muitos desses desvios se devem a transferência da LM.

A influência da LM é visível, por exemplo, na importação das regras das maiúsculas do alemão para o português. A língua alemã obriga à utilização de maiúsculas em mais contextos do que o português, nomeadamente em todos os nomes, próprios, comuns ou coletivos e a seguir aos dois pontos. Os exemplos (8) e (9), respetivamente, ilustram a transferência:

(8) [...] os **Instrumentos** típicos [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(9) [...] com o hotel: **Não** só [...]. (de026CVSTI proficiente)

Para além de manterem a letra maiúscula conforme a LM, alguns aprendentes utilizam grafemas inexistentes em português, como *cathólica* (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L) e *sympáticos* (de027CVITF principiante), correspondentes a *katholisch* e *sympathisch* em alemão. Em outros casos, utilizam grafia idêntica à LM, como em *loja creativa* (*kreativ*) (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J).

Em alemão, também existe a necessidade de marcar a variação de um mesmo morfema na ortografia, especialmente quando há alteração de classe semântica no processo de derivação ou em formas flexionadas de um mesmo lexema. Por exemplo, *alt* (*velho*, adjetivo) conserva uma escrita semelhante no comparativo *älter* (*mais velho*), e *Tag* (*dia*) transporta a mesma forma para o adjetivo, *täglich* (*diário*); nestes dois casos, assim como no contraste entre *Hand* (*mão*) e *Hände* (*mãos*), apesar de a vogal ter sofrido metafonia [a] → [ɛ], mantém-se <a> na grafia e usa-se o diacrítico para sinalizar a alteração do timbre da vogal. Ao fenómeno de manter o radical na mesma família de palavras é dado o nome de *Stammprinzip*, *morphologisches Prinzip* ou *Prinzip der Morphemkonstanz* (Duden¹⁴, 2016: 78-79), cf. (10) e (11):

(10) Está **difícilimo** [...]. (de027CVITF principiante)

(11) [...] tem suas **vantagens** e **desvantagens** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

É compreensível que alguns desvios com esta origem ocorram ainda em níveis avançados de aprendizagem, por ser um aspeto em que alemão e português têm comportamentos distintos, já que o português admite alterações no radical. Adicionalmente, muitos dos desvios encontrados com origem neste fenómeno parecem

¹⁴ Para esta obra e para a versão traduzida seguimos a norma alemã de anotação da literatura deste tipo, em que a editora é considerada como autor, por coincidir com o apelido do autor original desta gramática, Konrad Duden, e por se tratar de uma autoria atribuída ao conjunto de redatores da Duden.

sofrer também a influência do acento inicial fixo alemão (12). Já o exemplo (13) mostra um desvio de acentuação indevida causado pelo acento germânico, sem influência do *Stammprinzip*:

(12) **Básicamente** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

(13) [...] todas e **dépois** saímos [...]. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

Contrariamente às aparências, *fútbol* (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A) não é um desvio semelhante a (10) e (11), com origem no *Stammprinzip*, tendo sido com toda a probabilidade causado por transferência do espanhol.

Como mencionámos no cap. 2 (ver ponto 2.2.), o sistema fonético alemão diferencia-se do português em algumas circunstâncias que resultam em transferência negativa. A correspondência ao grafema <r> é um deles, já que um falante nativo de alemão não percebe facilmente a diferença de significado que decorre da alternância entre vibrante simples e múltipla, como em (14) e (15):

(14) [...] eu **morro** e estudo em Coimbra [...]. (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)

(15) [...] coisas mais **carro** do que [...]. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)

A representação gráfica das sibilantes representa outro problema, com a escolha de grafemas desviantes, como (16) e (17), e dúvidas na distinção da marca de plural em palavras com o singular em -s (18):

(16) [...] **esas** actividades divertidas [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(17) [...] **presuposto** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(18) [...] os meus amigos **português** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

Os desvios (16) e (17) correspondem, em alemão, às palavras *diese* e *Präsupposition*, ambas com um <s> que corresponde a [z], o que pode influenciar o aprendente no sentido de não duplicar a consoante. A troca indevida de <s> por <ss> nos dois exemplos mencionados é comum a vários aprendentes e pode ser considerada como característica fossilizável, visto que alunos em níveis mais avançados também fazem estes desvios.

Outros desvios menos comuns, mais facilmente identificados como erros são o uso de <ç> por <c> (*conheçe*), <z> por <ç> (*corazão*), e <s> por <x> (*esêmplo*). Este tipo de desvios, assim como outros que iremos mencionar mais à frente, são partilhados por aprendentes de outras LM, porém, são especialmente críticos nos aprendentes com ALM porque o uso do grafema <c> é marginal em alemão, estando presente apenas em palavras vindas do latim e em estrangeirismos.

Encontrámos igualmente indícios de uso de oclusivas não vozeadas no lugar de vozeadas. Em alemão, em posição de final de palavra ou de sílaba, anula-se a oposição entre vozeadas e não vozeadas. Por exemplo, a pronúncia de [b, d, g] não difere de [p, t, k], fenómeno designado por *Auslautverhärtung* (Duden, 2016: 44 e 83). Tal é visível nos seguintes desvios, onde provavelmente os aprendentes fizeram a divisão silábica (assinalada com hífen) como em ALM e não como em PLNM:

(19) [...] com **prop-lem-as** do coração [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(20) **Quant-o** eu vivia [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

O exemplo (21), por contraste, mostra uma confusão entre os sons [k] e [g] não resultante de *Auslautverhärtung*, porque o som está no início da palavra *questão*, e não em posição final. Este tipo de ocorrência pode ser considerado transversal.

(21) A **gestão** é, se eles apenas falam [...]. (de016CVATF avançado)

O uso das vogais em português motiva confusões de outro género aos aprendentes com ALM, sendo bastante comum a troca de grafia das vogais centrais átonas em posição final, como em (22) e (23), e a troca de possibilidades de representação gráfica de um mesmo som na LNM, como em (24) e (25):

(22) [...] moro em **Viene** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

(23) [...] grelhamos na **case** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

(24) [...] correr no **Chopal**. (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)

(25) [...] havia **otras** crianças [...]. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

Em alemão, o <e> final de palavras como *Reise* ou *schöne* lê-se [ə], uma pronúncia que se assemelha muito à vogal átona de final de palavra <a> em português, [ɐ], o que explica o uso de <e> no lugar de <a> em (22) e (23). Os desvios (24) e (25) justificam-se por a língua alemã não grafar vogais simples como ditongos, ou seja, só admitir um ditongo gráfico se corresponder a um fonológico. Para além disso, a distinção do som [o] de [ow] e dos grafemas <o> e <ou> é complicada para estes aprendentes, razão pela qual provavelmente adotam apenas <o> quando estão em dúvida. Para esta confusão podem também contribuir as pronúncias dos professores, que, dependendo da zona de origem, podem ter tendência para a monotongação.

Identificámos também problemas com o uso de <e> mudo, realizado como [ɪ], desde logo por não existir este som em alemão. Como os aprendentes não têm [ɪ], é pouco provável que reconheçam a sua utilização, pelo que o omitem da forma escrita, como em (26) e (27):

(26) [...] jogo **basquetbol** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(27) **Atenciosament** (de026CVSTI proficiente)

Outras omissões de grafemas ocorrem em ditongos inexistentes em alemão (28), no início de palavra (29) ou por transferência direta (30). Há ainda alguns casos de simples erros (31).

(28) Nós **trinamos** normalmente [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(29) Ate **manha** (de001CVETD principiante)

(30) **Bélgia** (em alemão: *Belgien*) [...]. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

(31) [...] falar, **estuar** juntos [...]. (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)

Ainda no âmbito dos desvios provocados por transferência de LM encontram-se os relacionados com diacríticos, causados principalmente por dois motivos: (i) a língua materna não distinguir vogais orais de nasais, como fica patente nos desvios de (32) e (33), e (ii) não existirem diacríticos em alemão, à exceção de *Umlaut* (trema). Apesar de a língua alemã ter vogais com diferentes graus de abertura, não recorre a acentos para o assinalar. Provavelmente por essa razão, os aprendentes, por falta de hábito, não colocam o diacrítico, como em (34) e (35), situação reforçada pelo facto de <e> e <o> corresponderem à grafia de vogais alemãs com diferentes graus de abertura - [e] e [ɛ] e ainda [o] e [ɔ], respetivamente:

(32) [...] **Guimaraes** [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(33) [...] região de **transito** e de **intercambio** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

(34) [...] é **tres** vezes [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(35) Ele trabalha no **Colonia**. (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)

Raros foram os casos em que a acentuação indevida se deveu a interferência de outra LNM que o aprendente conhecesse, sendo o já mencionado *fútbol* um deles.

No que toca à pontuação, a vasta maioria dos desvios por transferência de LM corresponde a casos que em alemão não utilizam vírgula, nomeadamente após elementos topicalizados. Tal acontece com advérbios de frase (36), modificadores verbais de tempo e local que não têm a forma de frases (37), e acusativo (38):

(36) Naturalmente gosto de viajar [...]. (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)

(37) No meu bairro queria mudar [...]. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)

(38) As férias tento sempre [...]. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

As expressões de especificação ou reformulação são precedidas de vírgula, mas não seguidas por uma, como: *unter anderem* (entre outros), *nämlich* (nomeadamente), *und zwar* (ou seja), e *das heißt* (isto é), como em (39), (Stang, 2006: 11-12):

(39) [...] cidade, ou seja em [...]. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

Expressões lexicalizadas do gênero de *meiner Meinung nach* (na minha opinião), *zum Beispiel* (por exemplo) e *andererseits* (por outro lado) também não são seguidas de vírgula, uma situação reproduzida em PLNM na frase (40), embora as tenham anteriormente se não estiverem na posição mais à esquerda:

(40) Por exemplo as pessoas [...]. (de016CVATF avançado)

A pontuação em alemão segue regras específicas e um tanto complexas para serem expostas em grande pormenor. Embora no início da frase ambas as línguas possam ter comportamentos semelhantes, como a não seleção de vírgula prévia, a maior diferença está nas vírgulas após conjunções ou advérbios. No geral, as frases subordinadas têm de ser separadas das frases principais por vírgula. Já as orações coordenadas têm uma separação diferente desde a reforma ortográfica, e dispensam a vírgula em alguns casos (Duden, 2001: 422). Existem ainda os *Konnektoradverbien* ou *Konjunkionaladverbien* (conectores ou conjunções adverbiais), que funcionam como conectores, mas que se comportam sintaticamente como advérbios. Ao contrário das conjunções, são móveis, de tal forma que podem integrar o antecampo da frase ou o campo médio, e não necessitam de vírgulas (Duden, 2016: 596). Alguns destes conectores especiais são *deshalb* (por isso), *außerdem* (além disso), ou *troztdem* (apesar disso), todos conectores que em português selecionam vírgulas. Dado que estão ausentes da escrita alemã, ocasionam desvios por transferência:

(41) [...] por isso alem da agricultura tem [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

(42) Por causa disso as oportunidades [...]. (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)

(43) Ao outro lado é que [...]. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

Entre os casos de transferência direta, são diminutas as ocorrências duvidosas. Uma delas é a (44), que seria separada por vírgula na LM por ser uma frase subordinada, apesar de ser um modificador temporal em início de frase. No entanto, o aprendente não coloca a vírgula.

(44) Antes eles voltam na Alemanha visitaram [...]. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

Os desvios relacionados com a pontuação parecem tornar-se mais numerosos a partir do nível B1. Até esse nível, é mais comum os aprendentes com ALM realizarem desvios de troca de pontuação, apesar de serem poucos, mas a existência de pontuação desviante também nos níveis superiores pode significar que esta é uma área sensível à fossilização. Com base nestes resultados, apresentamos duas conclusões. Em primeiro lugar, os desvios causados por influência do sistema fonético da LM ocorrem sobretudo até ao nível B1, com alguns aprendentes a mostrar dificuldades ainda no B2, pelo que se

deve dedicar mais tempo de aula à pronúncia e prática escrita, de palavras com ditongos gráficos e palavras terminadas em [ɐ] desde o início. Em segundo lugar, é necessário reforçar as diferenças da pontuação portuguesa com especial foco nas vírgulas, no final do nível A2 ou início do B1, para impedir que os desvios se tornem numa estrutura fossilizada.

4.4. Morfologia e Morfossintaxe

Nesta secção iremos abordar os desvios relacionados com a flexão nominal em número e a concordância na flexão em número (NUM) e em género (GEN), assim como os problemas na atribuição e marcação de GEN, também em nomes compostos.

A flexão em NUM em português é realizada através da presença ou ausência do morfema de plural *-s* (ver cap. 2, ponto 2.3.2.). A língua alemã também opera nos valores de singular e plural, mas utiliza um leque maior de morfemas para formar o plural. Os morfemas disponíveis são: *-e* (*Tisch - Tische*), adição de *Umlaut* (*Mutter - Mütter*), adição de *Umlaut + -e* (*Hand - Hände*), *-er* (*Feld - Felder*), adição de *Umlaut + er* (*Wald - Wälder*), *-n* (*Gabel - Gabeln*), *-en* (*Student - Studenten*), *-s* (*Auto - Autos*) e ainda o morfema zero (*Besen - Besen*). Apesar da variedade, existem regras para o seu uso. O léxico alemão respeita três regras básicas na formação de plural dos nomes, segundo o Duden (2016): (i) nomes masculinos e neutros formam o plural com a adição de *-e*, com ou sem *Umlaut*; (ii) nomes femininos fazem o plural com *-en*; (iii) nomes masculinos e neutros com sílaba átona e final em *-el*, *-en* ou *-er* não têm terminação de plural, mas os nomes femininos terminados em *-en* ou *-er* tomam o morfema *-n* (Duden, 2016: 182-183)¹⁵.

Quando comparamos os sistemas de flexão em NUM, o português é mais simples, dado que contém menos morfemas, o que justifica um baixo número de ocorrências desviantes. Todavia, alguns desvios encontrados mostram influência da LM.

Na LM dos aprendentes, as terminações de GEN, NUM e também de caso só se aplicam a adjetivos ou modificadores em posição pré-nominal; ou seja, se estes se posicionarem depois de um verbo ou após adjetivos, o adjetivo toma a forma não marcada. Os desvios nos exemplos (45) a (47) ilustram a transferência da regra alemã

¹⁵ A mesma obra, pp. 183-188, explicita igualmente as regras complementares que têm prioridade sobre estas três básicas e ainda menciona as exceções, ou seja, elenca padrões de flexão que se aplicam apenas a determinados lexemas. Por razões de economia de espaço, não reproduziremos aqui a totalidade das regras apresentadas nesta gramática de referência.

nesse aspeto, pois a comparação com a regra alemã mostra que o problema é mais complexo do que um simples desvio de concordância. O desvio (46) é duplamente influenciado por o equivalente alemão, *alle*, não ser declinável nem em GEN nem em NUM.

(45) [...] sejam sãos e **feliz** [...]. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)

(46) Não queria escrever que não eram **capaz**, todos os homens são capazes, têm **todo** um bom sendo. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(47) Estas coisas são **indispensavel** para uma [...]. (de007CVATD avançado)

No caso do exemplo (47), deve-se considerar ainda a hipótese de o aluno não saber construir o plural de adjetivos terminados em *-vel*. Também detetámos dificuldades com o plural de palavras terminadas em *-ção* (48) e em *-l* (49), não obstante estes desvios não serem causados por transferência de LM.

(48) [...] onde decorre **formações** também. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

(49) [...] olhos **azules** [...]. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

Ainda no seguimento do exemplo (49), a ocorrência (50) oferece um caso duvidoso:

(50) [...] muitas pequenas casas **rustiçais**. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

Rustiçais assemelha-se ao alemão *rustikal* e a aprendente tenta aplicar a regra de formação de plural de nomes em *-l*, mas, como o ditongo <ei> se lê [aj] em alemão, a aprendente escolhe <ç> em vez de <c>. Nesta linha de pensamento, o desvio nasce de transferência, apesar de também se poder interpretar como transversal, isto é, como uma simples sobregeneralização das regras de formação do plural.

Os seguintes casos também parecem ter a sua origem em confusões dos aprendentes entre as normas portuguesa e alemã. O desvio em (51) parece ser uma assimilação deficiente do português *tenho o cabelo preto*, cujo equivalente em alemão pertence a um registo elevado, razão pela qual se utiliza mais o plural. Este desvio pode ser tido como uma eventual confusão entre as duas formas: o artigo definido tem origem no PLNM, ao passo que o SN é flexionado seguindo a LM.

(51) [...] tenho os cabelos **preto**. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

Em (52), como o adjetivo já termina em *-s* e este também marca plural na LM, o aprendente pode ter pensado que *português* já era a forma do plural, ignorando a necessidade de acrescentar o morfema.

(52) [...] os meus amigos **português** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

Os desvios em (53) e (54) têm origem também em cruzamentos com outras expressões portuguesas:

(53) **As noites** estou com amigos [...]. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

(54) [...] não tenho **muitos tempos livres** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

As noites em (53) mostra um raciocínio correto do aprendente ao utilizar o plural para exprimir o hábito, como o utilizado, por exemplo, em *todas as noites*. Porém, tendo em conta que estamos perante uma locução adverbial, esta é invariável. Algo semelhante acontece em (54), em que o português admite *nos tempos livres*, mas, junto com o verbo *ter*, a expressão passa para o singular.

A transferência de LM também é visível no exemplo (55), que contém um nome composto. Em alemão, o morfema de plural em nomes compostos aplica-se no constituinte mais à direita, e é exatamente isso que o aprendente faz na palavra portuguesa.

(55) [...] pontos de **vistas** normativas [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

Os desvios de concordância sujeito-verbo não constituem uma área problemática, dado que existem desvios transversais (56), outros talvez causados por erros ortográficos (57), e poucos que se possam associar indubitavelmente à transferência de LM (58).

(56) [...] e XXXXX e eu **são** libros de començar [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

(57) [...] até parecidas, **tem** teatro, cinema [...]. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(58) [...] talvez voce **podem** perguntar [...]. (de001CVETD principiante)

No último exemplo o aprendente usa o verbo na 3ª pessoa do plural pois em alemão a formalidade é realizada com a pessoa *Sie*, a 3ª do plural, quer se trate de um indivíduo ou de vários.

É lícito, portanto, afirmar que a concordância sujeito-verbo não é de difícil aprendizagem para estes aprendentes, ao passo que a formação de plural e a concordância em NUM representam um obstáculo que pode originar fossilização.

O GEN na língua alemã partilha algumas características com o português. Porém, são mais as divergências do que as convergências, desde logo pelo número de géneros. Se, em português, os nomes têm um de dois géneros, sem regras de atribuição fixa, em alemão a escolha de GEN sobe para três, e as regras abrangem um número limitado de palavras. Ou seja, a atribuição de GEN não é muito mais clara do que a portuguesa.

Uma diferença que pode ter bastante impacto nos aprendentes é o GEN não ser reconhecível nos nomes em alemão e só ser indicado pelos artigos e adjetivos que os precedem¹⁶ e com os quais concordam (Duden, 2016: 156), ao passo que os nomes em português têm marcas reconhecíveis de GEN na maior parte dos casos.

Nos nomes sexuados e referentes a humanos, em ambas as línguas, a identificação do GEN é direta, de tal forma que não existem desvios no *corpus* com esses nomes. Todavia, como Ferreira faz notar (2011: 24), nem sempre o GEN natural corresponde ao GEN gramatical¹⁷, como acontece em *das Mädchen* (*a menina*, nome neutro) ou *o mulherão* (nome masculino referente a mulher).

A situação torna-se mais complexa quando se comparam os GEN gramaticais das palavras nas duas línguas. Os talheres, por exemplo, têm GEN diferentes: *der Löffel* (nome masculino) e *die Gabel* (nome feminino) são, respectivamente, *a colher* e *o garfo*. Os nomes neutros, como *das Messer* (*a faca*) e *das Buch* (*o livro*), tanto podem ser femininos como masculinos em português. Tal significa que os aprendentes têm ainda de atribuir um GEN aos nomes que em alemão seriam neutros, o que pode resultar em desvio:

(59) [...] e <a nossa> **o nosso** vida de país [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A) (*vida – das Leben*)

(60) [...] à **proxima** ano [...]. (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A) (*ano – das Jahr*)

O caso (59) ilustra que, mesmo estando presente uma vogal *-a*, a transferência da LM pode ter um peso maior no momento da produção. O desvio (60) foge à regra de os nomes neutros passarem a masculinos. Um motivo plausível é o nome não referir uma entidade sexuada, pelo que o aprendente não confia na vogal associada ao masculino.

No *corpus* encontramos algumas ocorrências relacionadas com terminações em *-ão*. Há uma tendência para grande parte dos nomes em *-ão* serem femininos, tal como acontece na terminação equivalente em alemão, *-ion*. Em (61), o aprendente sobregeneraliza essa regra, apesar de *coração* ser neutro em alemão (*das Herz*):

(61) [...] muito perigoso para **sua** coração [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

No entanto, o desvio seguinte vai contra essa tendência, talvez por o falante saber que há nomes em *-ão* femininos e masculinos, e não transfere do alemão (cf. *die*

¹⁶ A única exceção a esta regra são os N formados por sufixação com afixos que atribuem género, como por exemplo *-ung*, *-heit* e *-keit*, que formam sempre N femininos, e *-chen* que marca como neutros os diminutivos ou avaliativos a que dá origem.

¹⁷ Como é sabido, o género natural corresponde ao sexo das entidades animadas do mundo real, e o género gramatical revela um sistema de classificação gramatical dos nomes que pode ou não estar relacionado com o género natural (cf. Ferreira, 2011: 22, *i.a.*).

Leidenschaft). Outra explicação para o desvio é o aprendente guiar-se pelo *-o* final e utilizar o masculino.

- (62) **Um** grande paixão /da minha/ são entre **outros** os livros [...].
(ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)

O terceiro desvio é exatamente o oposto do primeiro, pois *contradição* é feminino em português, mas o aprendente segue o GEN alemão (*der Widerspruch*):

- (63) [...] com **os seus próprios** contradições [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

Em certas ocorrências, os aprendentes parecem sentir a necessidade de marcar o GEN, especialmente nas palavras terminadas em *-e*. Algumas soluções incluem acrescentar um marcador de GEN nos modificadores/quantificadores do nome ou alterar a vogal temática *-e*, partindo do GEN que a palavra tem em ALM:

- (64) [...] bebo **uma** leite [...]. (de012CVITI principiante) (*leite – die Milch*)
(65) [...] leite com **chocolata** [...]. (de012CVITI principiante) (*chocolate – die Schokolade*)
(66) Neste momento tenho o último **testo** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B) (*teste – der Test*)
(67) [...] durante os **semetros** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J) (*semestre – das Semester*)

O conjunto de exemplos seguinte ilustra a dificuldade em estabelecer concordância com nomes sem uma marca indiscutível de GEN gramatical. Em caso de dúvida, o aprendente costuma escolher a forma não marcada¹⁸. Ao passo que os desvios anteriores demonstravam clara influência da LM, os desvios (68) a (71) têm mecanismos transversais de PLNM, embora possam ter sido influenciados pela LM. Por exemplo, em (69), o aprendente pode ter aplicado a forma não marcada por não conseguir distinguir o GEN, ou porque *parte* pode ser masculino ou neutro em alemão (*der Teil* ou *das Teil*). Já em (71) poderá existir influência da LM (*die See*) ou de outras LNM (Francês ou Espanhol).

- (68) [...] **no** Faculdade [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
(69) **Um** parte da minha família vive na Austrália e **um** parte vive na Alemanha [...].
(ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
(70) [...] viver **num** capital enorme [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
(71) [...] dez dias de viagem em **alta** mar [...]. (de026CVSTI proficiente)

¹⁸ Ferreira (2011) encontrou dados que confirmam uma dificuldade universal em marcar o GEN de palavras sem índice temático explícito em PLNM.

Há ainda dois tipos de desvios que nos chamaram a atenção pela clara interferência da LM, relacionados com nomes compostos e com a posição dos adjetivos.

Quando se declinam os modificadores de acordo com os nomes compostos em alemão, o GEN depende da palavra mais à direita do composto. A título de exemplo, *Geisteswissenschaft* (ciência humana) é composta por *Geist*, masculino, e *Wissenschaft*, feminino. Em português, o núcleo para estabelecer concordância é *ciência*, que se posiciona mais à esquerda, mas em alemão é *Wissenschaft* que controla os modificadores. Nos dois desvios seguintes é perceptível a utilização de uma regra alemã para estabelecer concordância em PLNM.

(72) [...] mas **na última** fim de semana [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(73) E subir **as** Quebracostas [...]. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

No desvio (72), como *semana* se apresenta à direita e é feminino, e como em (73) o último elemento de *Quebracostas* é feminino e plural, a interferência alemã parece-nos clara. Estes dois exemplos podem ainda ser explicados segundo o que referimos no cap. 2 sobre as unidades multilexicais (secção 2.5.), dado que o aprendente flexiona *fim de semana* como um nome simples e parece desconhecer que *Quebracostas* é um nome composto.

Os restantes desvios relativos ao GEN e concordância prendem-se com a flexão do adjetivo consoante a sua posição. Em alemão, os adjetivos e os participios passados usados como adjetivos só são flexionados se estiverem em posição pré-nominal, com função atributiva (Duden, 2016: 368). De modo oposto, predicativos do sujeito ou do complemento acusativo assim como adjetivos depois de verbos copulativos e de opinião (Duden, 2016: 356ss.), não são declinados, tomando a forma não marcada:

(74) [...] a agua é tão **fresco** [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(75) [...] calças, que acho **incómodos**. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)

(76) Nenhuma pessoa dispunha da capacidade, ou melhor era **disposto** [...].
(ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(77) [...] a cidade é muito **montanhoso** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

(78) [...] uma paisagem **bonito** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)

(79) A identidade de um povo é **determinado** [...]. (de006CAATF avançado)

Repare-se que em 5 dos 6 desvios os aprendentes atribuíram o GEN correto aos artigos e ao quantificador que se encontram antes do nome. Quer isto dizer que os aprendentes sabem o GEN das palavras, mas não as fazem concordar com os adjetivos

por influência do alemão. Note-se também que este tipo de desvio ocorre em todos os níveis, pelo que é uma interferência da LM bastante forte, sensível à fossilização.

Como vimos ao longo desta secção, os mecanismos que os aprendentes usam para marcar o GEN e para fazer adjetivos e modificadores concordar com nomes são variados. Alguns recorrem à LM, ou misturam influências de ALM com PLNM, e outros copiam a estrutura flexional de ALM para PLNM. Tudo isto indica que a questão do GEN tem de ser mais trabalhada em sala de aula, quer através de textos que permitam chamar a atenção para áreas críticas quer de exercícios de consolidação que podem ser feitos parcialmente na aula e fora dela, de forma a evitar a continuação das dificuldades nos níveis avançados.

4.5. Sintaxe e Semântica

Esta secção trata de vários campos da sintaxe, da semântica ou que envolvem ambas as áreas e que se revelaram difíceis para os falantes com ALM. Iremos começar pelo uso dos determinantes, seguido das estruturas de sujeito e da ordem de constituintes e palavras na frase. A estes, seguem-se os pontos com maior realce, nomeadamente, a estrutura argumental e de constituintes, e as expressões de tempo, aspeto e modo.

4.5.1. Determinantes

Os artigos em alemão, tanto definidos como indefinidos, partilham determinados aspetos com os artigos portugueses. Em ambas as línguas, o artigo definido é usado para indicar que o nome se refere a uma entidade ou objeto único que é evidente no contexto da conversa, para designar profissões, ruas, marcas ou referir coisas num sentido genérico (Helbig e Buscha, 2001: 329-335). Em alemão, também acompanha as designações dos meses, das partes do dia e das estações do ano, nomeadamente nas expressões preposicionadas que localizam uma dada situação (*im Januar* [em Janeiro], *am Vormittag* [de manhã], *im Sommer* [no verão]), apresentando-se habitualmente contraído com a preposição (Helbig e Buscha, 2001: 332-333). O artigo indefinido alemão também se usa para fazer referência a uma entidade introduzida na conversa pela primeira vez, ou que não é necessário especificar porque remete para uma classe de referentes extralinguísticos ou para um representante/membro indiferenciado dessa classe, e acompanha o complemento acusativo do verbo *haben* (*ter*) em sequências

como *Er hat eine Tochter (Ele tem uma filha)* que não são casos de indeterminação do referente (Helbig e Buscha, 2001: 336-338). O artigo nulo, por sua vez, usa-se com os verbos *sein (ser)* e *werden (tornar-se)* em expressões predicativas que identificam a profissão/atividade atual ou futura do sujeito, desde que não modificadas, e para conferir um sentido geral (Helbig e Buscha, 2001: 339).

Um tipo de desvio encontrado foi o uso de artigo definido para uma designação genérica. Apesar de isso ser possível nas duas línguas, a língua portuguesa não admite o uso deste artigo em todos os contextos. No desvio (80) o artigo definido é desviante em português por não expor uma característica da entidade referida nem falar de valores ou qualidades abstratas (Raposo *et alii*, 2013a: 834), num contexto de uso que em alemão seria aceitável.

(80) Como adoro **a** cerveja vou frequentemente a um bar [...].
(ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)

(81) [...] encontramos para [...] ou para praticar tocar **o** berimbau [...].
(ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

Em (81) temos provavelmente na origem do desvio a expressão nominalizada *das Berimbauspielen* (o tocar berimbau) que complementa o verbo *üben* (praticar), núcleo da subordinada final *um das Berimbauspielen zu üben*. O verbo *praticar* não admite este tipo de complementação e o determinante presente na nominalização transita para a posição entre o verbo *tocar* e o nome que o complementa, ignorando-se o facto de *tocar* + nome de instrumento constituir uma expressão lexicalizada que não admite artigo, também em ALM, e muito menos pode figurar como complemento de *praticar*. Trata-se, pois, de um exemplo onde se cruzam sintaxe, semântica e léxico (ver secção 6).

A distinção das origens destes dois desvios é desafiante por o desvio ser o mesmo em PLNM – adição desnecessária de artigo definido – mas ser motivado por estruturas diferentes em ALM, uma em que o artigo é usado num sentido geral (80), e outra em que corresponde a uma nominalização (81).

Os SN com topónimos e advérbios de lugar constituem outra divergência entre as línguas. Em alemão, só se utiliza artigo definido antes de topónimos em poucas circunstâncias (ex. *die Vereinigten Staaten von Amerika, der Sudan, das alte Lissabon*). Embora em português também haja casos sem artigo definido, ele é mais frequente do que em alemão, resultando em omissões constantes:

(82) [...] aperto de Praça do comercio [...]. (de001CVETD principiante)

(83) A minha terra é Alemanha [...]. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(84) Em mesmo centro [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1. 1A)

O desvio (84) é ligeiramente diferente, pois trata-se de uma tradução direta do alemão *Im selben Zentrum*. Como a preposição *im* é a contração de *in + dem*, o aprendente não “vê” o artigo definido, o que pode ter influenciado a sua omissão. Compare-se com o desvio (85), que tem a preposição e o artigo explícitos em alemão (*in der Woche*) transpostos para português.

(85) [...] uma ‘roda’ por a semana [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

Alguns aprendentes também transferem do alemão a obrigatoriedade de artigo definido ou indefinido antes de profissões, quando existem modificadores (Helbig e Buscha, 2001: 339); em (86), *Erasmus* parece ser analisado como modificador de *estudante*, o que explicaria a presença do artigo que, embora seja usado por alguns portugueses, não constitui uma norma.

(86) [...] como sou **um** estudante ERASMUS [...]. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)

Os determinantes possessivos são outro obstáculo para os aprendentes com ALM, de forma muito evidente. A língua portuguesa obriga à presença de um artigo definido antes de todos os possessivos, para demarcar a singularidade do objeto ou pessoa em causa; em alemão, porém, tal marca não existe. Um SN alemão com um determinante possessivo e um nome não necessita de artigo à esquerda. A transferência desta regra para o PLNM causa bastantes desvios por omissão:

(87) [...] com meus amigos [...]. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(88) [...] a minha mãe, minha avó, minha tia [...]. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

(89) [...] demonstrar meu descontentamento [...]. (de026CVSTI proficiente)

É interessante ver que, no caso (88), o aprendente tem conhecimento da regra portuguesa, mas assume, possivelmente, que o artigo definido só tem de ser repetido caso o GEN do referente mude em relação ao anterior, ou que a repetição constante do artigo é desnecessária.

Portanto, ao passo que a flexão em NUM é uma questão menos importante, a atribuição, marcação e concordância de GEN requerem um maior trabalho em aula, que torne claras aos aprendentes as diferenças dos mecanismos das duas línguas.

4.5.2. Sujeito

O sujeito em alemão, conforme Helbig e Buscha (2001: 455), é morfologicamente representado através de um substantivo ou pronome, no nominativo, e é obrigatório. Substituir o pronome ou substantivo com função de sujeito por um sujeito impessoal ou

expletivo também é possível, mas a única exceção à presença de um sujeito são as frases no imperativo.

Por esses motivos, a omissão do sujeito em português é especialmente difícil para os falantes com ALM, dado que estão habituados a uma constante reiteração do sujeito:

(90) **Eu** sou XXXXX, **eu** morro e estudo em Coimbra, mas sou da Alemanha.
(ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)

(91) Por mais que **nós** mergulhemos na cultura portuguesa, **nós** não chegamos ao fundo. (de016CVATF avançado)

A maioria dos desvios são, naturalmente, com a primeira pessoa do singular e do plural, por serem as mais comuns nos textos, mas encontramos também alguns desvios que mostram confusões entre o impessoal alemão e o português seguido de clítico, como em (92):

(92) [...] para passar o seu tempo livre em cafés, cinemas, bares, bibliotecas etc. **se** tem que viajar à cidade [...]. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

A tradução alemã para *se tem que viajar até à cidade* utiliza o equivalente do impessoal *man* (*man muss in die Stadt fahren*), e apesar de, nestes casos, a ordem de verbo seguido de sujeito ser a mesma nas duas línguas, o aprendente parece evitar a estrutura da LM. O afastamento da estrutura de ALM por parte do aprendente pode ter surgido por saber que são poucas as vezes em que a aplicação literal das estruturas de ALM em PLNM resulta. Tendo em conta que (92) não é um caso único, existem certamente mais aprendentes com o mesmo receio.

Com o aumentar da competência em PLNM, os desvios relacionados com o sujeito vão diminuindo. Os níveis A1 a B1 são os que registam mais ocorrências do género, ao passo que elas são um tipo de desvio raro em B2 e C1. Tal pode levar a concluir que os aprendentes serão capazes de superar as dificuldades neste campo com alguma autonomia, isto é, sem instrução explícita.

4.5.3. Ordem de palavras

No que diz respeito à ordem de palavras, são vários os padrões de desvios encontrados, como a posição de advérbios, de adjetivos e a de clíticos.

Alguns dos desvios nesta categoria vêm na colocação de *também* e de *sempre* na frase. Em alemão, *auch* (*também*) funciona como partícula, uma classe de palavras invariáveis e semelhantes a advérbios (Duden, 2001: 349-351). Dependendo da frase, a partícula *auch* pode ocupar várias posições em alemão, inclusive entre verbo e SN com

função de complemento acusativo, ou entre verbo conjugado e verbo no infinitivo, dado que “antecede o escopo da avaliação” (Duden, 2001: 351). Parece ter havido um raciocínio semelhante no exemplo:

(93) Mesmo que a Suíça tem **também** a sua história [...]. (de016CVATF avançado)

Contudo, é possível que o aprendente esteja a tentar constuir uma frase com ordem marcada (*mesmo que também a Suíça tenha a sua história*). Dado que em ALM o advérbio não pode ocorrer imediatamente a seguir ao conector de concessão, como acontece em português, porque a posição está ocupada pelo SN sujeito, *a Suíça*, colocou *também* na primeira posição possível, depois do verbo.

Os desvios com o advérbio *sempre* são fáceis de explicar, porque frases com estrutura sintática igual à dos dois próximos exemplos também ocorrem em alemão – *und immer ist es.../und immer gibt es*.

(94) [...] gostamos muito de viajar e **sempre** é muito agradável.
(ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)

(95) Mas **sempre** há diferenças [...]. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

A posição dos adjetivos em relação ao nome é outro problema comum. Nesse campo a língua alemã segue regras muito simples: todos os adjetivos atributivos posicionam-se diretamente antes do nome com o qual concordam, exceto se se tratar de um arcaísmo ou de uma expressão lexicalizada (Helbig e Buscha, 2001: 273). Uma alternativa a essa posição adjetival é a estrutura copulativa, na qual o adjetivo não sofre declinação. Pelo contrário, a regra geral do português dita que a maioria dos adjetivos são colocados após o nome. Embora esta afirmação se aplique a bastantes circunstâncias, induz os aprendentes em erro:

(96) Tenho muitos **amigos bons** [...]. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)

(97) [...] é, acho, o **problema maior** no campo [...]. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

A sobregeneralização da regra faz com que os aprendentes se esqueçam de que certos adjetivos qualificativos podem estar antes do nome, o que lhes confere uma leitura figurada e expressiva (Raposo *et alii*, 2013a: 1091). Em (97), o aprendente não se refere certamente ao tamanho literal do problema, quer apenas conferir-lhe importância. Por este tipo de desvios ter um impacto forte na mensagem transmitida, é necessário explicar aos aprendentes que alguns adjetivos podem ocupar as duas posições e que isso tem consequências no significado.

Entre outros erros e desvios encontrados, o padrão que merece maior destaque pertence aos pronomes clíticos, que são de difícil aprendizagem desde logo pelas suas

características inerentes, tal como o facto serem atraídos pelo verbo que complementam, ou pelo verbo finito de uma frase subordinada, quer em próclise, quer em ênclise (Raposo *et alii*, 2013b: 2232 e 2234).

As colocações desviantes de pronomes no *corpus* ocorreram na maioria com pronomes reflexos, o que é justificável por uma série de motivos. Um deles é o clítico em si, pois em alemão nenhum pronome é átono. Além disso, a língua alemã admite apenas uma posição para estes pronomes, a ênclise. A posição é a mesma independentemente da palavra com a qual se relaciona: se corresponder a um sujeito, o clítico ocorre depois do verbo; se corresponder a um complemento acusativo ou dativo, ocupa a posição imediatamente a seguir; e, se estiver incluído num SP, segue-se à preposição (Duden, 2016: 273).

À partida, as diferenças entre as duas línguas não deviam resultar em desvios nos vários níveis de aprendizagem de PLNM, já que a posição não marcada em português é a ênclise. Contudo, o maior problema pode ser mesmo fonético, e não sintático, visto que as formas alemãs correspondentes aos pronomes clíticos são tónicas. Tal significa que, à exceção de falantes nativos ou fluentes em português, mal se consegue identificar o clítico numa frase, porque não se ouve. Por exemplo, o verbo em (98) também é reflexo neste contexto em alemão (*sich treffen*), pelo que uma explicação provável para a omissão de clítico é os aprendentes não o ouvirem no uso quotidiano.

(98) [...] onde os portugueses encontram [...]. (de016CVATF avançado)

As ocorrências seguintes têm uma origem que aponta para a transferência de ALM:

(99) As noites gosto de passar com os meus amigos. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

(100) A minha infância passei nas áreas rurais [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

Com efeito, em português, há necessidade de sinalizar o complemento direto topicalizado através da retoma de clítico na posição pós-verbal (*passa-las, passei-a*), ao passo que em alemão isso não é necessário.

Já o exemplo (101) difere dos anteriores por não ter origem em regras linguísticas. Em alemão, o verbo *divertir-se* é o verbo reflexo *sich amüsieren*, o que levaria o aprendente a colocar um clítico em português.

(101) [...] por isso, vamos **divertir** os dias ficantes! (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

Todavia, sendo este um aprendente de nível A1, como é típico de alunos alemães, terá provavelmente procurado a tradução no dicionário, onde consta o verbo *divertir* sem indicação de que pode ser reflexo. Neste caso, estamos perante um erro e não um

desvio. Erros causados por falhas nos dicionários são mais comum do que imaginávamos, especialmente nos dicionários bilingues da editora *Langenscheidt*, que os aprendentes com ALM normalmente usam. O mesmo acontece em (102)

(102) [...] quando eu estudo muito, eu tenho também de **mover** depois.
(ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

em que pelo menos o dicionário da *Langenscheidt* não menciona a hipótese de *mover* ser reflexo.

Encontrámos ainda um desvio causado por uma mistura de línguas. O aprendente em causa assinalou na ficha de informações que tinha um conhecimento de espanhol superior ao de português, dado que viveu em Espanha e no Chile durante vários meses. Na ocorrência (103), estamos perante uma interferência em que duas línguas – o espanhol e o ALM – coincidem:

(103) Tenho de aprender estratégias para melhorar-**me**. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

O facto de o aprendente ter recorrido a outra LNM faz sentido, pois espanhol e alemão partilham algumas semelhanças neste contexto. Deste exemplo pode-se concluir que, à medida que se vai conhecendo melhor uma LNM e nos aspetos em que há convergências, a probabilidade de transferência ou interferência é maior.

A colocação dos pronomes clíticos na frase não provoca uma mudança drástica na interpretação da frase se a compararmos à sua omissão. Sugerimos, portanto, que seja posto ênfase nos verbos com clítico obrigatório e facultativo durante a aula, e que as entradas nos dicionários sejam revistas.

4.5.4. Estrutura argumental e de constituintes

A estrutura argumental e de constituintes é outro dos campos em que se manifestam bastantes desvios, grande parte deles relacionados com o uso de preposições ou transferência de estruturas verbais alemãs para PLNM.

Antes de passarmos aos padrões de desvios, apresentamos algumas ocorrências singulares causadas por transferência direta de ALM. O verbo *missbrauchen* é seguido de complemento acusativo, ao passo que, em português, *abusar* obriga a complemento oblíquo e à preposição *de* (104).

(104) [...] há pessoas que **as abusam** [...]. (de035CVSTF proficiente)

A construção seguinte também é uma interferência direta da LM, porque a frase (105) corresponde diretamente a *sind gute Freunde von mir*:

(105) [...] são amigos bons **de mim** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

A explicação para a ocorrência (106) também é simples. *Brennen* significa tanto *arder* como *queimar*, porém, com *arder* o sujeito da frase designa a entidade em combustão, que, com *queimar*, é representada pelo complemento acusativo. Apesar de o aprendente ser de nível B2, é normal que não conheça a diferença entre os dois verbos, desde logo por essa diferença não existir em ALM:

(106) [...] tradições “proto-christãs” de **arder** coisas [...].
(ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

Este desvio inclui igualmente um problema lexical, mas não se encontra na secção dedicada ao léxico porque pensamos que a origem é a estrutura argumental de *brennen* em uso na frase. O aprendente ignora que a utilização dessa estrutura o obrigaria a uma escolha lexical diferente em português.

A ligação de um verbo conjugado com um infinitivo em alemão faz-se em geral com recurso a *zu*.¹⁹ No *corpus* analisado também encontramos alguns desvios que ilustram a utilização da estrutura, em que *zu* se traduz por *a*.

(107) [...] espero neste situação não **vou a ter** problemas também [...].
(de001CVETD principiante)

(108) A resposta **está a procurar** na grande história [...]. (de016CVATF avançado)

São vários os exemplos de implementação literal de constituintes alemães em PLNM. Apresentamos mais dois, com os verbos *pedir* e *perguntar*.

(109) Desculpa, não **pedii por** batatas fritas. talvez voce podem **perguntar para** uma salada na cozinha. (de001CVETD principiante)

(110) Às vezes **perguntamos os** nossos queridos **por** aconselhamentos [...].
(de035CVSTF proficiente)

Ambos os exemplos têm origem na estrutura verbal dos verbos correspondentes em alemão, *fragen nach* + (complemento acusativo [Destinatário]) + complemento preposicional em dativo [Tema] (= ‘perguntar a alguém pela existência de algo/alguém’²⁰) e/ou *bitten um* + (complemento acusativo [Destinatário]) + complemento preposicional em acusativo [Tema] (= ‘pedir alguma coisa a alguém’). Além disso, o ALM influenciou uma escolha verbal desviante, nomeadamente no caso

¹⁹ Os verbos modais, os verbos de percepção, *lassen*, *werden* e *bleiben*, entre outros, constituem um conjunto limitado de verbos que se ligam a formas de infinitivo sem *zu*.

²⁰ Esta leitura de *fragen nach* está indexada a contextos específicos, como se vê em nota no E-VALBU, dicionário de valências on-line, na entrada nº 2 de *fragen*: “Im situativen Rahmen von Handlungen des Bittens, bei Kaufhandlungen o.Ä. wird durch Sätze mit **fragen [nach]** ermittelt, ob etwas vorhanden oder verfügbar ist.” (<http://hypermedia.ids-mannheim.de/evalbu/index.html> Consultado a 4 de junho de 2017).

de (109), porque os dois verbos podem ter o sentido de *pedir*²¹, que em português é seguido de complemento direto, sem preposição (*pedir batatas fritas/conselhos/aconselhamento*), enquanto em ALM o complemento é preposicional, levando à transferência. Os mesmos verbos *pedir* e *perguntar* preveem ainda um complemento indireto que realiza o argumento Destinatário (da pergunta/do pedido), em contraste com o complemento acusativo facultativo dos dois verbos alemães, facto que explica a ausência de preposição em *perguntamos os nossos queridos*.

A estrutura de comparação *preferir X a Y* também causou desvios nos níveis iniciais.

(111) Nadar no Atlantico não e facil mais eu prefiro o oceano no swimming-pool.
(ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(112) [...] prefiro correr em uma selva de que na cidade [...].
(ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

Entre os padrões de desvio encontrados, o mais comum é a transposição da estrutura alemã dos verbos *mögen* e *brauchen*, que são seguidos de complemento acusativo (Helbig e Buscha, 2001: 118). Os verbos portugueses equivalentes, *gostar* e *precisar*, obrigam a um complemento oblíquo regido pela preposição *de*. Visto que os 3 desvios seguintes exibem omissão de preposição, a melhor explicação é o uso do complemento acusativo nos verbos em PLNM. Note-se também que estes desvios não ocorrem apenas nos primeiros níveis.

(113) Eu gosto fazer jogging. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(114) [...] eu gosto as duas [...]. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(115) [...] não se precisa tanto tempo [...]. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

Em alguns aprendentes, o facto de *gostar* ser usado com *de* resultou na sobregeneralização da regra com outros verbos semanticamente próximos:

(116) Quero **de** visitar as cidades conhecidas [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

Foram identificados desvios com outras preposições, como o uso desviante de *em* – *in* em alemão – tanto em contextos temporais como locativos, todos provenientes de transferência do ALM:

(117) [...] três vezes **na** semana [...]. (de027CVITI principiante)

(118) [...] posso fazer **no** ar livre [...]. (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)

(119) Fui **no** Norte, **no** Sul, **para** a praia... (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

²¹ *Fragen* acompanhado da preposição *um* tem um significado idêntico ao de *bitten um*, o que favorece a troca de *pedir* e *perguntar* – ‘perguntar na cozinha se há salada’ e ‘pedir à cozinha uma salada’ são situações contíguas no contexto específico da restauração.

Destes três exemplos, o primeiro reflete a estrutura *in der Woche*, e o seguinte espelha *im Freien*, usos que seguem a norma da língua alemã (cf. Helbig e Buscha, 2001: 375). Já o desvio (119) admite mais do que uma explicação. Apesar de também poder ser uma transposição de ALM para PLNM (*im Norden = no Norte*), é preciso ter em conta o verbo. Dado que o pretérito perfeito simples de *ir* e *ser* têm formas homólogas, o aprendente pode ter usado *fui* como o passado de *ser* equivalente a *sein* (*Ich war im Norden*), caso em que teria de o substituir pelo verbo *estar* + complemento de lugar estático (*Estive no norte*); e terá usado o mesmo *fui* como passado de *ir* + complemento de lugar = Destino, na segunda parte da frase (*fui para a praia – Ich bin an den Strand gegangen/gefahren*). A outra possibilidade de explicação destes desvios passa por considerar que o aprendente pensou apenas no passado de *fahren* – ir para um destino, neste caso o norte, o sul e a praia –, mas esta hipótese não explicaria o uso da preposição *em* + o norte/sul. Qualquer das leituras vai sugerir correções distintas, por implicar preposições diferentes, dependendo do verbo.

Outro padrão de desvios constantes é o de verbos de deslocação, como *voltar* e *regressar*, e as preposições que selecionam. A troca de preposição em (120) explica-se pela tradução de *in die Schweiz zurückkehren*, dado que a preposição é a mesma e tem o GEN feminino marcado. A omissão em (121) deve-se também ao equivalente alemão *nächstes Jahr zurückkehren*, que não utiliza preposição. Quanto ao desvio (122) prevalece a preposição alemã *in*, que é normalmente traduzida como *em*, dado que o SV *mudar para outra cidade* se traduz em alemão por *in eine andere Stadt umziehen*.

(120) [...] até vou voltar **na** Suíça. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(121) [...] voltar o proximo ano! (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

(122) Quando mudei **numa** outra cidade para estudar (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

Distinguir quando e como se usa a preposição *para* parece ser problemático para os falantes com ALM, se o verbo em causa for *regressar*. Neste caso, a razão poderá estar em simultâneo no ALM e nos dicionários. Se traduzirmos os desvios (123) a (125) para alemão, obtemos *zurückkehren + nach*, e, caso o aprendente pesquise *nach* num dicionário, a primeira tradução proposta é *para*, uma preposição que o verbo português não aceita.

(123) [...] mas também agradecer muito regressar **para** Áustria [...].
(ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

(124) Depois de regressar **para** Alemanha vou querer nadar [...].
(ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

- (125) [...] pessoas que regressam **para** casa depois de alguma actividade [...].
(ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)

A instrução pode motivar igualmente este tipo de desvios. Em sala de aula, é ensinado que *para* equivale a uma deslocação permanente; como os alunos vão regressar definitivamente à Alemanha, é normal que usem uma preposição com carácter duradouro.

Da preposição *nach* passamos a *für*, largamente traduzida nos dicionários ora como *por*, ora como *para*, e que rege o acusativo. Entre os vários significados da preposição, inclui-se demonstrar comparação, como em (126), ou relação de posse, como em (127) (Helbig e Buscha, 2001: 372-373). Aqui vemos mais dois casos de escolha de preposição em PLNM motivada por dicionário.

- (126) [...] pele relativamente escura **por** um alemão. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)

- (127) [...] pude comprar-me um piano próprio **pelo** meu novo quarto.
(ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

Für pode ainda dar informação temporal, indicando um período de tempo delimitado, coincidente com a situação descrita pelo verbo, seja esta passada ou futura (Helbig e Buscha, 2001: 373). Ou seja, acrescenta-se *durante* à lista de traduções possíveis. No dicionário *Langenscheidt*, a entrada de *für* sugere, sem exemplos e associada a *Zeit* (tempo), a tradução *para*, o que pode levar aprendentes de níveis iniciais a pensar que *para* satisfaz a maioria dos contextos temporais. É provavelmente esse o caso em (128):

- (128) [...] o meu namorado é advogado e tem de trabalhar em Lisboa **para** três meses. (de013CVITF principiante)

“A preposição *por* também pode ter um valor temporal, introduzindo expressões que localizam uma situação de maneira vaga ou aproximada no sistema das horas e minutos” (Raposo *et alii*, 2013b: 1554-1555). Pode ainda indicar o prazo de um contrato, por exemplo. Sobre *durante*, Raposo *et alii* (2013b: 1563) escrevem que tem um valor exclusivamente temporal, e pode ser alternada com *por* se o seu complemento for uma expressão temporal denotadora de quantidade de tempo. Pelo contrário, se estiver associada a um período de tempo que localize o início e fim de uma situação, tal troca não é possível. Isto significa que, nos dois exemplos seguintes, a preposição *por* não é aceitável.

- (129) [...] e visitei minha prima que não vi **por** dez anos!
(ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(130) [...] como sou um estudante ERASMUS moro em Coimbra **por** um ano.
(ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)

Estas duas ocorrências, no seguimento do que tem sido desenvolvido, apontam para a influência não só de ALM, de onde os aprendentes retiram a estrutura argumental, mas também dos dicionários consultados, que não exploram os contextos das definições dadas e podem vir a confundir os alunos. Tais suposições aplicam-se a grande parte dos desvios apresentados até agora, em que a presença alemã aparenta ser muito evidente.

Se, por um lado, os dicionários e a LM podem estar na origem dos desvios em sintagmas preposicionais, por outro as transferências deste género vão-se desvanecendo com a evolução da competência.

Os falantes mais avançados também cometem desvios neste campo, mas os causados por transferência têm uma frequência menor, tanto que o desvio (131) mostra que o aprendente recorreu a mecanismos de PLNM através da influência da estrutura *o que quer que seja*.

(131) [...] que se encontram eventos quer **que** seja teatro, quer **que** seja concerto.
(ALEMÃO.ER.B1.68.33. 1J)

Consequentemente, é necessário chamar a atenção dos alunos para as falhas que os dicionários bilingues contêm, e talvez incentivar o uso de dicionários em linha, que costumam oferecer contexto. No entanto, e apesar de as preposições serem um problema comum e que deve ser trabalhado de forma mais precisa (com listas de regências contextualizadas, por exemplo), a transferência de ALM não afeta tanto os aprendentes mais avançados.

4.5.5. Tempo, Aspeto e Modo

Da estrutura argumental passamos aos desvios no tempo-aspeto-modo, e começamos por estabelecer semelhanças entre os significados dos tempos verbais envolvidos nos desvios, nas duas línguas. A isto seguem-se exemplos de desvios de tempo, de aspeto e de modo.

O Presente português e o *Präsens* alemão convergem na capacidade de descreverem por exemplo, estados, eventos, ações frequentes (132), ou características do sujeito da frase (133) (Raposo *et alii*, 2013a: 514). Ambas as línguas usam também o presente para mostrar uma ação frequente, ou, se aliado a adjuntos temporais, para exprimir o passado (chamado “presente histórico”) ou o futuro.

(132) O músico toca guitarra todos os dias. = Der Musiker spielt jeden Tag Gitarre.

(133) A internet é útil. = Das Internet ist nützlich.

“O *Präteritum* [ou *Imperfekt*] é, em geral, caracterizado como localizando as situações relativamente a um intervalo anterior ao da enunciação, o que o aproxima do perfil traçado para o Pretérito Imperfeito” (Carecho 2007: 353). No entanto, como a mesma autora refere e como explicarei adiante, há diferenças importantes no uso das duas formas verbais com diferentes tipos de situações. Para além dessas diferenças visíveis nos contextos narrativos (134), aqueles em que é mais frequente o uso destas duas formas verbais, refira-se também que apenas o Pretérito Imperfeito consegue exprimir um valor epistémico em construções condicionais (135), sendo necessário o *Konjunktiv II* para o mesmo valor em alemão.

(134) Ele era um bom poeta = Er war ein guter Dichter

(135) A Joana acordou tarde. Mais uns minutos e chegava atrasada. = Joana wachte zu spät auf. Ein paar Minuten noch und sie wäre mit Verspätung angekommen.

Em geral, o *Perfekt*, à semelhança do Pretérito Perfeito, expressa ações concluídas e anteriores à enunciação, que podem ou não ter um caráter resultativo (136). Ambos os tempos verbais podem ainda exprimir eventos futuros (137) (Helbig e Buscha, 2001: 135-136).

(136) O Pedro adormeceu. (O Pedro dorme) = Peter ist eingeschlafen. (Peter schläft)

(137) Daqui a três meses, já o bebé nasceu. = In drei Monaten ist das Baby geboren.

Devido a alguns desvios que iremos apresentar, é necessário explicar como se combinam o Perfeito, o Imperfeito com situações que apresentam diferentes características aspectuais. O Perfeito é usado sobretudo para ações concluídas, quer sejam [\pm durativas] (cf. *O Joaquim leu o livro.*) ou [\pm pontuais] (cf. *A Andreia chegou a casa.*), podendo também ser usado em situações sem limites intrínsecos, tais como estados (cf. *O Pedro esteve doente.*) ou atividades (cf. *A Isabel escreveu.*).

Por oposição, o Imperfeito expressa situações em que o relevante não é a duração total da situação, mas apenas o período em que ela se sobrepõe ao ponto de referência que é definido no contexto. Neste tempo verbal, mesmo que se exprimam situações com um limite próprio, ele não é identificável como seria no Perfeito, nem podemos ter a certeza se a ação ficou concluída (compare-se *O Joaquim leu o livro* com *O Joaquim lia o livro*).

O facto de uma das formas verbais delimitar as ações e a outra as deixar em aberto causa problemas na indicação da duração global da situação. O Perfeito permite essa indicação sem restrições, ao passo que o Imperfeito restringe essa possibilidade, e admite apenas uma interpretação de repetição em que a duração expressa é a de cada uma das situações que se repetem, mas não a da situação global constituída por essa repetição. Encontrámos desvios com vários problemas associados à divergência entre estes dois tempos verbais portugueses, como iremos ver mais adiante – (i) ocorrências em que os aprendentes utilizaram o Imperfeito com indicadores de duração global, (ii) exemplos com *cada dia/semana* + Perfeito para exprimir repetição ou ainda (iii) o caso de *cada dia* + Imperfeito de *estar a* + V com valor de duração global, interpretação que não corresponde à leitura canónica de acontecimento em curso nem é compatível com Imperfeito.

As diferenças entre Perfeito e Imperfeito que acabámos de mencionar não existem entre as formas de *Perfekt* e *Präteritum*, que acabam por poder corresponder tanto a um tempo verbal português como ao outro. O *Perfekt* assemelha-se ao Perfeito por exprimir um acontecimento singular, ou uma ação delimitada, mas aproxima-se do Imperfeito ao permitir a expressão de estados (cf. *Sie sind ein schöner Mensch. Haben Sie das gewußt?* = *Tem umas belas feições. Sabia?*) e de situações habituais (cf. *Hat jeden Fehler verbessert, so war der!* = *Corrigia os erros todos, ele era assim!*). O *Präteritum* pode ser usado nas mesmas circunstâncias que o *Perfekt*, e ainda para descrever um acontecimento em curso, equivalente ao português *estar a* + *Infinitivo* (cf. *Ich glaube, wir lachten über etwas, als wir die Tür aufstießen* = *Acho que nos estávamos a rir, quando abrimos a porta*)²².

Os tempos do passado representam um obstáculo ainda maior quando relacionados com a escolha dos verbos *ser* e *estar*, que se distinguem pela sua capacidade de denotarem “propriedades transitórias de indivíduos, que podem sofrer mudanças (...) [e/ou] propriedades que perduram durante toda a vida” (Raposo *et alii*, 2013a: 515). Ou seja, para além de terem de utilizar dois verbos quando em alemão existe apenas um, os aprendentes têm ainda de perceber que tempo verbal – Pretérito Imperfeito ou Pretérito Perfeito do indicativo – devem usar dependendo do contexto, tendo também em conta que os tempos verbais diferem em uso e valores dos tempos correspondentes em alemão.

²² Judite Carecho, c.p.

O Futuro, assim como o *Futur I*, localiza as situações num tempo posterior ao da enunciação e designa um acontecimento provável no presente (138) (Helbig e Buscha, 2011: 137-138). O alemão distingue uma forma de futuro adicional, o *Futur II*, que é frequentemente usado para exprimir suposições sobre acontecimentos passados, ou referir ações que estarão concluídas num determinado tempo futuro.

(138) A esta hora, ele estará a trabalhar = *Zurzeit* wird er arbeiten.

O modo conjuntivo pode estar em frases independentes – que exprimam ordens, sugestões, chamadas de atenção – ou em atos diretivos destinados a uma terceira pessoa e com a conjunção–complementador *que* (Raposo *et alii*, 2013a: 534). Na oração subordinada, este modo é selecionado por três classes de verbos: (i) verbos volitivos, como *querer*, *esperar*; (ii) verbos diretivos, por exemplo, *exigir*, *pedir*; (iii) verbos avaliativos, do género de *aprovar*, *lamentar*.

Ao modo conjuntivo equivalem apenas parcialmente as formas do *Konjunktiv II*. O *Konjunktiv I* expressa um sentido imperativo em exortações e instruções, atualmente é pouco usado e é a forma tipicamente usada no discurso indireto, pelo que o *Konjunktiv II* é o que mais se aproxima do uso português, já que exprime valores de modalidade e desejos reais (para o futuro) e irrealis (em relação ao passado, impossíveis de realizar) (Helbig e Buscha, 2001: 184-185).

O *Konjunktiv II* conjuga-se em dois tempos – *Präteritum* com forma simples (exceto no caso de verbos modais) e *Plusquamperfekt* com forma analítica, combinando um dos verbos auxiliares, *sein* ou *haben* com uma forma verbal não finita (particípio passado do V pleno ou infinitivo do V pleno + infinitivo do V modal). Existe ainda uma forma supletiva que pode substituir o *Konjunktiv I e II* em quase todos os contextos – *werden* na forma *würde* + infinitivo do verbo pleno. Embora o *Konjunktiv II* possua formas correspondentes a dois tempos (*Präteritum* e *Plusquamperfekt*) e ainda uma forma supletiva (*würde-Form*), pode dizer-se que é mais simples que o modo verbal português, porque carrega os significados que, em português, seriam transmitidos com recurso a diversos tempos (do conjuntivo e do indicativo), especialmente se considerarmos o uso deste modo em construções condicionais contrafatuais (Duden, 2001: 139). Deste modo, *Wenn ich Zeit hätte, würde ich eine Reise machen* tem como equivalente *Se eu tivesse tempo, fazia/faria uma viagem* e *Wenn ich Zeit gehabt hätte, hätte ich die Hausaufgaben gemacht* é traduzido por *Se eu tivesse tido tempo, tinha/teria feito os trabalhos de casa*. Importa, ainda, salientar que a utilização do modo conjuntivo, no presente e no futuro, em frases subordinadas condicionais ou

temporais, não tem equivalência em formas de *Konjunktiv II*, motivo para alguns desvios observados no *corpus*. Assim, às frases subordinadas *Caso eu fale com ele,...*/*Se/Quando eu falar com ele,...* correspondem em ALM *Falls/Wenn ich mit ihm spreche, ...*, ambas no *Präsens* do modo indicativo. Em relação ao Futuro Composto e ao Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo, passa-se o mesmo: *Quando eu tiver falado com ele, digo-te/Caso eu tenha falado com ele, digo-te* equivalem respetivamente a *Wenn ich mit ihm gesprochen habe, gebe ich dir Bescheid* e *Falls ich mit ihm gesprochen habe, gebe ich dir Bescheid*, ambas no *Perfekt* do modo indicativo.

Seja por simples confusão de tempos verbais em PLN, seja por transferência de ALM, os desvios relacionados com a seleção de tempo surgem por diversos motivos. O exemplo (139) ilustra uma confusão típica dos aprendentes nos níveis iniciais, devido às semelhanças no radical do verbo e nas terminações verbais de pessoa e tempo:

(139) Sou da Áustria. **Faz** vinte e três anos [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

Nos outros exemplos, (140) apresenta a troca *ir* com *vir*, para além de uma troca de tempo verbal em *fica*, e (141) mostra uma outra confusão com a escolha do verbo, desta vez entre *fui* e *fiz*.

(140) Minha namorada **fica** na Suíça na semana passada, mais ela **vai** aqui outra vez (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(141) **Fui** muitas experiências aqui enquanto viajar, festas com os novos colegas e, as vezes, ir para escola. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

Embora estes casos tenham também questões de morfologia e de organização do léxico associadas (ver 2.3. e 4.6., respetivamente), é possível afirmar que as terminações associadas às diferenças temporais entre formas de verbos irregulares revelam a desvios de troca de forma.

O caso (142) também não pode ser considerado como resultado de transferência porque a mesma frase em alemão não teria necessariamente o verbo no *Präteritum*. Outra leitura possível é a influência do uso do Pretérito Imperfeito com *sempre*, para indicar repetição. O desvio pode também ter origem em algumas influências de ALM misturadas com a evolução da interlíngua (IL) em PLN.

(142) Eu sou da cidade e sempre **vivia** na cidade (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

A IL é aparente neste exemplo pois vemos que aprendente conhece a regra de formação de Pretérito Imperfeito, apesar da aprendizagem do uso de Pretérito Imperfeito e Perfeito ainda estar a meio.

Quanto aos desvios seguintes, esses resultam de interferência de ALM, isto é, a escolha verbal foi condicionada pela LM:

- (143) Cheguei aqui no Fevereiro deste ano e **tenho estado** aqui por cinco meses [...]. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- (144) A última vez que **estava** em Hamburgo [...]. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- (145) No percurso da historia da humanidade sempre **existiam** movimentos filosóficos [...]. (de021CVATF avançado)

Tudo indica que *tenho estado* no exemplo (143) seja uma tradução motivada pela forma analítica do *Perfekt (bin gewesen)*, embora a escolha de Pretérito Perfeito Composto se deva provavelmente à noção de que está associado a hábitos de um passado recente. O exemplo (144) também é típico de aprendentes com ALM por surgir da confusão entre o uso de Pretérito Perfeito e Imperfeito, e conforme as conclusões de Carecho (2007: 349 - 365), resultar também da tendência de traduzir o *Präteritum* pelo Imperfeito. O último caso deste conjunto, (145), seleciona o Imperfeito devido ao verbo (*es*) *geben* (existir/haver), que, junto com os verbos *sein*, *haben* e os modais, é maioritariamente usado no *Präteritum*.

A expressão do aspeto também revelou problemas devido ao facto de haver relações com a categoria semântica do tempo na forma verbal, e, especialmente, devido às expressões temporais que a acompanham. Os casos em (146) e (147) refletem a transferência de LM pela presença de *während (durante)*, uma preposição que exprime a duração e que não exclui o uso de *Präteritum*, mas que é impossível combinar com o Imperfeito em português. Tal acontece por o tempo alemão permitir a adição de adjuntos temporais de duração, que em português só podem ocorrer com o Perfeito.

- (146) Durante milhares de anos, homem **estava** perante perigos [...]. (de037CVSTF proficiente)
- (147) [...] meo marido **restaurava** durante 12 douze anos [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

Já em (148), o verbo no Presente seria aceitável se não fosse pela conjunção *já*, cujo equivalente alemão permite o verbo no *Präsens*:

- (148) [...] a minha viagem já quase **acaba** [...]. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)

Por fim, em (149), temos uma tradução de *seit (desde)*, que se combina em alemão com intervalos de tempo iniciados num momento preciso no passado e término definido pelo momento da enunciação (*Seit Januar* = desde janeiro), mas também pode ocorrer

com intervalos limitados apenas a partir do momento da enunciação (*Seit zwei Jahren* = Há dois anos), como é o caso:

(149) Vive em Portugal **desde** dez semanas [...]. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

Ainda sobre os contextos temporais, nomeadamente os que também envolvem preposições, recordamos que *für* é normalmente traduzido como *para* e *por*, muitas vezes sem exemplos que esclareçam os usos, como mencionámos anteriormente (ver 4.5.4.). Apresentamos aqui mais alguns exemplos, inseridos no contexto do aspeto verbal durativo, com e sem limites. Nos desvios seguintes, por exemplo, nem a preposição *para* nem *por* admitem intervalos de tempo, sobretudo no desvio (153), devido ao uso do verbo no Pretérito Perfeito composto.

(150) [...] devam caminhar todos os dias mais ou menos **para** 30 minutos.
(ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(151) [...] tem de trabalhar em Lisboa **para** três meses [...]. (de013CVITF principiante)

(152) [...] ela vai participar no programa de “work and travel” e viver no estrangeiro **por** quase um ano. (ALEMÃO.ER.A2.33.1. 1A)

(153) [...] tenho estado aqui **por** cinco meses. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)

Os últimos dois desvios, mais especificamente, estão relacionados com a interferência de ALM, visto que esta língua admite adjuntos verbais durativos ou que indicam repetição com o *Perfekt* e o *Präteritum*, tais como *für* (a traduzir por *durante*) e *jede* (a traduzir por *todos* + SN com sentido temporal). Os alunos, porém, usam *por*, como nos exemplos anteriores, e também *cada*, que corresponde à tradução sugerida pelo dicionário bilingue:

(154) **Cada dia** estava a jogar futebol fora com amigos [...].
(ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(155) **Cada semana** tive aulas de piano. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

(156) [...] **cada dia** não só aprendemos e ouvimos novas palavras e expressões, mas [...]. (de036CVSTF proficiente)

Na perspetiva do tempo e aspeto, pode-se, portanto, afirmar que a interferência de ALM surge na produção de PLNM, sobretudo nos tempos do passado. Tal sucede uma vez que as situações e os valores temporais que o *Perfekt* e *Präteritum* podem exprimir não correspondem aos do Perfeito e Imperfeito. Os adjuntos temporais também dificultam a aprendizagem por serem escolhidos dois a partir do ALM, o que leva ao uso da forma verbal que também seria selecionada em alemão. Nesse ponto, os desvios com as preposições *por* e *para* foram os mais frequentes.

No que ao modo diz respeito, o maior problema é a seleção de indicativo no lugar de conjuntivo, e vice-versa. Além disso, a diferenciação temporal em alemão faz-se com *Konjunktiv II* e *Indikativ*, ao passo que em português é feita apenas com as formas do Conjuntivo. Por estas razões, os aprendentes com ALM têm dificuldades com o conjuntivo, acrescidas das dificuldades associadas à semântica de cada tempo.

O exemplo (157) ilustra um dos poucos casos que não estão relacionados com o modo conjuntivo em si, mas sim com a forma de exprimir um acontecimento futuro com a estrutura da LM, que necessita do auxiliar *werden* seguida do verbo principal no infinitivo.

(157) Depois fica só cinco mais semanas até **vou voltar** na Suíça.
(ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

O próximo desvio tem uma transposição direta do alemão *wenn ich zurückkehre* em *quando volto*, pois o verbo está no presente após *quando*. Ao associar a conjunção ao Presente, transporta um valor de frequência, em vez de expressar expectativa para com o futuro, como o aprendente pretendia.

(158) [...] vai ser um período de saudade quando **volto** [...].
(ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)

No desvio seguinte, o aprendente segue a regra de ALM ao colocar o verbo da frase subordinada no passado no modo indicativo, porque se trata de mostrar que o término da licenciatura será anterior à profissionalização, ignorando que *quando*, contrariamente a *wenn* em uso temporal, numa frase deste género, precisa do futuro do conjuntivo; no entanto, o verbo da subordinante está no condicional, dado que veicula um desejo para o futuro, que seria expresso através de um *Konjunktiv II*:

(159) Quando **acabei** o meu curso de Medicina gostaria de trabalhar num país estrangeiro, (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)

O desvio seguinte ilustra uma suposição provável do aprendente: a de que *desejar* no condicional exprime a mesma ideia de desejo realizável que a forma do *Konjunktiv II* na expressão sublinhada, o que explica os verbos no Presente do indicativo, tal como em ALM *Ich würde gern zwei Kinder bekommen, die bei mir **leben** und gesund **sind**...* – a forma verbal inicial já transmite a noção de desejo e não precisa de ser reforçada nos verbos da relativa.

(160) Desejaria ter dois filhos que **vivem** comigo e **são** são e felizes no lugar onde vamos morar. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)

Já o desvio (161) mostra que o aprendente está no processo de aprendizagem do modo, mas ainda tem alguma incapacidade em distinguir os tempos, e em combinar os verbos com as expressões fixas *No caso de* + verbo infinitivo e *Caso* + verbo no conjuntivo. O desvio seguinte ilustra outro caso de correspondência imperfeita entre o conjuntivo e o *Konjunktiv*, em que o aprendente se baseia na estrutura alemã *Wenn/Falls* + indicativo, motivo pelo qual apresenta o verbo também no indicativo (162). O mesmo acontece com o último desvio do grupo, decalcado de *Auch wenn* (mesmo que) + indicativo (163).

(161) Caso de não **tenha experimentado** isto, **faltasse-me** uma coisa muito básica na minha vida. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

(162) Mas caso a língua de um povo **continua** a ser falado este povo vai também continuar a existir (de006CAATF avançado)

(163) Mesmo que a Suíça **tem** também a sua história, ela nunca é tão velha, [...]. (de016CVATF avançado)

Os desvios (164) e (165) são motivados por sobregeneralizações, já que os dois aprendentes associam *lamentar* e *que* ao conjuntivo, respetivamente, em ocorrências que não são únicas.

(164) Lamento dizer que não **tenha conhecido** a nenhuma pessoa [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(165) [...] onde acham que **tenham** mais possibilidades [...]. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

A frase sobre Balzac reflete outra transferência do alemão, já que, com *vielleicht* (*talvez*), é possível combinar uma expressão hipotética com o modo indicativo. O aprendente deve ter pensado que *pode ser que* funcionaria como *vielleicht*, o que explica o verbo *escrever* no Pretérito perfeito.

(166) Pode ser que Honré de Balzac **escreveu** esta frase depois de ter estudado [...]. (de021CVATF avançado)

Por fim, o último exemplo mostra um caso isento de transferência, como seria de esperar pelo nível mais avançado, em que o aprendente recorre a mecanismos de PLN. Mais precisamente, este desvio revela que o falante sabe que deve usar um sentido hipotético, por isso recorre ao modo que aprendeu a associar a essa função.

(167) A solução do enigma é a seguinte: o que mais me **apetecesse** seria viver na margem duma cidade [...]. (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)

Em suma, os desvios no modo ocorrem nomeadamente em trocas entre indicativo e conjuntivo. Esta troca ocorre porque o *Konjunktiv II*, apesar de poder ser conjugado

em dois tempos e de dispor de uma forma supletiva, não tem diferenças semânticas apreciáveis, dependendo da sua forma, ao passo que, em português, cada tempo do conjuntivo tem significados e funções distintas, que os falantes alemães desconhecem e dificilmente identificam, possivelmente por não corresponderem a contextos de usos de conjuntivo na LM.

Para terminar a secção, resumimos o que já foi discutido. Nos determinantes, o problema mais recorrente é a omissão de artigo antes de possessivo, que, assim como a repetição não necessária do pronome sujeito, se torna cada vez menos frequente com o progresso da aprendizagem. A ordem dos constituintes é ainda de difícil compreensão para todos os alunos. Os desvios ocorrem especialmente devido à variação de posição do adjetivo e dos pronomes clíticos, por contraste com as regras bem explícitas do ALM, que os alunos por vezes aplicam. As preposições são outra área crítica para estes falantes, com a possibilidade de alguns desvios serem atribuídos aos dicionários, além da transferência de LM. O tempo e o aspeto verbal são outros tópicos em que, pelos exemplos, se vêem as transferências do ALM, muitas vezes através de traduções literais de frases inteiras ou orações. Quanto ao modo, a troca do conjuntivo pelo indicativo e vice-versa ocorre com alguma frequência, largamente influenciada pelas estruturas do verbo em ALM.

Ao longo desta secção apontámos padrões de desvios originários da influência de ALM nestas áreas críticas. Parece-nos plausível afirmar que o recurso ao ALM por via da tradução direta, total ou parcial, coadjuvado pelo dicionário bilingue, é um recurso muito comum quando os aprendentes têm dúvidas. Portanto, propomos dedicar mais atenção às diferenças entre as duas línguas nestas áreas, para que os desvios ocasionados pela transferência do ALM sejam diminuídos.

4.6. Léxico

É a partir da influência do ALM que analisamos todos os desvios nesta secção, diferenciando-os dos que não se explicam pela interferência de ALM ou de outra LNM, e dos causados por transferência de outras LNM. Estes últimos, por não serem o objeto principal de análise, serão discutidos de forma breve, sobretudo por o *corpus* não fornecer dados suficientes para conclusões indubitáveis.

4.6.1. Troca de léxico na LA

Algumas estruturas são mais suscetíveis à transferência do que outras, conforme o aprendente considera que essas estruturas estão mais próximas ou mais afastadas da LA. Tendo em conta que os aprendentes dão valor à lógica da língua e que procuram manter as LNM transparentes, as estruturas da LM que vão contra a transparência desejada, como metáforas ou ditados, não são transferidas (Kellerman, 1979, in Ellis, 1994: 324, 326). Ao deixarem de lado algumas estruturas, os aprendentes têm de encontrar outras formas para colmatar as falhas de vocabulário, que resultam em escolhas por vezes inexplicáveis.

Os desvios mais comuns nestas circunstâncias são as trocas de léxico na própria LA, isto é, em PLNM, em que o aprendente escolhe uma palavra ou expressão que não se adequa ao contexto em que é inserida. Os quatro exemplos seguintes ilustram trocas desse tipo relacionadas com o registo.

(168) Bom dia, muito prazer, que **querias** conhecer? (de001CVETD principiante)

(169) [...] capital enorme **tipo** Paris [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

(170) [...] coisas na cidade que me **molestam** e me **chateiam** [...].
(ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

(171) Não só **carecia de** ar condicionado [...]. (de026CVSTI proficiente)

Em (168), um texto sobre o arrendamento de uma casa, é inaceitável o uso do verbo na 2ª pessoa do singular. Este desvio, porém, pode ser favorecido pelo *input* recebido, uma vez que não é raro os estudantes que desejam arrendar casas ou quartos, sobretudo quando muito jovens, serem tratados por *tu*.

Em (169), uma comparação entre a vida na aldeia e na cidade, o uso da palavra *tipo* no nível B2 e no texto em questão, não seria provável num nativo sensível aos diferentes registos. Sucede o mesmo com o exemplo (170), com a agravante de o aluno utilizar vocabulário variado no resto do texto, à exceção desta frase. O último caso, (171), retrata o oposto, pois o aprendente escolhe um verbo que raramente seria selecionado por um nativo na mesma situação, por pertencer a um registo cuidado.

As trocas em PLNM ocorrem em adjetivos, advérbios, nomes e, sobretudo, verbos. Os adjetivos e advérbios trocados incluem, por exemplo:

(172) [...] mais ela vai **aqui** outra vez [...]. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(173) O tempo está muito **bem!** (de027CVITF principiante)

(174) [...] da “terra de Sarre”, que e **bom** diferente da “franconie moselle” [...].
(ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

A troca de *aqui* por *cá* é compreensível, dado que estes dois advérbios exprimem uma localização espacial junto do enunciador. Embora haja contextos com as expressões *estar + aqui* e *vir + cá*, que sugerem uma associação a uma localização estática e a um movimento, tal nem sempre é verdade. Frases como *Tive tanto trabalho a vir para aqui* ou *Já cá estou* são igualmente aceitáveis em português, o que torna a compreensão dos contextos corretos de uso mais difícil.

Confundir *bem* com *bom* no nível A1 pode justificar-se com o aprendente não distinguir as duas formas, mas o exemplo do nível B2 (174) é talvez um erro, por não ser comum.

Entre as escolhas desviantes de nomes, há que distinguir entre as que podem ter a sua origem em confusões ortográficas e as que são talvez motivadas por consulta de dicionário bilingue.

Os próximos três exemplos devem-se a pequenas trocas ortográficas. Em (175) o aprendente não se refere a uma estação chamada *Elétricas*. Em vez disso, quer fazer referência ao meio de transporte mais perto, neste caso os elétricos:

(175) O metro é mais cerca é as **Electricas!** (de001CVETD principiante)

Os problemas de (176) e (177) mostram troca entre *mas* e *mais*, e *traduções* em vez de *tradições*.

(176) [...] não só porque é saudável, **mais** também porque [...].
(ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(177) Já **traduções** que são – relacionado à Alemanha [...].
(ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

Contudo, o caso (178) é diferente, por o falante ter escolhido o holónimo *universidade* em vez do merónimo *faculdade*. Revela por isso uma delimitação ainda incipiente das categorias lexicais que não pode ser explicada por transferência:

(178) [...] para **universidade** de letras [...]. (de012CVITI principiante)

Por fim, o exemplo seguinte é outra ocorrência que não poderia vir do alemão, em que seria usado *im Park / Wald laufen* (*correr no parque/na floresta*). No último exemplo ainda, o aluno usa a palavra que expressa o processo de industrializar, em vez do nome que designa a atividade económica *indústria*:

(179) [...] correr em uma **selva** de que na cidade [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(180) [...] não há **industrialização** nenhuma porque **confina** só com o mar mediterraneo [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

Em (180) há também uma seleção errada de verbo, não tanto pelo sentido, já que *confinar* pode ser sinónimo de ter limite comum com algo, mas porque nenhum nativo usaria o verbo neste contexto. Este conjunto não revela influência do ALM, embora mostre algumas formas de aprendizagem do léxico, que podem ser próprias destes falantes ou de falantes de outras línguas. É necessário um estudo focado no léxico e com um *corpus* alargado para entender melhor quais são as origens ou influências dos desvios.

Outros exemplos relativos a troca de verbos como (181) e (182) são *agradecer* em vez de *apreciar* ou *gostar de*, e a confusão entre *conhecer* e *saber*, não motivada por ALM, dado que *conhecer* equivale a *kennen*, e *saber* a *wissen*. Por outras palavras, existem verbos em ALM para os significados diferentes que podem ser trocados na LA devido também à influência do dicionário:

(181) Muito gosto de possibilidade ir à praia e ver o oceano mas também **agradecer** muito regressar para Áustria [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

(182) Bom dia, muito prazer, que querias **conhecer**? (de001CVETD principiante)

A ocorrência (183) assemelha-se aos exemplos anteriores, na medida em que a versão alemã da frase dificilmente empregaria o verbo *bleiben* (ficar) para dizer que os filhos já não habitam com os pais. Ao invés, dir-se-ia, por exemplo: *Nun sind alle unsere Kinder nicht mehr bei uns*.

(183) [...] todos os filhos já **ficam** fora da casa. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

O verbo *levar* também gera algumas confusões, uma vez que os aprendentes o usam no lugar de *ter* ou *conter* (184) e no lugar de *lavar* (185). Neste último tipo de desvio vemos ainda a troca de *mover* por *mexer*.

(184) [...] comida em Portugal e mais leve e saudável, **leva** muito mais peixe [...]. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

(185) Mas eu tenho também de **levar** a casa porque quando eu estudo muito, eu tenho também de **mover** depois [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

Enquanto a maioria das substituições em PLNM não mostra que o aprendente recorre aos mecanismos de português que vai adquirindo, existem alguns casos em que vemos o oposto:

(186) O meu país, a Itália, é muito **estendido** na direcção norte-sul [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

(187) **Actividades comuns** como desporto ou dançar são [...]. (de007CVATD avançado)

(188) [...] seriam condenadas a **fracassarem** [...]. (de037CVSTF proficiente)

No exemplo (186), o aprendente parece criar o adjetivo a partir do verbo *estender* – que estaria aqui correto – contudo, *estendido* não é aceitável no contexto. Já na frase (187), *atividades comuns* seria possível caso o aprendente se referisse a algo vulgar, mas pelo contexto entende-se o aprendente fala sobre a necessidade de as pessoas *terem atividades em comum umas com as outras*. O uso de SN em vez de SP alterou o sentido. O último caso ilustra a escolha de uma estrutura de PLNM para transmitir que algo *estaria condenado ao fracasso*, e que, apesar de desviante, mostra o afastamento de ALM. Estes três exemplos comprovam o que Meisel (2011) defende (ver secção 1.4.3.): a transferência da LM vai diminuindo conforme os alunos progredem na sua aprendizagem e se sentem mais à vontade na LA, neste caso o PLNM.

As várias trocas em PLNM apresentadas nesta secção ilustram as ferramentas a que os aprendentes recorrem quando necessitam de vocabulário em PLNM. Como vimos, alguns casos podem ser motivados pelo dicionário, ao passo que muitos outros virão da LM. Outros desvios ainda ocorrem pelo aumento da competência dos aprendentes na LA, como a troca de *aqui* por *cá*, *rápido* por *em breve*, ou *industrialização* por *indústria*, que provam que a IL do aprendente está a progredir, pois são escolhidas palavras relacionadas com o significado pretendido para as frases. Por outras palavras, a diminuição da transferência, por um lado, e o aumento do número de trocas de palavras da LA, por outro, podem indicar uma IL mais próxima do objetivo.

4.6.2. Transferência a partir de outra LNM

Foram vários os casos em que os aprendentes recorreram a outras LNM para colmatar as falhas lexicais. Pelos contextos e frequência com que estas transferências ocorrem, é plausível afirmar que os aprendentes usam outras línguas que conhecem, se acreditarem que o léxico dessa língua se aproxima mais do léxico português. Isto explica o facto de a língua espanhola ser a mais visível nas produções de PLNM do *corpus*, seguida do francês, e da variante brasileira do português. O facto de os aprendentes recorrerem com bastante frequência ao inglês explica-se por ser uma LE que a maioria dos aprendentes conhece, possivelmente com uma competência maior do que nas restantes LNM românicas. Já o português do Brasil (PB), mesmo não sendo uma LE, pode ser vista pelos aprendentes como tal, e portanto como outro recurso linguístico de léxico.

São poucos os casos encontrados com PB, pelo que não se pode dizer que se trata de um padrão. Não podemos ainda afirmar com total certeza que provenham dessa variante do português devido à possibilidade de interferência do dicionário e de *olhada* já se ouvir mais em Portugal.

(189) [...] capoeira, tentativa que resultou numa perna **quebrada** [...].
(de026CVSTI proficiente)

(190) Muitas vezes uma **olhada** (Portugal) pode dizer mais que mil palavras.
(de036CVSTF proficiente)

Os últimos dois casos mostram a troca de *ter* por *haver* (PB), possivelmente porque ambos são boas traduções para o verbo *es geben*, que também só se conjuga na terceira pessoa como *ter* em sentido existencial (PB) e *haver*. Esta explicação é particularmente segura, no caso de (192), pois sabemos que este falante esteve 12 meses no Brasil:

(191) Em mesmo centro tambem **tem** quartos [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

(192) [...] muitos hábitos que não **tem** em lado nenhum menos lá.
(ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

Os desvios seguintes provêm provavelmente do francês. Em (193), *bem desenhar* é uma tradução da expressão de alternativa *ou bien*, e o exemplo (194) parece resultar do francês *attirer* (atrair):

(193) [...] a fotografia <que> ou **bem desenhar**. (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)

(194) Mas agora as grandes cidades estão a **atirar-me** [...].
(ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

Já o último desvio é também marcado como proveniente do francês devido ao nome *geração*, influenciado por *génération*, que terá desencadeado a conjugação de *lutar* como se do francês *lutter* se tratasse. Mesmo com a transferência dessa LNM, o aprendente consegue manter a estrutura da frase portuguesa, incluindo as omissões corretas de sujeito. O exemplo (196) tenta aplicar a grafia portuguesa ao francês *toutes sortes de sports*.

(195) [...] nascerá outra **geração** que **luterá** pela igualdade [...]. (de021CVATF avançado)

(196) [...] diferentes **sortes** de desporto [...]. (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)

Faz sentido que os aprendentes tenham selecionado o francês na transferência porque três deles só conhecem essa língua além do ALM e dois também sabem latim.

As ocorrências traduzidas do inglês mantêm-se ao longo da aprendizagem, embora com um impacto pequeno. Os primeiros desvios representam aplicações diretas

das palavras inglesas. A palavra *surfing* existe em português, mas não é a usada para fazer menção ao desporto como o aprendente indica no caso (201). Nesta frase preferimos o verbo *surf*, à semelhança dos desportos anteriores.

(197) [...] prefiro o oceano no **swimming-pool**. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

(198) [...] fazer desporto tanta **as me**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(199) [...] do que o metro para **me**. (de012CVITI principiante)

(200) [...] fazer um “**barbeque**” [...]. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

(201) Mergulhar, nadar e **surfing** [...]. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

Casos como o seguinte induziram alguma dúvida, por poderem resultar de um desvio por influência espanhola (*yo toco el piano*) ou inglesa (*I play the piano*).

(202) [...] gosto muito de tocar **o** piano. (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)

Exemplos como (203) levam-nos à LNM que foi transferida mais vezes, o espanhol. Um dos aprendentes, de nível A2, transferiu bastantes itens lexicais espanhóis para PLNM quando comparado com os restantes aprendentes:

(203) **Ademas** gosto muito de viajar [...] E **vou ir** a Lisboa e Faro pronto [...] **Alado** de esas actividades divertidas [...] Tambem **encantei** jogar futebol [...] Mas nunca **gano** [...] **Casi olvidei** contar [...] **Encanto** demasiado de sair por a noite beber **algunos** finos e **afinal** ir a uma discoteca (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

Além das transposições diretas, temos o verbo *encantar* utilizado como sinónimo de *gostar de*, que o falante usa corretamente num outro ponto do texto, pelo que pode apenas ter tentado variar o léxico. *Afinal* pode vir de *al final*, que tem um som semelhante à palavra portuguesa.

Mais uma vez, a transferência continua mesmo nos níveis mais avançados e é visível em exemplos como os seguintes:

(204) [...] gostaria morar **ahi**. (de001CVETD principiante)

(205) [...] como a **majoría** [...] . (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)

(206) Capoeira e minha **passion** [...]. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(207) [...] coisas na cidade que me **molestam** e me chateiam [...]. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

(208) [...] movimentos filosóficos, religiosos e políticos que **intentavam realizar** a igualdade [...]. (de021CVATF avançado)

O verbo *molestar* existe em português, porém, não é adequado à frase em que está inserido, além de não ser muito comum na linguagem corrente e ter uma conotação

muito forte. Em (208) acontece algo semelhante, já que os verbos são admissíveis em português, mas não no contexto da frase.

Com esta curta secção pretendemos somente exemplificar o tipo de desvios no léxico que são causados por transferência de outras LNM, a qual merece uma investigação própria, com um *corpus* de outra dimensão. Os dados retirados apontam para um maior recurso às línguas românicas, com destaque para o espanhol e francês, e ao inglês, talvez por ser a primeira LNM que grande parte dos alemães aprende primeiro. Por fim, deteta-se o português do Brasil, possivelmente por os aprendentes terem mais contacto com essa variante na Alemanha.

4.6.3. Transferência a partir do ALM

A LM, sendo a primeira língua disponível, é também a que vai servir como ponto principal para transferência de léxico e estruturas gramaticais em qualquer outra LNM. Nesta secção exploramos as ocorrências com clara influência alemã, oferecendo quando possível uma versão aproximada do que o aprendente queria dizer e que tem uma relação transparente com a estrutura equivalente na sua LM. É relevante fazer este tipo de comparação para tornar claro até que ponto o alemão é transferido pelos aprendentes no momento de produção escrita em PLNM, e em que tipo de circunstâncias é que essa transferência acontece. Além disso, é igualmente importante saber se este tipo de desvios se mantém ao longo da aprendizagem ou se tem tendência a diminuir. Se tivermos em conta que o léxico é a principal área de que um indivíduo precisa para comunicar, entende-se a análise de interferência de LM neste campo, visto que, como iremos ver, os aprendentes recorrem à sua LM em caso de lacunas lexicais muito mais frequentemente do que a outras LNM.

À semelhança da secção anterior, os adjetivos e advérbios são os elementos menos transferidos. Uma possível razão para tal é os falantes conseguirem fixar o significado de palavras dessas classes mais facilmente, talvez por fazerem uma associação mais inequívoca do que no caso dos verbos. No entanto, encontram-se traduções diretas do alemão, como nas ocorrências (209) e (210) associáveis a *bleibende Tage* e *durch Furcht determiniert/ bestimmt*:

(209) [...] vamos divertir os dias **ficantes!** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)

(210) Fazendo com que as pessoas fiquem[...] paralizadas e **determinadas** pelo medo, ela pode impedir o desenvolvimento pessoal. (de037CVSTF proficiente)

Já o desvio seguinte contém uma troca de classe de palavras em PLNM, pois o falante traduz *einen sehr weiten/langen Ausflug machen* por *fazer um passeio muito longe*, um advérbio, em vez do adjetivo *longo*, talvez motivado pela possibilidade de traduzir *weit* como *longe* (distância) e *lango* (duração). Outras explicações plausíveis incluem a proximidade fonética e semântica de ambas as palavras. Quanto a *rápido*, o aprendente queria talvez dizer *em breve* e terá sido influenciado pela troca frequente entre *rápido* e *rapidamente*.

(211) [...] fazer um passeio muito **longe**. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(212) [...] que vejamo-nos **rápido** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

O primeiro desvio neste conjunto de advérbios é uma tradução de *wirklich/sehr vielen Parks*, em que o quantificador surge intensificado por um advérbio de quantidade. A língua portuguesa aceita que um advérbio intensifique um adjetivo, mas não um quantificador.

(213) [...] é uma cidade com **extremamente muitos** parques [...].
(ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

Os desvios (214) e (215) representam traduções de *darüber hinaus* possivelmente motivadas pelo dicionário bilingue. Num sentido locativo, *darüber* significa *por cima*, mas *darüber hinaus* deve ser traduzido como *além disso*. Portanto, as trocas dos aprendentes são compreensíveis num contexto em que se adequam as expressões *além disso*, *para além disso*:

(214) **Acima** disso, muitos representavam [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(215) [...] ainda mais vantagens e **por cima** dá para manter [...].
(ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)

O caso seguinte (216) tem dois desvios: um é o advérbio *fora*, traduzido a partir de *draußen*, e o segundo a escolha indevida do pronome indefinido *cada* como sinónimo de *todos*. Novamente, isto sucede porque *jeden Tag* significa “todos os dias”, e *jede* em particular tem um sentido bastante próximo do de *cada*. Além do mais, as expressões com *jede* têm de estar no singular, dado que individualizam cada elemento do todo, mas, caso se pretenda mencionar *todos* em alemão, é necessário *alle*. Ao escolherem *cada*, os aprendentes seguem a regra de ALM, e, como vimos, a opção é também influenciada pelo dicionário bilingue.

(216) **Cada** dia estava a jogar futebol **foro** com amigos [...].
(ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

(217) **Cada** semana tive aulas de piano. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

(218) [...] **cada** dia não só aprendemos e ouvimos novas palavras e expressões, mas [...]. (de036CVSTF proficiente)

(219) O meu país, a Itália, é [...] e como **cada** país, apresenta grandes diferenças [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

Este último desvio é ligeiramente diferente pois oferece uma comparação que em alemão pode ser singular ou plural (*wie jedes Land* ou *wie alle Länder*), mas que em português seria expressa pelo plural, obrigatoriamente. O problema é que nas descrições de rotina e comparação acima, os nomes estão no plural (*todos os dias/semanas, como todos os países*), o que impede a seleção de *cada*.

Embora com baixa frequência, o *corpus* analisado também revelou algumas trocas de conectores, associadas por vezes à transferência de ALM.

O primeiro desvio (220) revela alguma dificuldade por parte do aprendente em distinguir o uso de um conector causal de um final, por em ambos os casos existir uma relação de causa-efeito.

(220) Devem fazer desporto **porque** não muito engorda.
(ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

A situação é diferente em (221), embora a razão por detrás do desvio pareça similar (confusão do causal *porque* com o conector de relativa *que*).

(221) Deste modo estabeleceu-se o medo na psicologia humana, **porque** contribuiu para a sobrevivência do homem (de037CVSTF proficiente)

A frase em português seria *estabeleceu-se na psicologia humana o medo, que contribuiu para a sobrevivência do homem*. Mesmo assim, o exemplo não está completamente incorreto, porque se poderia encontrar um sentido causal na relativa explicativa.

Nas frases seguintes não há confusões entre o tipo de conector pretendido. Em vez disso, existem traduções do alemão: *immer wenn* e *wenn*, respetivamente.

(222) **Sempre quando** tiver tempo [...]. (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)

(223) **Quando** não houvesse a língua portuguesa, não havia portugueses [...].
(de006CAATF avançado)

O mesmo conector está na base dos dois desvios pois *wenn* é usado tanto para responder a *quando* como para introduzir uma frase condicional, com um comportamento igual a *se*.

Nos exemplos (224) a (226) vemos tentativas de adequar os nomes *Natur*, *Studium* e *Wille nach Sicherheit* ao português. O uso de *estudo* e *vontade* nos desvios não deve

ser visto como troca em PLNM, porque a LM dos aprendentes deixa bastante claro o que levou à escolha de *vontade* e não de *desejo*.

(224) [...] com amigos à **natura** para fazer um passeio [...].
(ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

(225) Eu estou a acabar o meu **estudo** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

(226) **Vontade** pela segurança [...]. (de037CVSTF proficiente)

Traduções do mesmo género foram feitas nos casos seguintes. O pronome demonstrativo *aquilo*, que devia figurar em (227), é facilmente associado ao pronome relativo *das* em alemão, cuja presença é exigida antes de uma oração explicativa. Na sua procura de uma tradução mais correta, o falante optou por *coisa*:

(227) A **coisa** que junta os italianos todos [...]. (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

Quanto ao desvio (228), o alemão *Zeit* influencia provavelmente a escolha da palavra *tempo*:

(228) Não há melhor **tempo** para ler um bom livro do que as quatro **da noite** [...].
(ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)

Além disso, a língua alemã refere as horas entre a meia-noite e as sete como *da noite* (*nachts*), ao passo que em português se usa *da noite* só até à meia-noite e, a partir daí, *da madrugada*, *da manhã*. Este desvio também pode ter sido motivado pelo dicionário, ao traduzir *nachts* por *de noite*:

Os nomes compostos que apresentamos de seguida são traduções dos constituintes equivalentes alemães. O *serviço alternativo social* (229) refere-se a *Zivildienst*, um serviço que funciona como alternativa ao serviço militar obrigatório. Em (230), *exame de madureza* tem origem provável em *Reifeprüfung*, ou *Abitur*, um exame de final de ciclo de estudos, antes da entrada na universidade, produção que talvez tenha sido influenciada pelo dicionário, que oferece *maturidade* para *Reife*.

(229) [...] o seu **serviço (alternativo) social** [...]. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)

(230) [...] meu **exame de madureza** [...]. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

Por fim, o exemplo seguinte ilustra duas situações distintas: o desvio *terras de Sarre* é provavelmente motivado pelo alemão *Saarland*, pois *Land* tanto pode significar país como terra. Já *franconie moselle* tem a sua origem no francês:

(231) Os meus pais são da “**terra de Sarre**”, que é bom diferente da “**franconie moselle**” [...]. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

É difícil encontrar padrões dentro do léxico dada a natureza da área, contudo, foi preciso um determinado grau de categorização para facilitar a análise dos dados, pelo que agrupámos os desvios conforme as classes lexicais em que ocorrem e os seus

equivalentes em alemão. Os padrões que vamos sugerindo ao longo da secção exprimem a nossa perspetiva, sendo que a perspetiva do aprendente pode afastar-se da nossa. Por esse motivo, é possível que nem todos os padrões assinalados sejam completamente válidos. Há, todavia, um padrão inegável, o recurso ao ALM, que é especialmente visível nos exemplos seguintes.

O primeiro desvio é causado pelo nome *Ausflüge* (*passeios*) ser seguido do verbo *machen*, que em português seria seguido pelo verbo *dar*:

(232) [...] à noite **fazemos** passeos [...]. (de013CVITF principiante)

No caso (233), o aprendente traduz *erzählen*, ignorando que *contar* não se usa para fazer referência a factos. A presença da preposição *de* é outro indicativo da transferência alemã, pois o verbo *erzählen* seria seguido dessa preposição, como em *von meiner Lieblingsaktivität zu erzählen*.

(233) Casi olvidei **contar de** a minha actividade favorita. A vida noturna!
(ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

A frase relativa ao colégio, (234), tem na sua base duas frases alemãs que o aprendente possivelmente misturou quando fez a transição para português: *zur Schule gehen* (*andar na escola*), e *in die Schule gehen* (*ir à escola*). Já a palavra *colégio* pode ter várias causas, entre elas uma troca com o português do Brasil, ou troca na tradução de *universidade*, talvez por influência do inglês *college* para o mesmo nome.

(234) Antes, quando ainda **ia** ao **colégio** morava [...]. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)

Uma confusão semelhante ocorre no desvio (235), em que o aprendente confunde *ver* e *parecer*, que em alemão são verbos com a mesma base lexical, *sehen* e *aussehen*, respetivamente. Esta troca pode ser explicada com recurso a Kellerman e ao conceito de *coreness* de uma palavra (1979, *apud* Gass e Selinker, 2008: 149). Segundo o autor, o significado nuclear das palavras faz-nos admitir a probabilidade de transferência de uma dada palavra, ou seja, o sentido genérico de uma palavra como *ver* é mais facilmente transportável do que sentidos menos comuns.

(235) Não sabem como se **ve** uma vaca [...]. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

Por fim, o último exemplo é uma transferência de *eine Beschreibung geben*, que motiva a escolha do verbo *dar* em vez de *fazer*, por ser esse o verbo que acompanha o nome em alemão:

(236) [...] só posso **dar** uma descrição [...]. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

Apresentamos também dois exemplos de traduções de orações finais com a partícula *zu*, embora existam mais no *corpus*. No caso (237), o aprendente pode pensar

que necessita de duas formas verbais quando usa o infinitivo, por isso traduz *Sport zu treiben* por *esta fazer desporto*. O segundo exemplo, *26 unterschiedliche zu benutzenden Tempora*, traduzir-se-ia para *que usa apenas 26 tempos diferentes*. Sendo um aprendente de nível avançado, tanto pode ser uma mistura de *usa 26 tempos* com *tem 26 tempos para usar*:

(237) E muito importante **esta fazer** deporto. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

(238) [...] língua portuguesa que tem apenas 26 diferentes tempos **a usar** [...].
(de016CVATF avançado)

Em alemão, tanto uma propriedade constante como uma característica temporária são expressas com o verbo *sein*, ao passo que o português recorre a dois verbos, *ser* e *estar*, respetivamente. A necessidade de utilizar dois verbos para exprimir o que na LM se diz com um só cria alguma confusão nos aprendentes nativos de alemão. Damos alguns exemplos:

(239) **Sou** em Portugal desde o Fevereiro [...]. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

(240) [...] importante para mim **está** o preço [...]. (de001CVETD principiante)

(241) [...] há parques, que muitas vezes **são** cheios demais [...].
(ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)

(242) [...] se eles reparassem que compartem as mesmas contradições (...) e se reunissem para **estar** mais forte. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

As trocas verbais nos exemplos supra vêm todas do *Präsens* e as formas estão corretamente conjugadas no Presente, exceto na última ocorrência, que tem origem no infinitivo com partícula *zu* e deveria estar no infinitivo pessoal *serem*. Há transferência positiva dos tempos verbais para PLNM, pelo menos no que toca a três dos desvios.

Também encontramos exemplos desviantes com o Pretérito Imperfeito e Perfeito:

(243) As outras noites **estava** muito difícil de dormir [...].
(ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)

(244) Em vez de organizarem actividades culturais, só **eram** previstas aulas de surf [...]. (de026CVSTI proficiente)

O verbo *sein* no *Präteritum* está provavelmente na base dos desvios anteriores, (243) e (244). Como este tempo verbal tanto pode corresponder ao Pretérito Imperfeito como ao Perfeito (ver 4.5.5.), os aprendentes têm algumas dificuldades em distinguir os usos, para além de terem de diferenciar qual o verbo adequado para a frase. De acordo com Hundertmark-Santos Martins (1982: 168), o alemão serve-se de dois tempos verbais, o *Perfekt* e o *Präteritum*, para transportar o significado do Pretérito Perfeito Simples, do Pretérito Perfeito Composto, e do Imperfeito. A distinção de usos e funções

constitui, segundo a autora, uma das maiores dificuldades do português para aprendentes alemães.

Por conseguinte, o par de verbos *ser* e *estar* afeta estes aprendentes, por não existir na língua alemã. Todavia, devemos ter em conta que não são os únicos aprendentes a terem dificuldades com este par, sendo este um tipo de desvio transversal. Apesar disso, os falantes alemães têm a agravante de não conseguirem distinguir os dois verbos por causa das semelhanças no Pretérito e no Imperfeito, o que explica o enfoque nos tempos verbais.

A seleção verbal de *ser* e *estar*, embora seja a mais comum, não é única. O seguinte conjunto de desvios dá exemplos de transferência verbal, o primeiro relacionado com a tradução de *können*, um verbo modal equivalente ao português *poder* (cf. *Ich kann fahren = Eu posso/sei conduzir*). Na frase (245) o problema está em o aprendente traduzir *können* como *saber* num contexto o correto seria o verbo *poder*.

- (245) [As palavras] São armas - num sentido negativo como num sentido positivo. Com as palavras, **sabemos** defender-nos, sabemos como dizer coisas carinhosas, exprimir sentimentos e sabemos como ofender e provocar. (de036CVSTF proficiente)

No desvio seguinte, (246), o verbo em uso na frase alemã equivalente é *sein* (*Bei mir ist unten im Haus*), que o aprendente opta por traduzir como *ficar*. Essa escolha pode dever-se ao facto de *ficar* ser sinónimo de permanência geográfica nas duas línguas, mas este caso não pode dever-se a tradução direta.

- (246) [...] na minha casa **fica** um bar em baixo. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)

Finalmente, expomos dois exemplos de desvios mais complexos:

- (247) Por isso **será mais aborrecido na nossa casa**. (ALEMÃO.A2.33.1.1A)

- (248) . Tinha apenas professores que (...) usavam termos tão discutidos como por exemplo ideologia segundo a forma como eles os tinham aprendido, inconscientemente. Não **dispunham de nenhuma noção** que desta forma **procriavam** esta inconsciência nas cabeças dos seus estudantes [...]. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)

No primeiro caso, está omissa o verbo nuclear da frase infinitiva. Tal pode dever-se ou ao facto de em alemão o verbo nuclear não ser preciso (*es wird langweiliger zu Hause*), ou a uma sobregeneralização de *ser* + adjetivo para exprimir estados, como em *é aborrecido*. A segunda frase contém uma possível troca em PLNM, em que *não dispor de nenhuma noção* é usado no lugar de *não ter nenhuma noção*, a expressão portuguesa equivalente a *keine Ahnung haben*, ou seja, parece-nos um caso de

hipercorreção no que toca ao verbo-suporte desta unidade multilexical lexicalizada; o mesmo exemplo revela ainda alguma influência do ALM em *procriavam*, dado que *(er)zeugen* pode ser traduzido por *procriar*, no sentido de gerar biologicamente, mas não neste contexto (*Ahnungslosigkeit/Unbewusstheit/ Unwissenheit erzeugen* = gerar/produzir inconsciência/ desconhecimento). Tudo indica que foi apenas uma escolha desviante motivada pela LM, eventualmente reforçada pelo dicionário bilingue, que oferece como traduções possíveis de *zeugen* os verbos *gerar*, *procriar* e *engendrar*; *gerar* e *reproduzir*, verbos semanticamente próximos de *procriar*, seriam boas alternativas de tradução, dada a possibilidade de serem usados em sentido não literal.

Resumindo, o léxico é o campo em que se tornam especialmente visíveis os vários recursos dos aprendentes em PLNM. Na secção 4.6.1. demos exemplos de evolução na IL, com trocas na LA que não podiam ser justificadas com o recurso ao alemão. A secção seguinte demonstrou como por vezes os aprendentes usam conhecimentos linguísticos de outras LNM em caso de dúvida. A última secção provou ser o recurso à LM o mecanismo mais comum, como tínhamos previsto, dada a frequência com que algumas palavras e expressões contêm influência e/ou foram traduzidas diretamente do alemão.

Em síntese, a transferência de ALM para PLNM existe e permanece na aprendizagem de português até aos níveis mais avançados, embora não afete todos os domínios linguísticos da mesma forma.

No campo da ortografia, por exemplo, os padrões expostos são mais comuns no início, e mesmo a pontuação não é um problema duradouro. Dado que os desvios são consistentes e que desaparecem com a progressão na aprendizagem, não nos parece que precisem de atenção especial na aprendizagem, nem que são áreas com tendência para a fossilização.

A morfologia e morfossintaxe exigem um esforço maior do aprendente, na medida em que o GEN gramatical permanece um obstáculo ao longo de toda a aprendizagem, assim como alguns GEN não gramaticais. Ao invés, a marcação de NUM e a concordância em GEN e NUM são mecanismos mais facilmente adquiridos pelos aprendentes, porque o ALM também tem mecanismos de marcação e concordância.

No domínio da sintaxe e semântica, as maiores dificuldades são o artigo definido antes de determinante possessivo, a posição de algumas classes de palavras na frase, como adjetivos qualificativos, advérbios (ex. *sempre*) e clíticos. A escolha de

argumentos verbais representa outro obstáculo, especialmente devido às preposições que acompanham os sintagmas preposicionados que correspondem a argumentos internos do verbo. No tempo e aspeto, a seleção correta dos tempos do passado é ainda um desafio, dados os diferentes valores temporais dos tempos portugueses e alemães, bem como os adjuntos temporais, que requerem formas verbais diferenciadas. No modo, o principal obstáculo é o uso de indicativo por conjuntivo, ou o uso do conjuntivo no geral, pois o modo português implica que seja feita uma distinção semântica dos tempos verbais à escolha, algo inexistente no *Konjunktiv II*.

Quanto ao léxico, a necessidade de o alargar e conhecer melhor é visível. As trocas na LA são comuns e podem ser influenciadas por confusões ortográficas e fonéticas. Por vezes, os aprendentes recorrem a outras línguas que já conhecem, quer seja o espanhol ou o francês, quer seja o inglês, possivelmente no caso de os alunos terem maior competência no inglês do que nas outras línguas. Contudo, a maioria dos desvios tem origem nas estruturas lexicais em ALM e é influenciada pelos dicionários bilingues sem explicações de contexto de uso. Tais desvios podem ser explicados pela variada origem lexical das palavras, pois os aprendentes têm de recorrer a vocábulos pouco frequentes ou desconhecidos, e também pela noção de *coreness*, a qual dita que os alunos transferem mais facilmente os significados interpretados por eles como linguisticamente neutros. São precisamente esses significados que aparecem primeiro num dicionário bilingue, pelo que um aprendente facilmente o transpõe para a LA. O recurso mais frequente é de facto a tradução direta do alemão para o português, visível numa palavra só ou em expressões que, quando comparadas às de ALM, se revelam como transposições literais. É preciso ainda mencionar que são várias as ocorrências de desvios em que transparece a evolução dos aprendentes, pelo recurso a mecanismos derivados tanto de ALM como de PLNM.

Considerações Finais

A transferência de LM para LA é um fenómeno que tem vindo a ser estudado desde os anos 50. O que no início era considerado um fenómeno unicamente negativo passou a ser visto como uma ferramenta de aprendizagem em certos casos, razão pela qual os investigadores separam transferência positiva de negativa. Ao longo das décadas tornou-se claro que a transferência é um indicador do progresso da competência numa língua, porque segundo Meisel (2011:114), quanto maior for a competência de um aluno numa LNM, menos transferência irá ocorrer.

A investigação feita sobre a aprendizagem de PLNМ ainda tem um longo caminho a percorrer, pois nem sempre é dada a devida atenção à transferência das LM dos aprendentes nos materiais didáticos e nos cursos de português. Com o aumento da procura de cursos de português em Portugal e no estrangeiro, devemos criar materiais que vão ao encontro das necessidades dos alunos e que apontem as convergências e divergências entre PLNМ e as suas LM, partindo do princípio que os alunos irão recorrer a este mecanismo.

No que respeita a aprendentes com ALM, há alguma pesquisa nesse sentido, realizada maioritariamente por autores brasileiros e alemães, que oferecem perspetivas comparativas. Alguns dos estudos feitos incluem o de Judite Carecho (2007), que observou as traduções alemãs dos tempos verbais do passado e presente portugueses e concluiu que esta é uma área crítica, e a *Portugiesische Grammatik* de Hundertmark-Santos Martins (1982), que procura explicar o funcionamento da língua portuguesa partindo de ponto de vista alemão.

Até à data, não existe nenhum estudo geral que indique se alguns problemas dos aprendentes de PLNМ com ALM se devem à transferência da LM, e que áreas são afetadas. É esta lacuna que o presente trabalho procurou preencher. O estudo pretendia, portanto, descobrir até que ponto existiria transferência de ALM para PLNМ, quais as áreas críticas e padrões de desvio causados por transferência, e se os padrões de desvio se desvaneciam ou fossilizavam.

De forma a alcançarmos estes objetivos fizemos uma primeira análise a 42 textos redigidos por aprendentes de PLNМ com ALM, retirados do *corpus* do CELGA da Universidade de Coimbra, e do CLUL, da Universidade de Lisboa. Esta breve análise apontou algumas das áreas críticas e revelou que a tipologia selecionada precisava de ajustes que admitissem os desvios específicos dos aprendentes. O segundo varrimento

do *corpus*, realizado com a nova tipologia, identificou padrões de desvio dentro das áreas críticas e os níveis de ocorrência dos padrões. De seguida, comparámos as produções em PLNM com a tradução alemã que acreditávamos ser a mais próxima, para descobrir se o desvio tinha origem na LM ou era causado por outro motivo. Nem sempre nos foi possível indicar a origem do raciocínio dos aprendentes, pelo que escolhemos comentar sobretudo os casos cuja origem era clara.

Os resultados obtidos mostram que a transferência desempenha um papel importante na aprendizagem de português e influencia a performance do aluno em vários domínios linguísticos. A interferência alemã em cada um dos aspetos que iremos numerar é explicada em pormenor nos respetivos pontos.

Os principais desvios derivados de ALM na ortografia (cap. 4, ponto 4.3.) são omissão de vírgula, a transposição de fenómenos fonéticos alemães para português, como a *Auslautverhärtung*, e problemas com a representação gráfica de ditongos.

No domínio dos desvios relacionados com morfologia e morfossintaxe (cap. 4, ponto 4.4.), a marcação de GEN ainda representa um problema, tal como a colocação pós-nominal e subsequente concordância de adjetivos, que persiste até níveis mais avançados, motivada pelo funcionamento da estrutura correspondente em alemão. Um exemplo disso é a omissão de marcas de concordância nos adjetivos após verbos copulativos, uma posição adjetival que em ALM não obriga a concordância.

Dentro da sintaxe e semântica (cap. 4, ponto 4.5.) a omissão de artigo definido antes de determinante possessivo é outro problema comum e que se desvanece com dificuldade por não existir uma estrutura semelhante em ALM. Esta dificuldade é acrescida pelo facto de um mesmo determinante nas duas línguas exprimir sentidos genéricos e específicos, sem transmitir exatamente significados iguais. A omissão do pronome sujeito, por outro lado, embora seja um problema para os aprendentes, é um problema superável com o avanço da aprendizagem.

No que diz respeito à ordem de palavras, a colocação de advérbios e adjetivos na frase causa alguns desvios, mas nada que impeça a compreensão da mensagem. O maior problema, contudo, está na posição e omissão dos pronomes clíticos, desde logo por serem átonos, ao contrário do que acontece em ALM, e os aprendentes nem sempre os identificarem na frase, por serem pouco perceptíveis.

Quanto à estrutura argumental, são vários os desvios identificados. A transferência da estrutura verbal a partir do ALM é frequente e afeta verbos modais e plenos, mas é nas preposições que se nota uma interferência mais forte. Seja por simples

troca de preposição seja por influência do verbo que o respetivo SP acompanha, a seleção desviante de preposições é uma constante. Um outro motivo para a troca de preposição são os dicionários bilingues, pouco explícitos quanto ao contexto de uso das preposições, e que oferecem, por exemplo, *para* como a preposição mais comum com um adjunto temporal.

O último tópico gramatical abordado em 4.5. é o dos valores semânticos do tempo-aspeto-modo e das respetivas formas verbais, que mais uma vez mostra transferência negativa do alemão. Tanto os tempos-aspetos como os modos verbais alemães diferem dos portugueses, logo à partida pela quantidade díspar de formas e pelas diferentes funções que cada forma tem, razão pela qual explicamos algumas diferenças antes de analisarmos os desvios. Na categoria semântica do tempo, a principal dificuldade encontrada é o passado, ou seja, a transposição de significados do *Präteritum* e do *Perfekt* para o Pretérito Perfeito, o Imperfeito e o Pretérito Perfeito Composto. O aspeto é igualmente complexo pelas expressões temporais que influenciam os seus valores nas formas verbais. Também aqui o dicionário se revelou enganador, por sugerir preposições desajustadas. Por fim, existem problemas com o modo verbal, sobretudo no conjuntivo, dado que o seu funcionamento diverge em muito do modo com o mesmo nome em alemão. A troca deste modo pelo indicativo e vice-versa é influenciada pela estrutura verbal alemã.

Os desvios no léxico, no ponto 4.6., incluem usos de vocábulos de outras LNM que os aprendentes creem estar mais próximos do vocábulo português. Por outro lado, há recurso a abundantes traduções diretas do alemão, que por vezes resultaram na escolha de uma palavra portuguesa existente, mas inadequada para o contexto. Esta situação pode ser influenciada pelo uso de dicionários bilingues, que faz parte dos hábitos de aprendizagem destes alunos. Ainda dentro da secção do léxico, a troca dos verbos *ser* por *estar* era previsível, já que em alemão há apenas um verbo para os dois significados. Apesar do recurso constante a ALM, os aprendentes deram provas de evolução na aprendizagem, como se vê em alguns desvios que não são causados por influência alemã nem por outras línguas, o que significa que também têm lugar reestruturações lexicais decorrentes de um progresso em direção à LA.

Portanto, as transferências de ALM para PLNM existem, e, dependendo do tópico linguístico considerado, representam um problema mais ou menos persistente. Por exemplo, ao passo que os desvios com pronome sujeito tendem a desaparecer, os problemas com as preposições, argumentos verbais e léxico mostram maior resistência.

O presente trabalho teve, naturalmente, algumas limitações. Com um *corpus* maior e igualmente simétrico nos 5 níveis seria possível confirmar se as explicações para os desvios por nós apresentadas se confirmam, assim como seria possível ter uma melhor noção da extensão e relevância dos padrões de desvios identificados.

Terminado este estudo, os seus resultados servem para a criação ou melhoria de materiais pedagógicos e planos de curso focados nos aprendentes de PLNM com ALM, para que a aprendizagem do português seja feita com as suas dificuldades em mente. Este trabalho pode também servir como ponto de partida para outra análise mais pormenorizada, agora que as áreas críticas estão delineadas. Sugerimos, por exemplo, que se analisem os dicionários bilingues existentes de modo a incluir mais contextos reais. Outra sugestão é investigar se os aprendentes com português como LM fazem desvios simétricos dos listados neste trabalho quando aprendem alemão.

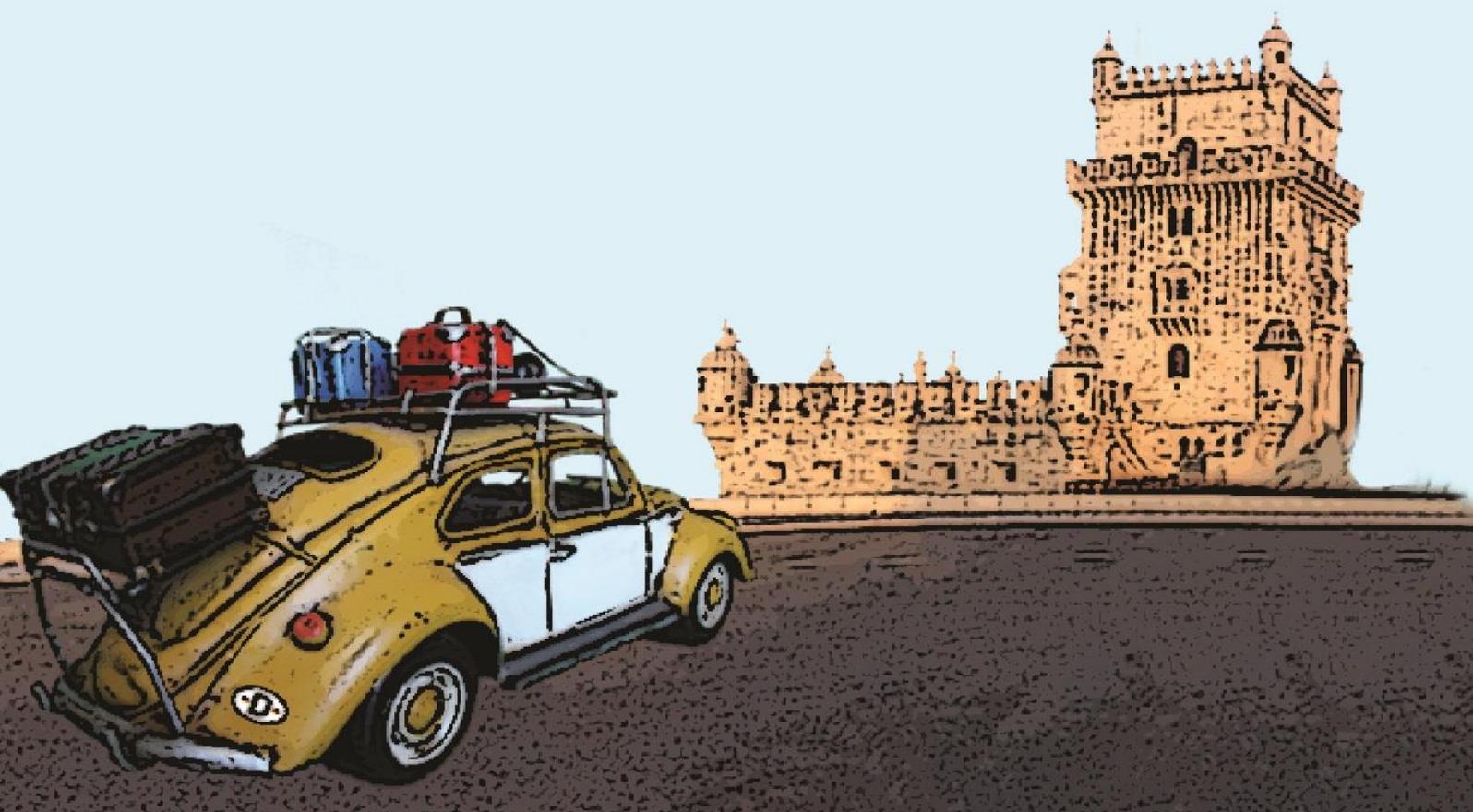
Bibliografia

- Alegre, T. (2002). Aspectos morfosintáticos da produção escrita de aprendentes alemães de Português como Língua Estrangeira. *Cadernos de PLE 2*.
- Ard, J., & Homburg, T. (1993). Verification of Language Transfer. Em S. Gass, & L. Selinker, *Language Transfer in Language Learning* (pp. 47-70). Oxford: Oxford University Press.
- Battaglia, M., Nomura, M. (2008), *Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo: Annablume editora.
- Beebe, L., Takahashi, T., & Uliss-Weltz, R. (1990), Pragmatic Transfer in ESL refusals. Em R. Scarcella, E. Andersen & S. Krashen (Eds.), *Developing communicative competence in a second language* (pp. 55-74). Rowley, MA: Newbury House.
- Bloomfield, L. (1984). *Language*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bussmann, H. (1996). *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London: Routledge.
- Butzkamm, W. (Winter 2003). We only learn language once. The role of the mother tongue in FL classrooms: death of a dogma. *Language Learning Journal*(28), 29-39. Obtido em 30 de dezembro de 2016, de <http://www.fremdsprachen.didaktik.rwth-aachen.de/Ww/programmatisches/pachl.html>
- Carecho, J. (2007). *Tempos verbais do passado e do presente em português e alemão*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cook, V., & Singleton, D. (2014). *Key Topics in Second Language Acquisition*. Bristol: Multilingual Matters.
- Corder, S. P. (1967). The significance of learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5, 161-170. Obtido em 27 de novembro de 2016, de <http://www.uky.edu/~tmclay/Corder%201967.pdf>
- Corder, S. P. (1982). *Error Analysis and Interlanguage* (2nd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Crystal, D. (2003). *English as a Global Language*. New York: Cambridge University Press.
- Duden (2001). *Gramática de Alemão*. Porto: Porto Editora. [tradução e adaptação da autoria de E. Koller e M. O. G. Koller, a partir de Dudenredaktion (eds.) (1997). *Der kleine Duden* (Bd. 4)]
- Duden. (2016). *Duden: Die Grammatik* (Bd. 4). Mannheim: Dudenverlag.

- Ellis, R. (1994). *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, R. (1997). *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, R., & Barkhuizen, G. (2005). *Analyzing Learner Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Ferreira, T. (2011). *Padrões na Aquisição/Aprendizagem da Marcação do Gênero Nominal em Português como L2 (Tese de mestrado)*. Universidade de Coimbra, Coimbra. Obtido de https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18583/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20%28Vol.%20I%29_T%C3%A2nia%20Ferreira.pdf
- Flores, Cristina (2013), “Português Língua Não Materna: discutindo conceitos de uma perspectiva linguística”, em Rosa Bizarro, Maria Alfredo Moreira e Cristina Flores (orgs.), *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidel.
- Gass, S., & Selinker, L. (1993). *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company.
- Gass, S., & Selinker, L. (2008). *Second Language Acquisition: an introductory course* (3rd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Harbord, J. (1992), The Use of the Mother Tongue in the Classroom. Em Butzkamm, W. (Winter 2003). We only learn language once. The role of the mother tongue in FL classrooms: death of a dogma. *Language Learning Journal*(28), 29-39.
- Helbig, G., & Buscha, J. (2001). *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch*. Berlin: Langenscheidt.
- Hinkel, E. (2011). *Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning* (Vol. II). New York: Routledge.
- Hundertmark-Santos Martins, M. (1982). *Portugiesische Grammatik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Kasper, G. (1992), Pragmatic transfer, *Second language research* (8), 203-211.
- Kellerman, E. (1983), Now You See It, Now You Don't. Em Gass, S., & Selinker, L. (Eds.), *Language Transfer in Language Learning* (pp. 112-134). Rowley, MA: Newbury House.
- Langenscheidt-Redaktion (eds.) (2001). *Taschenwörterbuch Portugiesisch: Portugiesisch-Deutsch; Deutsch-Portugiesisch*. München: Langenscheidt.

- Leiria, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLNM*, 3.
- Loewen, S., & Reinders, H. (2011). *Key Concepts in Second Language Acquisition*. London: Palsgrave.
- Mateus, M. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota ...Villalva, A. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Meisel, J. (2011). *First and Second Language Acquisition, Parallels and Differences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Miletic, R. (2004). Hipóteses sobre transfer na aquisição da LS através da análise de erros - estudo de caso. *Revista Digital de Didáctica de PLNM*. Obtido em 13 de novembro de 2016, de <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/maputo.pdf>
- Pinto, J. (2012), Transferências lexicais na aquisição de português como língua terceira ou língua adicional. Um estudo com alunos universitários em Marrocos. *Diacrítica*, 26/1, Language Sciences, 171-187.
- Pokorn, N. (2005). *Challenging the Traditional Axioms: Translation into a non-mother tongue*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., & Mendes, A. (2013a). *Gramática do português* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., & Mendes, A. (2013b). *Gramática do português* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Richards, J. C. (1974). *Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition*. London: Longman Publishing Group.
- Richards, J. C., & Schmidt, R. W. (2010). *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics* (4th ed.). Edinburgh: Pearson Education Limited.
- Rio-Torto, G. M., Rodrigues, A. S., Pereira, I., Pereira, R., Ribeiro, S. (2013). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Schachter, J. (1993). A New Account of Language Transfer. Em S. Gass, & L. Selinker, *Language Transfer in Language Learning* (pp. 32-46). Oxford: Oxford University Press.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10, 209-231.
- Stang, C. (2006). *Kommasetzung - kurz gefasst*. Duden.

- Stern, H. H. (1983). *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Tarone, E. (2006). Interlanguage. Em K. Brown, *Encyclopedia of Language and Linguistics* (pp. 747-752). Boston: Elsevier. Obtido em 10 de dezembro de 2016, de <http://socling.genlingnw.ru/files/ya/interlanguage%20Tarone.PDF>
- Taveira, C. A. (2014). *Aquisição do Português Língua Não Materna: Transferências Lexicais, Sintáticas e Morfossintáticas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VanPatten, B., & Benati, A. (2010). *Key Terms in Second Language Acquisition*. London: Bloomsbury.
- Yu, L., & Odlin, T. (2016). *New Perspectives on Transfer in Second Language Learning*. Bristol: Multilingual Matters.



Ana Raquel Carvalho Rodrigues

A PERMANÊNCIA DA LÍNGUA ALEMÃ EM APRENDENTES DE PLNM

Volume II

Dissertação de Mestrado em Português Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos e co-orientada pela Doutora Rute Isabel Fernandes Soares, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Índice – Volume II

Anexo – Agrupamento de desvios por categorias	5
1. Desvios ortográficos	5
2. Desvios na atribuição da marca de GEN	11
3. Desvios na determinação de nomes	13
4. Desvios no uso de preposições	15
5. Desvios na colocação do pronome pessoal átono	17
6. Concordância nominal em número	18
7. Desvios na concordância verbo-nominal.....	19
8. Desvios na seleção de formas verbais (tempo-aspeto-modo)	19
9. Desvios na seleção lexical	21
10.Desvios na estrutura argumental	25
11.Desvios na ordem.....	26
12.Desvios nas estruturas de sujeito	27
13.Conectores	28
14.Outros desvios	28

Agrupamento de desvios por categorias²³

1. Desvios ortográficos

a. Omissão de acentuação²⁴

- 1.1. voltar na **Suiça**. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. **as** vezes (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.3. na **lingua** delas (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.4. fica na **Suiça** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.5. casa (na **Suiça**) juntos (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.6. na **ultima** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.7. **nos** fomos para (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.8. o **Atlantico** porque ali a **agua** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.9. no **Atlantico** não e **facil** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.10. nadar no **Atlantico** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.11. **E** muito importante (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.12. é **tres** vezes (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.13. Minha **familia** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.14. bebidas **alcoholicas** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.15. Beba **tres** litros de **agua** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.16. sumo com **agua** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.17. /suas/ **arterias** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.18. ver a minha **familia** (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 1.19. talvez **voce** (de001CVETD principiante)
- 1.20. espero neste **situacao** (de001CVETD principiante)
- 1.21. algumas **informacoes** (de001CVETD principiante)
- 1.22. Praça do **comercio** (de001CVETD principiante)
- 1.23. as **Electricas** (de001CVETD principiante)
- 1.24. usar os **electrodomesticos** (de001CVETD principiante)
- 1.25. **Ate** manha (de001CVETD principiante)
- 1.26. mais **confortavel** do (de012CVITI principiante)
- 1.27. a minha **familia** (de013CVITF_2 principiante)
- 1.28. podemos **tambem** (de013CVITF_2 principiante)
- 1.29. um **pais** fabuloso (de013CVITF_2 principiante)
- 1.30. visitar a minha **familia** (de027CVITF_2 principiante)
- 1.31. Depois fica só <se> cinco mais semanas até vou voltar na **Suiça**. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.32. Sou **medica** naturista (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.33. sessões de **formacao** (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.34. participantes **tambem** comem (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.35. mesmo centro **tambem** tem (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.36. juntos **nos** creiam um (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.37. **Sera** um centro para fazer **ferias**, medianais (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.38. **Tambem** gosto muito (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.39. a Porto, **Guimaraes** (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)

²³ A anotação usada para identificar os desvios é a mesma do *corpus* do CELGA e do CLUL. Assim, as barras mostram uma palavra acrescentada pelo aprendente, e palavras entre os símbolos < > mostram texto eliminado pelo aprendente.

²⁴ Para maior clareza, uma vez que existem produções com mais do que um desvio, assinalamos a negrito o que se inscreve na categoria indicada.

- 1.40. **Tambem** encantei (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.41. **As** vezes (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.42. aprender **estrategias** (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.43. **varias** meninas (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.44. outros **países** (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 1.45. trabalhar num **país** estrangeiro (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 1.46. minha **familia** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.47. Um parte da minha **familia** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.48. <(…)> **proximo** ano! (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.49. A minha **familia** também (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.50. à **proxima** ano (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 1.51. Ele trabalha no **Colonia**. (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 1.52. um **periodo** de saudade (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.53. **Nos** temos só (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.54. sair da “ilha” **as** vezes (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.55. é **fantastica** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.56. e a minha **familia**. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.57. com a minha **familia** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.58. É um **país** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.59. A comida em Portugal **e** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.60. montanhas, **e** tão (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.61. no inverno **e** bem diferente (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.62. até parecidas, **tem** teatro, cinema (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.63. as cidades **tem** em comum (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.64. **grelhamos** na case (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.65. depois de **tres** dias (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.66. ir **a** piscina (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 1.67. conviver com a minha **familia** (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 1.68. Ao treino **nos** treinamos (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.69. porque a Capoeira **e** minha passion (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.70. mas **as** vecez gosto (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.71. costumávamos pasar as **ferias** lá (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.72. ainda mora **la** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.73. como se **ve** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.74. na forma **liquida** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.75. Talvez seja **possivel** ter (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.76. próprios **caracteres** nas (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.77. mas **ja** posso (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.78. região de **transito** e de **intercambio** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.79. traços da **historia** da zona: gregos, mouros, **balticos**, (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.80. **alem** da agricultura (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.81. que **as** vezes (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.82. **climaticos** e culturais (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.83. muda **tambem** o estilo (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.84. montanhas **altissimas** e **tambem** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.85. fronteiras com **tres** países (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.86. minoria **linguistica** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.87. os jovens **tem** que (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.88. italianos todos é o sangue que **tem** no corpo (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.89. grande maioria **horriveis** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.90. **As** vezes atrevi-me (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.91. Basicamente, **e** um país (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.92. que **e** perto (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

- 1.93. que e bom diferente (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.94. sobreviver a proximidade (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 1.95. **Porque?** (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 1.96. caso a **lingua** de um (de006CAATF avançado)
- 1.97. Turcos, Curdos, **Arabes** (de006CAATF avançado)
- 1.98. tempo é **necessario** (de007CVATD avançado)
- 1.99. não significa que **nos** temos (de007CVATD avançado)
- 1.100. amigos ou **relações** (de007CVATD avançado)
- 1.101. Estas coisas são **indispensavel** (de007CVATD avançado)
- 1.102. as suas **relações** (de007CVATD avançado)
- 1.103. Uma **consequencia** (de007CVATD avançado)
- 1.104. nas últimas **decadas** (de007CVATD avançado)
- 1.105. vezes pessoas **mantem** uma (de007CVATD avançado)
- 1.106. muitas pessoas não **tem** amigos (de007CVATD avançado)
- 1.107. **historia** da humanidade (de021CVATF avançado)
- 1.108. **alem** da fraternidade (de021CVATF avançado)
- 1.109. líderes **revolucionarios** (de021CVATF avançado)
- 1.110. **humanitarias** (de021CVATF avançado)
- 1.111. estudado as **consequencias** (de021CVATF avançado)
- 1.112. Se (...) for **possivel** (de021CVATF avançado)
- 1.113. hotel de **tres** estrelas (de026CVSTI proficiente)
- 1.114. **as** vezes (de036CVSTF proficiente)
- 1.115. **As** vezes é (de036CVSTF proficiente)
- 1.116. que nos **da** tempo (de036CVSTF proficiente)
- 1.117. este **incluia** o transporte (de026CVSTI proficiente)
- 1.118. o que **queriamos** ouvir (de035CVSTF proficiente)
- 1.119. o homem **contemporaneo** (de037CVSTF proficiente)

b. Troca de acentuação

- 2.1. vivem **saúdavel** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.2. Deita-me habitualmente **ás** onze (de012CVITI principiante)
- 2.3. sempre **ás** 11h (de012CVITFI principiante)
- 2.4. Está **difícilimo** (de027CVITF_2 principiante)
- 2.5. são **á** noite (de027CVITF_2 principiante)
- 2.6. sou da **Austría** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.7. minha viagem **jà** quase (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.8. essa/ **aréa** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.9. resultou **díficil** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.10. **Básicamente** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.11. sobreviver /a **próximidade** / aqui (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.12. não havia **portuguêses** (de006CAATF avançado)
- 2.13. escritor **francés** Honoré de Balzac surge da **expêriencia** histórica (de021CVATF avançado)

c. Adição indevida de acento

- 3.1. morada em **Muních** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 3.2. ter problemas **támbem** (de001CVETD principiante)
- 3.3. De segunda-feira **à** sexta-feira (de012CVITI principiante)
- 3.4. **À** fin-de-semana (de012CVITI principiante)
- 3.5. fabuloso e **quería** (de013CVITF_2 principiante)
- 3.6. são simpáticos **más** nunca (de027CVITF_2 principiante)

- 3.7. **Más** adoro (de027CVITF_2 principiante)
- 3.8. o nosso vida de **país** tomava fim (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 3.9. e jogo ao **fútbol**. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 3.10. Erasmus **aquí** no Portugal (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 3.11. como a **majoría** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 3.12. minha **tía** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 3.13. todas e **dépois** saímos (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 3.14. comida da **Báviara** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 3.15. que te **ví!** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 3.16. discotecas **aquí** como (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 3.17. venhas visitar **aquí** em Coimbra (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 3.18. sozinha **à** ler (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 3.19. ir jantar por **algúm** sítio. (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 3.20. coisas que **devíam** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.21. por **esêmplo** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 3.22. velha, **váriada** e complicada (de016CVATF avançado)
- 3.23. dos **intelectuáis** (de021CVATF avançado)
- 3.24. com os **ideáis** (de021CVATF avançado)
- 3.25. todos os **vôos**. (de026CVSTI proficiente)
- 3.26. voltar para a **alamanhã**. (de027CVITF_2 principiante)

d. Omissão de pontuação

- 4.1. comem e dormem Em mesmo centro (ALEMÃO.CA.A2.20.1. 1A)
- 4.2. actividades divertidas gosto muito de ler (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 4.3. para aprender a língua <(…) > pois sou (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 4.4. Alemanha, em Munique o que (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 4.5. juntos em Coimbra mas (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 4.6. Antes eles voltam na Alemanha visitaram (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 4.7. Hagen uma cidade pequena (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 4.8. Portugal, se tivesse tempo e visito outras cidades (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 4.9. por exemplo jogar futebol (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 4.10. Com outros gosto (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 4.11. já aconteceu que durante numa semana eu não saí (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 4.12. fica longe na baixa (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 4.13. No meu bairro queria mudar (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 4.14. Além disso toco um bocado flúte e canto com as minhas irmãs se (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 4.15. As férias tento sempre (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 4.16. nos Alpes quais são perto (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 4.17. o meu melhor amigo que tem (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 4.18. mas estudante direito infelizmente não tenho tempo (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 4.19. são entre outros os livros (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 4.20. Naturalmente gosto de viajar (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 4.21. Baviera, onde vivo há muitos (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 4.22. Na minha cidade na Baviera (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 4.23. Em Bamberg normalmente já (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 4.24. quando eu chegar como o ano passado (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 4.25. muito bonita mas também (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 4.26. ler, cozinhar experimentar (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 4.27. Por causa disso as oportunidades (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 4.28. parecem-me sem fim lá trabalho numa loja (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 4.29. vou ao ginásio mas isso será (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 4.30. ainda mora la numa quinta (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)

- 4.31. Ao outro lado é que (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 4.32. são extremos mas (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 4.33. cidade, ou seja em (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 4.34. positivos para mim são (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 4.35. da comida de fruta (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 4.36. por isso alem da agricultura tem (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 4.37. capacidade, ou melhor era disposto (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 4.38. com questões tentando revelar as suas contradições, mas resultou difícil por /uma/ parte pela língua por outra parte (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 4.39. tudo esteja bem um abraço (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 4.40. ano em Coimbra já mudei (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 4.41. alguma actividade nocturna e <(...)> uns carros, claro (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 4.42. continua a ser falado este povo (de006CAATF avançado)
- 4.43. factor importante nomeadamente muitas vezes (de007CVATD avançado)
- 4.44. Na minha opinião não significa (de007CVATD avançado)
- 4.45. Como estrangeira eu tenho (de016CVATF avançado)
- 4.46. língua portuguesa que tem (de016CVATF avançado)
- 4.47. Por exemplo as pessoas (de016CVATF avançado)
- 4.48. época dos Descobrimentos os portugueses (de016CVATF avançado)
- 4.49. D. Sebastião eu não penso (de016CVATF avançado)
- 4.50. mas um chefe uma pessoa (de016CVATF avançado)
- 4.51. as palavras as respostas deles (de035CVSTF proficiente)
- 4.52. consiga ter saudades porque (de035CVSTF proficiente)
- 4.53. muito filosófica mas também (de035CVSTF proficiente)
- 4.54. confusão, ou seja uma (de035CVSTF proficiente)
- 4.55. Nesses casos as palavras (de035CVSTF proficiente)
- 4.56. pode ser abusado e é preciso (de035CVSTF proficiente)
- 4.57. na verdade e para (de035CVSTF proficiente)
- 4.58. que aprendemos muitas vezes (de036CVSTF proficiente)
- 4.59. com as palavras porque (de036CVSTF proficiente)
- 4.60. pessoas que ficam (de036CVSTF proficiente)

e. Troca de pontuação

- 5.1. e gosto tanto. Especialmente os meus amigos (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 5.2. minha actividade favorita. A vida noturna! (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 5.3. sair por a noite. Encontrar com amigos, ver (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 5.4. Acho que, Portugal é (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 5.5. outros os livros, quando tenho (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 5.6. Comerçando pela cozinha; a comida (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

f. Troca de grafemas

- 6.1. e **dopois** vamos voltar (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 6.2. Faculdade de “**Sciencias** e **Technologia**”. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 6.3. Vive em **Portugas** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 6.4. com **proplemas** do coração. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 6.5. moro em **Viene** (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 6.6. Por este **localização** (de001CVETD principiante)
- 6.7. não **pedii** por (de001CVETD principiante)
- 6.8. claro, o **quarte** é aperto de Praça do comercio e **costa** só 230 (de001CVETD principiante)
- 6.9. **Si** não é possível, tenho que sair o restaurante **sim** pagar (de001CVETD principiante)
- 6.10. manhã e **daita**-me às (de012CVITI principiante)

- 6.11. e queria **ves** muitas (de013CVITF_2 principiante)
- 6.12. são **sympáticos** más nunca (de027CVITF_2 principiante) [cf. ALM *sympathisch*]
- 6.13. em Portugal desde **Augusto**. (de027CVITF_2 principiante) [cf. ALM *August*]
- 6.14. minha família em **Decembro** (de027CVITF_2 principiante)
- 6.15. voltar para a **alamanhã**. (de027CVITF_2 principiante)
- 6.16. Ào **fin**-de-semana (de012CVITI principiante)
- 6.17. **Quanto** eu vivia no meu país (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 6.18. o **meo** marido (ALEMÃO.CA.A2.20.1. 1A)
- 6.19. para os **meos** clientes (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 6.20. jogar **poker** (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J) [cf. ALM *Poker*]
- 6.21. **esas** actividades divertidas (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J) [cf. ALM *diese*]
- 6.22. são estudantes de **Medicina** (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 6.23. é maravilho so **fixar** fora da casa (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 6.24. dessas **excurções** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 6.25. como a **majoría** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 6.26. vive na Austría e um parte vive **ma** Alemanha (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 6.27. eu **morro** e estudo em Coimbra (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 6.28. Um rapaz português moro **connosco**, mas não fala muito (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 6.29. coisas mais **carro** do que (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 6.30. estava muito **difficil** de dormir (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 6.31. nado **quasi** todos os dias (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J) [cf. ALM *quasi*]
- 6.32. tem suas **vantagens** e **desvantagens** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 6.33. grelhamos na **case** de XXXXX (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 6.34. Aqui **todo** é menos **buracrático** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 6.35. desde a última **ver** que te ví (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 6.36. o nosso **arvere** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 6.37. uma nova loja **creativa** (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J) [cf. ALM *kreativ*]
- 6.38. sempre mais; Aliás há uma (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 6.39. os **Instrumentos** típicos (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 6.40. para practicar tocar (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J) [cf. ALM *praktizieren*]
- 6.41. Nos **fims**-de-semana eu faço algumas **vajens** quando (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 6.42. vou **ou** treino (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 6.43. mas as **vecez** gosto (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 6.44. os seus **vezinhos** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 6.45. nas **interacções** com todos (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q) [cf. ALM *Interaktion*]
- 6.46. muita **immigração** nacional (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L) [cf. ALM *Immigration*]
- 6.47. outras **abordagens** teóricas (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 6.48. com muito **corazón** empenhado nelas e com ainda mais **corazón** para (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 6.49. fundamentalmente **cathólica** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L) [cf. ALM *katholisch*]
- 6.50. proto-**christás** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L) [cf. ALM *protochristlich*]
- 6.51. por **esêmplo** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 6.52. território **accidental** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 6.53. pode ser **superficialização** (de007CVATD avançado)
- 6.54. A **gestão** é, se eles apenas falam (de016CVATF avançado)
- 6.55. Não a **esqueser** (de016CVATF avançado)
- 6.56. No **precurso** (de021CVATF avançado)
- 6.57. ou "a **libertade** (de021CVATF avançado)
- 6.58. que **luterá** (de021CVATF avançado)
- 6.59. com o hotel: **Não** só (de026CVSTI proficiente)
- 6.60. as palavras podem **traer**-nos (de035CVSTF proficiente)
- 6.61. não as **conheçe**, (de036CVSTF proficiente)
- 6.62. ficam **paralizadas** (de036CVSTF proficiente)

- 6.63. seja porque não **escolhimos** (de036CVSTF proficiente)
- 6.64. começa tudo: **Discussões** (de036CVSTF proficiente)
- 6.65. facilmente: **Se** houver (de037CVSTF proficiente)
- 6.66. fiquem[...] **paralizadas** (de037CVSTF proficiente)
- 6.67. **Em resume**, convém aceitar (de037CVSTF proficiente)

g. Omissão de grafema

- 7.1. jogo **basquetbol** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 7.2. fazer **deporto**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 7.3. Em **Munic** eu (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 7.4. estudante da **Qímica** (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 7.5. Ate **manha** (de001CVETD principiante)
- 7.6. fazemos **passeos** ao "**Mirador**" (de013CVITF_2 principiante)
- 7.7. que é <um> **restaurdor** do casas antigas quere <mas> (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 7.8. encantei jogar **futbol**. <Sempre> Cada dia estava a jogar **futbol** foro com amigos . <A>
Terminei jogar **futbol** há 3 anos. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 7.9. muito **interesada** na política (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 7.10. é **marvilho so** fixar fora da casa (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 7.11. **Adoria** <de> ter uma casa (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 7.12. foi mais **o** menos (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 7.13. porque **hve** muito (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 7.14. correr no **Chopal**. (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 7.15. Uma **alternativa** é ir (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 7.16. cima do **terraso** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 7.17. nosso/ **terraso** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 7.18. falar, **estuar** juntos (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 7.19. Nós **trinamos** normalmente (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 7.20. havia /***otras**/ crianças (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 7.21. deixaram a **aldea** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 7.22. costumávamos **pasar** as ferias lá (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 7.23. e tambem **planiçe** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 7.24. com o mar **mediterrneo** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 7.25. precisa de um <presuposto> **presuposto** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B) [cf. ALM *präsupponieren*]
- 7.26. Luxemburgo e da **Bélgia** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 7.27. papel **hígenico** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 7.28. **solidaridade** entre os homens (de021CVATF avançado)
- 7.29. **constiui**, na certa, a Revolução Francesa (de021CVATF avançado)
- 7.30. sempre **havrá** pessoas (de021CVATF avançado)
- 7.31. Na minha **opinão** a frase do escritor francés Honoré de Balzac surge da expêriencia histórica (de021CVATF avançado)
- 7.32. **Atenciosament** (de026CVSTI proficiente)

2. Desvios na atribuição da marca de GEN

a. Alteração da marca em determinante

- 1.1. Neste momento tenho (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. comunicar com a minha família na lingua **delas**. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.3. **no** Faculdade (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.4. mas **na** ultima fim de semana (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)

- 1.5. muito perigoso para **sua** coração (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.6. Para **estes** pessoas (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.7. para desporto **no** escola (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.8. aperto **de** Praça (de001CVETD principiante)
- 1.9. espero **neste** situação (de001CVETD principiante)
- 1.10. Por **este** localização (de001CVETD principiante)
- 1.11. Posso usar os electrodomesticos [...] para usar **estos** (de001CVETD principiante)
- 1.12. bebo **uma** leite (de012CVITF principiante)
- 1.13. e <a nossa> **o** **nosso** vida de país (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.14. ou fazer investigação **no** Internet (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.15. **Um** parte da minha família vive [...] e **um** parte vive ma Alemanha (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.16. passar com os meus amigos [...] uma amiga de mim e eu cozinham para **todas** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.17. semanas **num** empresa grande (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.18. Um **outra** passatempo (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 1.19. Um grande paixão /da minha/ são entre outros os livros (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 1.20. E subir **as** Quebracostas (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.21. nos treinamos **muitas** movimentos (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.22. viver **num** **capital** enorme (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.23. com **os** culturas (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.24. entre as pessoas que conheci há **alguns** que nunca esquecerei. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.25. com **os** **seus** próprios contradições (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.26. não há **estes** tradições (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.27. **As** novas médias facilitam uma comunicação rápida. (de007CVATD avançado)
- 1.28. **O** internet (de007CVATD avançado)
- 1.29. **Complicado** é também a língua portuguesa (de016CVATF avançado)
- 1.30. voltando **do** sua viagem (de016CVATF avançado)

b. Alteração da marca em adjetivo

- 2.1. a agua é tão **fresco** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.2. mas na **última** fim de semana (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.3. o mar está **fresca**. (de027CVITF principiante)
- 2.4. calças, que acho **incómodos**. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.5. Tenho cabelo **loira** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.6. à **proxima** ano (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 2.7. outra coisa que é um pouco **chato** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.8. preciso de um dia **calma** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.9. cidade é muito **montanhoso** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.10. também animais **básicas** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.11. diferencias de paisagem, **climaticos** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.12. Nenhuma pessoa dispunha da capacidade, ou melhor era **disposto** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.13. com os seus **próprios** contradições (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.14. pontos de vistas **normativas** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.15. Tem lados bons e **más**, porque (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.16. uma paisagem **bonito** (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.17. lingua de um povo continua a ser **falado** (de006CAATF avançado)
- 2.18. A identidade de um povo é **determinado** (de006CAATF avançado)
- 2.19. temas **profundas** (de007CVATD avançado)
- 2.20. As **novas** médias facilitam uma comunicação rápida. (de007CVATD avançado)

- 2.21. com os ideais **humanitárias** (de021CVATF avançado)
- 2.22. dez dias de viagem em **alta** mar (de026CVSTI proficiente)
- 2.23. palavras podem ser **perigosos** (de035CVSTF proficiente)

c. Alteração da marca em nome

- 3.1. leite com **chocolata** (de012CVITI principiante)
- 3.2. último **testo** sobre a língua portuguesa. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 3.3. festas com os novos **colegos** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 3.4. Coma muito engorda **comide** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 3.5. durante os **semetros** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)

3. Desvios na determinação de nomes

a. Omissão de artigo antes de nome

- 1.1. minha prima (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. minha tia (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.3. Minha namorada (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.4. para escola. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.5. com meus amigos (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.6. Minha família (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.7. para sua saudável (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.8. Para sua saúde (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.9. aperto de Praça do comercio (de001CVETD principiante)
- 1.10. pouco diferente de Áustria. (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 1.11. Muito gosto de possibilidade (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 1.12. para universidade (de012CVITI principiante)
- 1.13. cantina de Universidade (de012CVITI principiante)
- 1.14. 7h e 45 min de manhã (de012CVITF_2 principiante)
- 1.15. cantina de universidade (de012CVITF_2 principiante)
- 1.16. vou visitar a minha família em Dezembro em Alamanhã (de027CVITF_2 principiante)
- 1.17. Nasci em Alemanha (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.18. Em mesmo centro (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.19. são <meus> minhas actividades preferidas (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.20. Já fui a Porto (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.21. Corro cada <duas> dois dias (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.22. pessoa de sexo masculino (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 1.23. a minha mãe, minha avó, minha tia (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.24. em Coimbra mas também em Figueira da Foz (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.25. Minha irmã (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 1.26. até cinco horas de manhã. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.27. A minha terra é Alemanha (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.28. também tem suas próprias culturas. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.29. Toda cidade por si tem suas vantagens (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.30. voltar a casa para Natal. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.31. cozinheiro com minha colega (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.32. Capoeira e minha paixão (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.33. em Alemanha (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.34. ter ambas coisas (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.35. viver em ambas zonas (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.36. fazer pique-nique na relva belíssima, dormir num bosque (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)

- 1.37. estas coisas são muitos importantes para crianças (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.38. para todos gostos. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 1.39. Sou de Alemanha (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.40. em Berlim, em Alemanha (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 1.41. Quem não prestasse devida atenção à segurança (de037CVSTF proficiente)
- 1.42. muitas vezes pessoas mantem (de007CVATD avançado)
- 1.43. Uma consequencia [...] pode ser superficialização destes contactos (de007CVATD avançado)
- 1.44. De ponto da vista (de016CVATF avançado)
- 1.45. tornou-se em pesadelo (de021CVATF avançado)
- 1.46. demonstrar meu descontentamento (de026CVSTI proficiente)
- 1.47. pensarmos mais em que queremos (de036CVSTF proficiente)

b. Adição indevida de artigo

- 2.1. Coma cinco **as** vezes da dia (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.2. estudante **da** Química (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 2.3. em Portugal desde **o** Fevereiro (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 2.4. Durante **o** Julho (de013CVITF_2 principiante)
- 2.5. adoro beber **os** cafés todos os dias. (de027CVITF_2 principiante)
- 2.6. restaurdor **do** casas antigas (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.7. um conjunto **das** casas (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.8. Coisas /de/ que eu gosto são tocar **o** piano, [...] e sobretudo passar o tempo com os meus amigos. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.9. como sou **um** estudante ERASMUS moro em Coimbra por um ano. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.10. Erasmus aquí **no** Portugal (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.11. Tenho um irmão, que tem vengte nove anos e é **um** engenheiro (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 2.12. amigos bons **do todo** o mundo (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.13. Cheguei aquí **no** Fevereiro (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.14. Como adoro **a** cerveja (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.15. Se eu tivesse **o** tempo e se fosse rico, eu viajaria (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.16. porque eu podia vê-la <a Serre> **da** cima do terraso. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.17. morar em **uma** outra casa (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.18. estejam **na** casa dos meus pais. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.19. fazemos uma 'roda' por **a** semana (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.20. tocar **o** berimbau (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.21. quando tenho **o** tempo (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.22. Já/ Mudei **a** casa quinze vezes (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.23. Atravessando a Itália **dao** norte para **o** sul (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.24. tenha conhecido/ **a** nenhuma pessoa (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.25. É uma região rural [...] onde se produza **o** vinho (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.26. Se, num futuro próximo, for possivel lograr um pouco mais **da** igualdade (de021CVATF avançado)
- 2.27. De ponto **da** vista (de016CVATF avançado)
- 2.28. Em português há uma palavra muito especial que é "**a** saudade" (de035CVSTF proficiente)
- 2.29. Não é preciso comentar tudo o que acontece na vida com **as** palavras porque assim já não conseguimos entender bem o que o outro [...] está a dizer (de036CVSTF proficiente)

4. Desvios no uso de preposições

a. Omissão desviante de preposição²⁵

- 1.1. Quando cheguei em Portugal, falei nada português. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. vamos voltar para casa (na Suíça) juntos o dia 23 de Julho. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.3. Também vou visitar minha tia no Algarve o fim de Julho. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.4. divertir os dias ficantes! (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.5. nos fomos para a praia a Figueira da Foz. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.6. tres vezes a semana. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.7. Depois o curso de português eu continuo (de027CVITF principiante)
- 1.8. Já fui a Porto, Guimaraes, Figueira da Foz e Braga (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.9. Antes eles voltam na Alemanha visitaram Lisboa. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.10. voltar o proximo ano! (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.11. e estou triste voltar (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.12. Mas depois trabalhar (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.13. toco um bocado flûte (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.14. e continua estar muito frio (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.15. não tenho muitos tempos livres em Coimbra porque estudar aqui precisa [...] (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.16. acontece que uma aldeia morre quase toda a população. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.17. Mudei a casa quinze vezes (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.18. O sul da Itália não há industrialização nenhuma (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.19. esperar el Rei, mas um chefe uma pessoa qualquer (de016CVATF avançado)
- 1.20. Às vezes perguntamos os nossos queridos por aconselhamentos e as palavras as respostas deles vão preencher as nossas cabeças. (de035CVSTF proficiente)
- 1.21. deslocalizar-me até o Porto (de026CVSTI proficiente)

b. Adição desviante de preposição

- 2.1. Vive em Portugas **desde** dez semanas e gosto tanto (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)eu <jogo> costumar **a** jogar (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.2. no programa **de** “work and travel” e viver no estrangeiro por quase um ano. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.3. e durante <o dia> **à** tarde (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.4. Então, vamos **a** encontrar-se amanhã e vou **a** dar te as chavez. (de001CVETD principiante)
- 2.5. espero neste situação não vou **a** ter problemas também (de001CVETD principiante)
- 2.6. vai para **na** faculdade (de012CVITI principiante)
- 2.7. jogo **ao** futebol. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.8. Desejo **de** <ir> fazer uma volta (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.9. tenho estado aqui **por** cinco meses. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.10. que durante **numa** semana (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.11. muito difficil **de** dormir (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.12. As férias tento sempre **de** passar (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.13. Um grande paixão **da** minha/ são (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 2.14. desportos que posso fazer no ar livre enquanto aproveito **da** natureza (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 2.15. Caso **de** não /tenha (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.16. costuma **de** construir (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

²⁵ Os casos de omissão de preposições em complementos verbais foram incluídos em 10 – Estrutura Argumental, uma vez que coincidem com a substituição do complemento oblíquo por outro tipo de complemento.

- 2.17. As crianças são permitidas **de** deixar <á> a casa à noite para fazer brincadeiras (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
2.18. por esêmplo, **de** esconder coisas (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

c. Troca de preposição (argumental e não argumental)

- 3.1. até vou voltar **na** Suíça. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
3.2. Fui **no** Norte, **no** Sul, **para a** praia... e visitei minha prima que não vi **por** dez anos! (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
3.3. Também vou visitar minha tia **no** Algarve o fim de Julho. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
3.4. Quando cheguei **em** Portugal (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
3.5. Depois de regressar **para** Alemanha (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
3.6. os meus amigos portugueses **ao** Universidade de Coimbra (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
3.7. todos os dias mais ou menos **para** 30 minutos. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
3.8. Múnic, **ao** Sul da Alemanha (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
3.9. amigos portugueses **ao** Universidade (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
3.10. cinco as vezes **da** dia (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
3.11. muito regressar **para** Áustria (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
3.12. **Por** este localização é mais barato. (de001CVETD principiante)
3.13. Bebo leite com chocolata **a** casa e depois vejo **na** bicicleta para universidade de letras e estudo das 9h às 1h **à** tarde. (de012CVITI principiante)
3.14. Às 3h **à** tarde sou **a** casa (de012CVITI principiante)
3.15. como sempre às 11h algo doce **ao** café (de012CVITI principiante)
3.16. três vezes **na** semana (de027CVITF_2 principiante)
3.17. às 1h **à** tarde (de012CVITI principiante)
3.18. almoço às 1 **à** tarde (de012CVITI principiante)
3.19. Às 3h **à** tarde (de012CVITI principiante)
3.20. onze **à** noite (de012CVITI principiante)
3.21. é advogado e tem de trabalhar em Lisboa **para** três meses (de013CVITF principiante)
3.22. passeos **ao** "Mirador (de013CVITF_2 principiante)
3.23. ir **nos** restaurantes (de027CVITF_2 principiante)
3.24. Ele foi fascinado **para** uma quinta (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
3.25. moro em Coimbra **por** um ano. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
3.26. uma pele relativamente escura **por** um alemão (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
3.27. viver no estrangeiro **por** quase um ano. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
3.28. Antes eles voltam **na** Alemanha visitaram Lisboa. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
3.29. e farei meu fim de curso <no(...) em > **à** proxima ano (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
3.30. fazer uma volta **de** Portugal (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
3.31. mas visitá-la é o meu plano **pelas** semanas (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
3.32. [...] porque eu acho que pode ser <perigosa> perigoso **pelas** pessoas velhas e **pelas** crianças (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
3.33. tem um barco **de** vela. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.34. tenho tempo **pelas** todas estas coisas (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.35. um piano próprio **pelo** meu novo quarto (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.36. mudei **numa** outra cidade (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.37. vou com a minha família **nos** Alpes (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.38. estou com amigos **á** praia (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
3.39. maneira/ muito /divertida **para** conhecer (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
3.40. posso fazer **no** ar livre (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
3.41. acompanhados **pela** cerveja (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
3.42. acompanhados **pelo** vinho (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
3.43. Já tenho saudades de ir **em** bicicleta. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

- 3.44. Não posso esperar **a** voltar a casa para Natal. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 3.45. ir jantar **por** algum sítio (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 3.46. **Ao** treino nos treinamos (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 3.47. Nenhuma pessoa dispunha da capacidade, ou melhor era disposto, **de** questionar de forma crítica (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.48. **Ao** outro lado (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 3.49. Acho também que a rede social no campo é mais forte. Se interessa mais **para** os seus vizinhos (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 3.50. e respeito **para** os outros (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 3.51. para passar o seu tempo livre em cafés, cinemas, bares, bibliotecas <ou> etc. se tem que viajar **à** cidade. (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 3.52. As vezes atrevi-me **de** intervir com (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.53. habituados **de** lidar com contradições (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.54. estar disposto **de** aprender (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.55. As vezes atrevi-me de intervir com questões tentando revelar as suas contradições, mas <resou> resultou difícil **por** /uma/ parte pela língua **por** outra parte porque eles não estão <acostumados habitud> habituados de lidar com contradições. aprender (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.56. A noite **ao** 1. Maio (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 3.57. As crianças são permitidas de deixar <á> a casa à noite para fazer brincadeiras com as pessoas **na** aldeia (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 3.58. Cada pessoa, assim aparece, tem a sua vida e segue as suas coisas sem se interessar **para** o que faz o vizinho. (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 3.59. **A** não falar da falta <de> absoluta de oportunidades de se divertir. (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 3.60. E apanhar frutas não casa **como** “divertir-se”! (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 3.61. [...] pessoas que regressam **para** casa depois de alguma actividade (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 3.62. uma grande quantidade de relações **sobre** facebook (de007CVATD avançado)
- 3.63. [...] ela nunca é tão velha, variada e complicada **com** essa de Portugal (de016CVATF avançado)
- 3.64. há sempre uma maneira mais indirecta e complicada **para** descrever ou explicar um assunto. (de016CVATF avançado)
- 3.65. O português ajuda muito **para** complicar as coisas na vida em Portugal. (de016CVATF avançado)
- 3.66. donde partia um barco **ao** Brasil. (de026CVSTI proficiente)
- 3.67. desde Lisboa **ao** Rio de Janeiro (de026CVSTI proficiente)

5. Desvios na colocação do pronome pessoal átono

a. Omissão de clítico

- 1.1. por isso, vamos divertir os dias ficantes! (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. As noites gosto de passar com os meus amigos. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.3. As férias tento sempre de passar (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.4. passatempo – **sentimos** na cozinha, comemos comida vegetariana (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
[Cf. PLNM *sentamo-nos*]
- 1.5. quando eu estudo muito, eu tenho também de mover depois.(ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.6. A minha infância passei nas áreas rurais (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.7. Agora posso imaginar viver no campo (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 1.8. fazem com que nós sintamos seguros (de035CVSTF proficiente)

- 1.9. usamos as palavras erradas - seja porque **não escolhimos** bem ou porque (de036CVSTF proficiente)
- 1.10. A resposta está a procurar na grande história de Portugal, na literatura portuguesa e também na rua onde os portugueses encontram (de016CVATF avançado)

b. Adição indevida de clítico

- 2.1. aprender estratégias para melhorar-**me**. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.2. pude comprar-**me** um piano próprio (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.3. e socializando-**me** muito (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.4. É preciso recordar-**se** de que o homem contemporaneo (de037CVSTF proficiente)

c. Posição desviante do pronome clítico

- 3.1. Para fazer compras, tem-**se** que conduzir (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 3.2. para passar o seu tempo livre em cafés, cinemas, [...] etc. **se** tem que viajar à cidade (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 3.3. Quando encontramos-**nos** na próxima vez (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 3.4. **Se** interessa mais para os seus vizinhos e não se mora tão anónimo (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 3.5. Espero que vejamo-**nos** rápido (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 3.6. No fim de Janeiro, **se** <construa> costuma de construir (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

6. Concordância nominal em número

a. Omissão de marca de número

- 1.1. **Na** aulas vão são á noite e eu vou três vezes na semana. (de027CVITF_2 principiante)
- 1.2. Os **português** são (de027CVITF_2 principiante)
- 1.3. tenho os cabelos **preto**. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.4. os meus amigos **português** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.5. São **baratíssimo** (de027CVITF principiante)
- 1.6. Os **português** são simpáticos (de027CVITF principiante)
- 1.7. sejam <saudáveis> /sãos/ e **feliz** por muitos anos. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 1.8. escrever que não eram **capaz**, (...) têm **todo** um bom sentido. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.9. porque <(.)> há **bastante** coisas (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.10. Não há tantos **concert** ou discotecas (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.11. montanhas altíssimas e também **planiçe** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 1.12. traduções que são – **relacionado** à Alemanha – inusuais (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.13. Estas coisas são **indispensavel** para uma (de007CVATD avançado)
- 1.14. amigos ou relações **boa** (de007CVATD avançado)
- 1.15. coisas são **indispensavel** (de007CVATD avançado)
- 1.16. uma **simple** conversa (de016CVATF avançado)
- 1.17. tinham também sempre **saudade do** seus maridos, namorados e irmãos (de016CVATF avançado)
- 1.18. **O seguinte problema está** relacionado com o hotel: Não só carecia de ar condicionado, mas também a comida não era tal como eu tinha imaginado (de026CVSTI proficiente)

b. Troca de marca de número

- 2.1. dias das 9h às 1h (de012CVITF principiante)
- 2.2. eu almoço às 1 (de012CVITF principiante)

- 2.3. onde/ decorre **formações** tambem. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.4. gosto muito de **desportos** (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.5. divido com **umos** amigos (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.6. **olhos azules** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.7. pontos de vistas normativas (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.8. é, sem **dúvidas**, viajar (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.9. **As noites** estou com amigos (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.10. E subir **as** Quebracostas (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.11. não tenho **muitos tempos livres** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

7. Desvios na concordância verbo-nominal

a. Omissão da marca de pessoa no verbo

- 1.1. Fui muitas experiências aqui enquanto **viajar** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.1. eu <jogo> **costumar** a jogar (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.2. Minha **familia não <gost> fazer** desporto (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.3. gosto de possibilidade ir à praia e ver o oceano mas também **/agradecer/** muito regressar (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 1.4. e se reunissem para **estar** mais forte. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.5. e bom diferente da “franconie moselle”, se bem <se>, não **ser** longe dela (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

b. Troca da marca de pessoa no verbo

- 2.1. **Fui** muitas experiências aqui (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.2. Depois **fica** só <se> cinco mais semanas até vou voltar na Suíça. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.3. **Vive** em Portugal desde dez semanas e gosto tanto. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.4. talvez voce **podem** perguntar (de001CVETD principiante)
- 2.5. **Eu vai** para na faculdade (de012CVITF principiante)
- 2.6. e XXXXX e eu **são** libros de començar (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.7. juntos nos **creiam** um centro (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.8. e /onde/ **decorre** formações (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.9. Um rapaz português **moro** comnosco (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.10. uma amiga de mim e eu **cozinham** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.11. 16 regiões, que também **tem** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.12. até parecidas, **tem** teatro, cinema (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.13. as cidades **tem** em comum (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
gosto muito de estar em Portugal e **estuda** em Coimbra (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.14. Quanto tempo **passam** desde (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.15. também **existe** as coisas (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.16. algumas coisas **depende** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.17. esta tradição **cheguei** com (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)

8. Desvios na seleção de formas verbais (tempo-aspeto-modo)

a. Troca de forma verbal (tempo-aspeto)

- 1.1. Minha namorada **fica** na Suíça na semana passada (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. Quando cheguei em Portugal, **falei** nada português. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.3. **Faz** vinte e três anos (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)

- 1.4. Quanto eu vivia no meu país morava numa quinta <antigua> antiga do ano de 1740 que XXXXX, o meu marido **restaurava** durante 12 /doze/ anos (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 1.5. Quando era jovem **gostei** muito de jogos (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.6. Cada dia **estava a jogar** futebol (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.7. Quando o meu pai e o meu irmão foram aqui visitamos Conimbriga <e>, mas foi mais o menos tudo porque **hve** muito calor. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.8. fomos juntos em Coimbra mas também em Figueira da Foz e Aveiro. Acho que eles **gostam** muito dessas excursões. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 1.9. estudo em Coimbra, mas sou da Alemanha. Eu **fazia** um ano de Erasmus <no> em Portugal (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 1.10. **Desejo** de <ir> fazer uma volta de Portugal, se tivesse tempo e **visito** outras cidades (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.11. e **tenho estado** aqui por cinco meses. Moro em Celas com um amigo alemão num apartamento (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.12. Agora, a minha viagem já quase **acaba** e estou triste (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.13. **Desejo** de <ir> fazer uma volta de Portugal, se tivesse tempo e **visito** outras cidades (...) (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 1.14. Durante a Queima eu gostei o meu bairro só na noite da Serenata (...). As outras noites **estava** muito difícil de dormir (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.15. canto com as minhas irmãs se **estejam** na casa (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.16. Quanto tempo **passam** desde a última vez que te ví! (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.17. A última vez que **estava** em Hamburgo (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.18. Eu sou da cidade e sempre **vivia** na cidade. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.19. Caso de não /**tenha**/ <experimentar> **experimentado** isto, faltasse-me uma coisa muito básica na minha vida (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.20. prefiro fazê-lo mais tarde, talvez quando **tenha** 26 anos. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.21. É uma cultura “nova”, que se **desenvolia** no fim da guerra de 30 anos. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.22. a questão é participar e **era** assim desde o início (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 1.23. Sempre **havia** e sempre haverá (de021CVATF avançado)
- 1.24. No percurso da história da humanidade sempre **existiam** movimentos filosóficos, religiosos e políticos (de021CVATF avançado)
- 1.25. Durante milhares de anos, o homem **estava** perante perigos mortais no seu quotidiano. (de037CVSTF proficiente)

b. Troca de modo verbal

- 2.1. Desejaria ter dois filhos <(…) que> que **vivem** comigo e **são** /sãos/ <saudáveis> e felizes no lugar onde **vamos morar**. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 2.2. Queria ser uma boa médica que **compreenderá** bem os problemas dos <meus> seus doentes e que **poderá** ajudar muitos deles (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 2.3. Quando **acabei** o meu curso de Medicina gostaria de trabalhar num país estrangeiro (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 2.4. Um rapaz português moro connosco também, mas não fala muito, por isso o meu português não **e que bom que possa ser**. (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.5. saudade quando **volto** (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.6. o tempo basta para ler um livro que não **é** de Medicina. (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.7. sempre que **possa** durmo (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.8. Nos temos só um minimercado que **venda** as coisas mais caro do que num supermercado (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.9. No meu bairro queria mudar que os carros não **têm** o direito de andar nas ruas pequenas (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)

- 2.10. A última vez que estava em Hamburgo <(…) em> grelhamos na case de XXXXXe logo que **começássemos** a /*carne/ começou a chover. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.11. mais agradável, mesmo que **chove** mais em Coimbra (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.12. Eles querem viver na cidade onde acham que **tenham** mais possibilidades no futuro (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.13. talvez quando **tenha** 26 anos. (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.14. Caso de não /tenha/ <experimentar> experimentado isto, **faltasse**-me uma coisa muito básica na minha vida (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.15. Resumindo, <posso (...)> /devo constatar/ que não **tenha sido** um ano muito frutífero. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.16. todos os homens são capazes, têm todo um bom sentido. É só que não o **utilizem**. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.17. Lamento dizer que não <(…)> /**tenha conhecido**/ a nenhuma pessoa que <(…)> **era** capaz de teorizar o seu senso comum (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.18. É uma região rural [...] onde se **produza** o vinho (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.19. o que mais me <gos apeteceria> **apetecesse** seria viver na margem duma cidade (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 2.20. Mas caso a língua de um povo **continua** a ser falado este povo vai também continuar a existir, (de006CAATF avançado)
- 2.21. estão a esperar el Rei D. Sebastião **voltando** do sua viagem. (de016CVATF avançado)
- 2.22. não penso verdadeiramente que os portugueses estejam a esperar el Rei, mas um chefe uma pessoa qualquer que **poderia** mudar os problemas do país. (de016CVATF avançado)
- 2.23. Pode ser que Honré de Balzac **escreveu** esta frase depois de ter estudado as consequências da Revolução Francesa. (de021CVATF avançado)
- 2.24. Mesmo que a Suíça **tem** também a sua história, ela nunca é tão velha, variada e complicada com essa de Portugal (de016CVATF avançado)
- 2.25. Mas acho que todos deveriam estar de acordo se eu **digo** que nos melhores momentos da vida estamos sem palavras (de036CVSTF proficiente)

9. Desvios na seleção lexical

a. Escolha de registo

- 1.1. Bom dia, muito prazer, que **querias** conhecer? (de001CVETD principiante)
- 1.2. capital enorme **tipo** Paris (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 1.3. que me **molestam** e me **chateiam** (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 1.4. Não só **carecia de** ar condicionado (de026CVSTI proficiente)
- 1.5. que me levou a comprar o pacote **tal** (de026CVSTI proficiente)

b. Troca de vocábulo

- 2.1. **Fui** muitas experiências aqui enquanto viajar (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.2. vamos divertir os dias **ficantes!** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.3. mais ela **vai aqui** outra vez (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.4. **Sou** mais ou menos 1.90 (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.5. <(…)> oceano <por que> no **swimming-pool**. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.6. fazer desporto tanta **as me**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.7. importante para sua **saúdavel**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.8. **Para sua saúde** <e importante devam> devam caminhar (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.9. Coma muito **engorda comide** (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.10. É muito importante **esta fazer** desporto. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.11. faço <desporto> **tão tanto** e estudo **desportivo**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)

- 2.12. fazem desporto e <o> **vivem saudável**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.13. mas também /**agradecer**/ muito regressar (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 2.14. **Sou** em Portugal desde o Fevereiro (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 2.15. importante para mim **está** o preço (de001CVETD principiante)
- 2.16. **Foi** sempre aqui e não tive (de001CVETD principiante)
- 2.17. talvez voce podem **perguntar para uma salada** na cozinha (de001CVETD principiante)
- 2.18. gostaria **perguntar por** algumas informacoes sobre o quarto. (de001CVETD principiante)
- 2.19. **Qual possibilidades** de transportes (de001CVETD principiante)
- 2.20. gostaria morar **ahi**. (de001CVETD principiante)
- 2.21. dar te as **chavez** (de001CVETD principiante)
- 2.22. Bom dia, muito prazer, que querias **conhecer**? (de001CVETD)
- 2.23. O metro **é mais cerca** é as Electricas! (de001CVETD principiante)
- 2.24. para **universidade** de letras (de012CVITI principiante)
- 2.25. faço a **siesta** (de012CVITI principiante)
- 2.26. depois **vejo** na bicicleta (de012CVITI principiante)
- 2.27. Às 3h à tarde **sou** a casa (de012CVITI principiante)
- 2.28. na minha bicicleta porque é mais **confortavel** (de012CVITI principiante)
- 2.29. do que o metro para **me**. (de012CVITF_2 principiante)
- 2.30. O tempo está muito **bem!** (de027CVITF principiante)
- 2.31. Na aulas **vão são** á noite (de027CVITF principiante)
- 2.32. o seu **serviço (alternativo) social** (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.33. Ele **foi** fascinado para uma quinta perto de < Figueiró> Figueiro dos Vinhos (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.34. e XXXXX e eu são **libros** de començar (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.35. todos os filhos já <ficamos> **ficam** fora da casa. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.36. muitas pequenas casas **rustiçeis**. (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.37. para fazer ferias, **medianais** (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.38. correr em uma **selva** de que na cidade (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.39. E **vou ir** a Lisboa <(...)> e Faro **pronto**. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.40. **Alado** de esas actividades (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.41. Mas nunca **gano**. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.42. Tambem **encantei** jogar futebol. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.43. **Casi olvidei** contar (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.44. **Encanto demasiado** de sair por a noite (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.45. beber algunos finos e **afinal** ir a uma discoteca (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.46. sair **por a** noite. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.47. Mergulhar, nadar e **surfing** (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.48. **Ademas** gosto muito (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.49. **Cada dia** estava a jogar futebol **foro** com amigos (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.50. Em mesmo centro tambem **tem** quartos (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.51. Casi olvidei **contar de** a minha actividade (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.52. **Terminei** jogar futebol há 3 anos. (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.53. **Encontrar** com amigos (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.54. Por isso será **mais aborrecido na nossa casa**. (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.55. tocar **o** piano (ALEMÃO.ER.A2.33.1.1A)
- 2.56. Antes, **quando ainda ia ao colégio** morava (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.57. mas **foi mais o menos tudo** porque (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.58. A minha familia também **foi** aqui em Coimbra.[...] Não só <f> **fomos** juntos em Coimbra mas também em Figueira da Foz e Aveiro. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.59. Primeiro **foi** a minha mãe (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.60. meu pai e o meu irmão **foram** aqui visitamos (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.61. como a **majoría** (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.62. estudo direito no **terço** ano (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)

- 2.63. Minha irmã só tem **dezacinco** anos (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 2.64. e **farei meu fim de curso** <no(...) em > à proxima ano (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 2.65. Para mim, **cozinhar comidas novas junto** com alguns amigos (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.66. sempre que possa durmo **longo** (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.67. gosto muito de tocar **o** piano. (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.68. de vez em quando, o tempo **basta** para ler (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 2.69. comida em Portugal e mais leve e saudável, **leva** muito mais peixe (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.70. na minha casa **fica** um bar **em** baixo. (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.71. No meu bairro queria **mudar que** os carros não têm o direito de andar nas ruas pequenas (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.72. As outras noites **estava** muito difficil de dormir (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.73. Além disso toco um bocado **flûte** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.74. **Desde tive** cinco anos toco piano (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.75. Alpes **quais** são perto da nossa casa (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.76. Apesar disso gosto de **fazer música** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.77. comprar-me um piano **próprio** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.78. **Cada** semana tive aulas de piano. (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.79. **fazer passeios** com a minha bicicleta (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 2.80. a fotografia <que> **ou bem** desenhar. (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J) [cf. FR *ou bien*]
- 2.81. diferentes **sortes** de desporto (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 2.82. Um grande **passão** /da minha (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 2.83. muitos hábitos que não **tem em lado nenhum menos lá**. (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.84. não só porque é saudável, **mais** também porque (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.85. há muitos monumentos e igrejas, como aqui em Coimbra **também** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.86. subir as Quebracostas com a **campra** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.87. **Não** posso esperar (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.88. saudades de **ir** em bicicleta (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.89. duas horas, algumas vezes mais **longe** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.90. Capoeira e minha **passion** são entre outros os livros (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.91. com amigos à **natura** para fazer um passeio muito **longe**. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.92. **No fim** também existe as coisas, (...) como ler um livro ou cantar **quais** eu gosto (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.93. nós começamos uma hora **atrasada**. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.94. também de **levar** a casa (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.95. tenho também de **mover** depois. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.96. para practicar **tocar o berimbau** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.97. Não sabem como se **ve** uma vaca (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.98. com possibilidades **culturales** e **interculturales** (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.99. **Se um** <(..) > **quiser** pode viver com a **naturaleza** dentro da cidade (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.100. e não se mora tão **anónimo** como (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.101. a oportunidade de **envolver** os seus próprios <caractères> <caracteres> **caracteres** (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.102. Mas agora as grandes cidades estão **a atirar-me** (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.103. meu **exame de madureza** (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.104. que me **molestam** e me chateiam (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 2.105. com **cantidades** de concertos (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 2.106. é uma cidade com **extremamente muitos** parques (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 2.107. muitas vezes **são** cheios demais (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 2.108. e como **cada** país, apresenta grandes diferencias mesmo no /seu/ interior (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)

- 2.109. **A gente** é mais pobre (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.110. **A coisa** que junta os italianos todos (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.111. O meu país, a Itália, é **muito** <estendida> **estendido** na direcção norte-sul (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.112. não há **industrialização** nenhuma porque **confina** só com o mar (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.113. aqui é plantada a maioria da **comida de** fruta e verdura italiana (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.114. usavam termos tão <dist> **discutidos** como por exemplo (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.115. que vejamo-nos **rápido** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.116. eles reparassem que **compartem** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.117. dispunha da capacidade, ou melhor **era** disposto, de questionar (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.118. e se reunissem para **estar** mais forte. (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.119. Já há muito que **não te falei** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.120. Eu estou a acabar o meu **estudo** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.121. têm todo um bom **sendo** (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.122. Não **dispunham de** <uma> /nenhuma/ **noção** <(…)> /que/ desta forma **procriavam** esta inconsciência nas cabeças dos /seus/ estudantes (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.123. **Acima** disso, muitos representavam (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.124. Sou de Alemanha, mas como **encontrei** <antes> /depois/ de chegar à Portugal, nunca conheci a Alemanha como país. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.125. As crianças são **permitidas de deixar** <á> a casa à noite (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.126. só posso **dar** uma descrição (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.127. construir um **velo de palmas** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L) [cf. PLNM *palmatória para vela*]
- 2.128. Os meus pais são da “**terra de Sarre**”, que é bom diferente da “**franconie moselle**” (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.129. Noite de **brujas** (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.130. fazer um “**barbeque**” (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.131. E uma **terra** fortemente **significada** pela indústria (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.132. que é **bom** diferente (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.133. Já **traduções** que são – relacionado à Alemanha – **inusuais**. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.134. esta tradição cheguei com as pessoas que **voltaram** do <Brasil> Brasil no séc. 18/19 (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.135. grande e ser **costumada** (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.136. sobreviver /a **proximidade** / aqui (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.137. posso imaginar viver no campo também, ainda **menor** (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.138. ainda mais vantagens e **por cima** dá para manter (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.139. grande e **ser** costumada (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.140. e **ser costumada** viver lá (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 2.141. seria viver **na margem** duma cidade (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 2.142. porque **nesta** <Resta> o problema (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 2.143. **igual** como a floresta (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 2.144. Não há melhor **tempo** para ler um bom livro do que as quatro da **noite** (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 2.145. o estado não tem um papel **tão grande** (de006CAATF avançado)
- 2.146. a comunicação entre pessoas sem internet mas **na realidade** é uma necessidade (de007CVATD avançado)
- 2.147. **Actividades comuns** como desporto ou dançar são (de007CVATD avançado)
- 2.148. língua portuguesa que tem apenas 26 diferentes tempos **a usar** (de016CVATF avançado)
- 2.149. **Não a esquecer** é a grande saudade e tristeza que faz parte da cultura portuguesa. (de016CVATF avançado)
- 2.150. Como estrangeira eu tenho esta **vista** de Portugal (de016CVATF avançado)
- 2.151. A **maré** atlântico é grande e profundo (de016CVATF avançado)
- 2.152. frase do escritor **francês** Honoré (de021CVATF avançado)

- 2.153. movimentos filosóficos, religiosos e políticos que **intentavam realizar** a igualdade (de021CVATF avançado)
- 2.154. No entanto, o **afán** de realizar (de021CVATF avançado)
- 2.155. Se (...) for possível **lograr** um pouco (de021CVATF avançado)
- 2.156. nascerá outra **geração** que lutará pela igualdade (de021CVATF avançado)
- 2.157. daí que eu tive que **deslocalizar-me** até o Porto (de026CVSTI proficiente)
- 2.158. Em vez de organizarem actividades culturais, só **eram** previstas aulas de surf (de026CVSTI proficiente)
- 2.159. capoeira, tentativa que resultou numa perna **quebrada** (de026CVSTI proficiente)
- 2.160. **cada dia** não só (de036CVSTF proficiente)
- 2.161. Muitas vezes uma **olhada** (Portugal) pode dizer mais que mil palavras. (de036CVSTF proficiente)
- 2.162. Com as palavras, **sabemos** defender-nos (de036CVSTF proficiente)
- 2.163. não é feita de **químicas** (de036CVSTF proficiente)
- 2.164. Sobretudo hoje em dia já não estamos **acostumbrados** ao silêncio (de036CVSTF proficiente)
- 2.165. nos melhores momentos da vida **estamos** sem palavras , mas com cara de espanto (de036CVSTF proficiente)
- 2.166. mas com cara de espanto e só capaz de **soprar** "Ohh!" (de036CVSTF proficiente)
- 2.167. **Vontade** pela segurança (de037CVSTF proficiente)
- 2.168. paralizadas e **determinadas** pelo medo (de037CVSTF proficiente)
- 2.169. na última frase, **somos** "mergulhados" (de037CVSTF proficiente)
- 2.170. homem contemporaneo já não vive nas **selvagens** (de037CVSTF proficiente)
- 2.171. **somos** "mergulhados" num ambiente de incerteza. Tentativas de alcançar uma segurança total, **seriam** condenadas a fracassarem (de037CVSTF proficiente)
- 2.172. "stress" perante situações que, **rigorosamente dito**, não deviam ser **avaliadas consideradas** assustadoras (de037CVSTF proficiente)

10. Desvios na estrutura argumental

a. Troca de complemento verbal²⁶

- 1.1. Eu **gosto o Atlantico** (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.2. prefiro o <(...)> oceano <por que> **no** swimming-pool. (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.3. Eu **gosto fazer jogging**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.4. No tempo livre eu **encontro** com meus amigos (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.5. **gostaria morar** (de001CVETD principiante)
- 1.6. **gostaria perguntar** por algumas informações sobre o quarto. (de001CVETD principiante)
- 1.7. não **pedii por** batatas (de001CVETD principiante)
- 1.8. talvez voce podem **perguntar para** uma salada na cozinha. (de001CVETD principiante)
- 1.9. **sair o** restaurante (de001CVETD principiante)
- 1.10. Não **gosto batatas fritas** e preciso **as vitaminas**. (de001CVETD principiante)
- 1.11. **prefiro** correr em uma selva **de que na cidade** (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.12. eu **gostei o meu bairro** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.13. Quando mudei **numa** outra cidade para estudar (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 1.14. Também **gosto** muito **isso** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.15. eu **gosto as duas** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.16. **O que eu costumo gostar** é principalmente passar tempo com amigos (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 1.17. **Quero de** visitar as cidades conhecidas (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)

²⁶ Existem dois exemplos de complementos do nome (*amigos de mim*), mas não são suficientes para criar uma categoria. Por essa razão, considerámos apenas os exemplos de complementos verbais.

- 1.18. Ou –claro – às vezes **quero de** fazer nada (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.19. não se /precisa/ **tanto tempo** (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 1.20. só de forma diferente (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.21. (...) tradições “proto-christãs” <, (...)> /de **arder coisas**/, (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.22. Terei que **pensar outra ideia** (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 1.23. Não é [...] **possível de** falar sobre temas (de007CVATD avançado)
- 1.24. Não pode ser **abusado** (...) (de035CVSTF proficiente)
- 1.25. Às vezes **perguntamos os** nossos queridos **por** aconselhamentos (de035CVSTF proficiente)
- 1.26. quando há pessoas que **as abusam** (de035CVSTF proficiente)
- 1.27. É preciso recordar-**se de** que o homem contemporaneo (de037CVSTF proficiente)

11. Desvios na ordem

a. Troca da ordem de constituintes na frase

- 1.1. espero que podemos falar em português **também!** (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. não falo português **muito**. (de027CVITF principiante)
- 1.3. gostamos muito de viajar e **sempre é** muito agradável. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 1.4. e que poderá ajudar muitos deles <de> **a curar**. (ALEMÃO.ER.A2.37.1.1A)
- 1.5. Nos tempos livres gosto de fazer diferentes sortes de desporto como a equitação, a escalada e, o jiu-jitsu. Gosto /**também**/ muito <também> de fazer passeios com a minha bicicleta (ALEMÃO.ER.B1.43.33.1J)
- 1.6. **Toda cidade por si tem** suas vantagens (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 1.7. e **sempre há** uma festa pequena no quarto de alguém (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.8. comemos comida vegetariana muito boa e algumas vezes bebemos **também** vinho e falamos sobre o mundo. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.9. Mas eu tenho também de levar a casa porque quando eu estudo muito, eu **tenho também** de mover depois. (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.10. muito pequena **com só** dez casas (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.11. **Acho também** que a rede social (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.12. Mas **sempre há** diferenças (ALEMÃO.ER.B2.27.69.3Q)
- 1.13. Numa cidade como Berlim **sempre há** espaço (ALEMÃO.ER.B2.35.69.3Q)
- 1.14. mas **uma qualidade falta**, porque **tempo é necessário** numa relação boa. (de007CVATD avançado)
- 1.15. É aqui onde **começa a história ser interessante**. (de016CVATF avançado)
- 1.16. Mesmo que a Suíça **tem também** a sua história (de016CVATF avançado)
- 1.17. na verdade e **para só** sentir a vida (de035CVSTF proficiente)
- 1.18. **Não a esquecer** é a grande saudade e tristeza que faz parte da cultura portuguesa. (de016CVATF avançado)
- 1.19. Mas como os nossos cérebros estão tão cheios de palavras, as vezes é muito difícil **não só** encontrar a palavra certa para todas as situações, mas também usamos as palavras erradas (de036CVSTF proficiente)
- 1.20. São as palavras com as quais **começa tudo**: Discussões e guerras, (...) (de036CVSTF proficiente)

b. Troca da ordem de palavras no constituinte

- 2.1. não beba <tanta> bebidas alcoolicas **tantas**. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 2.2. **Muito gosto** de possibilidade ir à praia e ver o oceano (ALEMÃO.ER.A1.44.1.1A)
- 2.3. Tenho muitos **amigos bons** (ALEMÃO.ER.A2.46.1.1A)
- 2.4. semanas num **empresa grande** (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.5. e sempre há uma **festa pequena** no quarto de alguém (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)

- 2.6. encontrei um quarto **depois de tres dias** (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 2.7. já são **amigos bons** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.8. é, acho, <um> /o/ **problema maior** /no campo (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.9. como num **casa grande** na (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.10. turismo como **fonte maior** de dinheiro (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.11. junta os **italianos todos** (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.12. mas uma qualidade falta, porque tempo é necessario numa **relação boa**. (de007CVATD avançado)
- 2.13. contactos com amigos ou **relações boa**. (de007CVATD avançado)
- 2.14. tem apenas 26 **diferentes tempos** (de016CVATF avançado)
- 2.15. A **arma maior** do mundo (de036CVSTF proficiente)

12. Desvios nas estruturas de sujeito

a. Adição de sujeito explícito

- 1.1. Ali **eu** estoudo /física (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 1.2. tempo livre **eu** encontro (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.3. Ontem **eu** fiz jogging (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.4. **Eu** gosto <der> de jogar (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.5. Em Coimbra **eu** <jogo> costumar basquetebol. Em Coimbra **eu** <jogo> costumar (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.1. **Eu** gosto fazer jogging. <e fazer desporto> **Eu** faço <desporto> tão tanto e estudo desportivo. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.2. á noite e **eu** vou três vezes na semana (...). **Eu** vou visitar (de027CVITF_2 principiante)
- 1.3. fazer desporto <no> **eu eu** meu tempo (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 1.4. **Eu** sou XXXXX, **eu** morro e estudo em Coimbra, mas sou da Alemanha. **Eu** fazia <uma> um ano de Erasmus <no> (...) **Eu** estudo (...) (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 1.5. **Eu** gosto muito de desportos. (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 1.6. Se **eu** tivesse o tempo e se fosse rico, **eu** viajaria todo o ano! (ALEMÃO.ER.B1.30.33.1J)
- 1.7. **Nos** temos só um minimercado (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.8. Por causa de isso **eu** tenho (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.9. Queima **eu** gostei o meu bairro (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 1.10. **Eu** gosto muito de estar (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.11. (...) **eu** não tenho (...). Mas muitas vezes **eu** cozinho (...). Mas **eu** tenho também de levar a casa porque quando **eu** estudo muito, **eu** tenho também de mover depois. <A> Às vezes **eu** vou correr – (...). Na segunda – e na quarta-feira **eu** vou ou treino (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.12. Nos fims-de-semana **eu** faço algumas (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.13. **Eu** sou da cidade e sempre vivia na cidade (...) e **eu** sempre gostei (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 1.14. **Eu** estou a acabar (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.15. quando **eles** eram estudantes (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 1.16. Por mais que **nós** mergulhemos na cultura portuguesa, **nós** não chegamos ao fundo. (de016CVATF avançado)
- 1.17. Como estrangeira **eu** tenho esta vista de Portugal. (de016CVATF avançado)
- 1.18. **Eles** não conseguem (...) ou **o outro** não entende (de036CVSTF proficiente)

13. Conectores

a. Troca de conector

- 1.1. Devem fazer desporto **porque não muito** engorda. (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.2. Aqui todo é menos burocrático **assim que** encontrei um quarto depois de tres dias. (ALEMÃO.ER.B1.67.6.1B)
- 1.3. **Sempre quando** tiver tempo, vou para casa dos meus pais (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 1.4. que se encontram eventos quer **que** seja teatro, quer **que** seja concerto. (ALEMÃO.ER.B1.68.33.1J)
- 1.5. Deve ser possível encontrar um lugar <de balanço> onde haja equilíbrio entre “discoteca” e “deserto”! (...) A solução do enigma é a seguinte: o que mais me <gos apeteceria> apetecesse seria viver na margem duma cidade, com o supermercado bem perto, **igual como** a floresta. (ALEMÃO.ER.B2.41.69.3Q)
- 1.6. **Quando** não houvesse a língua portuguesa, não havia portugueses (de006CAATF avançado)

14. Outros desvios

a. Desvios não classificáveis

- 1.1. Quando cheguei em Portugal, falei **nada** português. (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 1.2. O meu pai é **profissão para desporto no escola**, (...) (ALEMÃO.ER.A1.41.1.1A)
- 1.3. Ou –claro – às vezes quero de fazer **nada**, só pensar à algumas coisas depende do mundo (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 1.4. Os meus pais são da “terra de Sarre”, que e bom diferente da “franconie moselle”, **se bem <se>, não ser** longe dela. (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 1.5. Para estabelecer uma amizade sadia e integral **a comunicação entre pessoas sem internet mas na realidade é uma necessidade** (de007CVATD avançado)
- 1.6. ela nunca é tão velha, variada e complicada **com essa** de Portugal. (de016CVATF avançado)
- 1.7. **Em fazendo** uma grande confusão, ou seja uma grande mistura de contrários, **fazem com que façamos** o contrário do que pensamos e nem o reparamos (de035CVSTF proficiente)

b. Desvios residuais provenientes de outras categorias

- 2.1. na semana passada **mais** ela vai (ALEMÃO.ER.A1.25.6.1B)
- 2.2. Ali eu estoudo (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.3. não e facil **mais** eu <profiro> prefiro (ALEMÃO.ER.A1.37.1.1A)
- 2.4. vou a **dar te** (de001CVETD principiante)
- 2.5. vamos a encontrar-**se** amanhã (de001CVETD principiante)
- 2.6. douze anos (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.7. nos **creiam** um centro (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.8. para o seu **serviço** (alternativo) social (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.9. **libros** de **començar** uma (ALEMÃO.CA.A2.20.1.1A)
- 2.10. beber **algunos** finos (ALEMÃO.CF.A2.16.33.1J)
- 2.11. para fazer /***anorvboarding***/ (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.12. ficar **umos** meses (ALEMÃO.ER.A2.34.1.1A)
- 2.13. Antes eles **voltam** na Alemanha visitaram Lisboa. (ALEMÃO.ER.A2.38.1.1A)
- 2.14. tem **vengte** nove (ALEMÃO.ER.A2.39.1.1A)
- 2.15. Por causa **de isso** (ALEMÃO.ER.B1.31.77.3T)
- 2.16. uma amiga **de mim** e eu cozinham (ALEMÃO.ER.B1.40.33.1J)
- 2.17. são **amigos** bons **de mim** (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J)
- 2.18. já **comerça** a <never> nevar (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)
- 2.19. Comerçando pela **cuisinha** (ALEMÃO.ER.B1.66.50.2L)

- 2.20. meu **passamento**– real (ALEMÃO.ER.B1.69.33.1J) [Cf. PLNM *passatempo*]
- 2.21. Ao outro lado **é que** nas cidades muitas crianças já não conhecem os vegetais, frutas e também animais básicas. (ALEMÃO.ER.B2.10.69.3Q)
- 2.22. fazer pique-nique na relva (ALEMÃO.ER.B2.25.69.3Q)
- 2.23. grandes diferenças mesmo (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.24. nota-se diferenças de paisagem (ALEMÃO.ER.B2.32.50.2L)
- 2.25. **Melhor** falamos mais pormenorizadamente sobre este assunto quando tiver voltado... (ALEMÃO.ER.B2.33.6.1B)
- 2.26. Luxemburgo e da Bélgica (ALEMÃO.ER.B2.34.50.2L)
- 2.27. A resposta **está a procurar** na grande história (de016CVATF avançado)
- 2.28. esperar **el Rei** D. Sebastião (de016CVATF avançado)
- 2.29. Era muito bonito se a situação de Portugal **poder** tornar mais positiva. (de016CVATF avançado)
- 2.30. minhas férias anuais (de026CVSTI proficiente)
- 2.31. como começam as **disconcordâncias** (de036CVSTF proficiente)
- 2.32. **São as palavras com as quais começa tudo**: Discussões e guerras, (...) (de036CVSTF proficiente)
- 2.33. estabeleceu-se o medo na psicologia humana, **porque** contribuiu para a sobrevivência do homem. (de037CVSTF proficiente)